

Maria Eugênia Maceira Montenegro

LEMBRANÇAS
E TRADIÇÕES
DO AÇU

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO

Dept. História - NEH
ACERVO BIBLIOGRÁFICO
RIO GRANDE DO NORTE

1272/93



MONTENEGRO, Maria Eugênia Maceira.
Lembranças e Tradições do Açú,

Fundação José Augusto, Natal-RN,
1 9 7 8. 190 p. il.

Ao apresentar este livro ao público, quero ressaltar que não se trata de um trabalho erudito, mas, sim, de observações que logrei captar e anotar nos longos anos de vivência com o povo do Vale do Açu. Observações que são uma súpula das tradições e dos costumes do povo deste fértil Vale dos Verdes Carnaubais e que, ao mesmo tempo, expressam a minha curiosidade e simpatia pelas pesquisas de cunho folclórico.

Como sabemos, folclore é uma palavra de origem inglesa, composta de dois vocábulos distintos: folk — que significa povo e lore conhecimento, estudo. É, pois, a ciência que estuda a alma dos povos, seus costumes e usos.

Esta palavra foi inventada, em 1846, por W. J. Thoms, que a usou para substituir expressões que não eram do agrado popular, como antigüidades populares ou tradição popular.

A palavra foi plenamente adotada por sábios filandeses, escandinavos, russos e de outras nações. Mais tarde, eruditos da língua latina adotaram, por comodidade, o elegante vocábulo.

Os traços que fazem o folclore, segundo o eminente escritor, estudioso do assunto, Câmara Cascudo, são:

Divulgação

Persistência

Anonimato

Antigüidade

A princípio, eram bem reduzidos os domínios do folclore. Hoje, abrange uma vasta área em todos os países, como propulsor do turismo e, conseqüentemente, do progresso. Por outro lado, através do estudo de usos e costumes, das artes populares e de outras manifestações da alma do povo, adquire-se um precioso documentário etnológico.

O folclore, portanto, não se restringe apenas a uma crença a uma fantasia ou a um costume popular. Abrange um vasto campo nas estórias de fadas. Temos sua sobrevivência e permanência do sentimento cristão, nas divindades, nos presépios, lapinhas e pastoris.

O folclore abrange outros campos:

Nos contos e lendas temos um verdadeiro mundo encantado nas Histórias da Carochinha. Quem nunca ouviu falar em Branca de Neve e os Sete Anões, Joãozinho e Maria, Gata Borralheira, Aladim e a Lâmpada Maravilhosa? Qual a criança que nunca se assombrou com o Saci-pererê, o Papa-figo, a Caipora, a Uiara ou Mãe-d'água? Essas estórias permaneceram na memória do povo, através dos tempos.

Nas canções e nas músicas populares, elas representam a alma de cada povo, em seus respectivos países.

Nas recreações e nos brinquedos, o folclore está presente na Ciranda — cirandinha, na Berlinda, na Viuvinha, na Boca de forno, nos brinquedos de roda e em centenas de folguedos populares.

Nas cerimônias religiosas e nas crenças, ei-lo também nas "excelências", na morte do Judas, nas procissões religiosas etc.

Na arte popular marca sua influência de forma redundante, assim também como nos utensílios domésticos e nos trajés, na medicina popular e nas doenças etc.

O folclore brasileiro é riquíssimo. Demonstra as manifestações espirituais, materiais e culturais da nossa gente, a começar do Amazonas com a lenda das mulheres guerreiras, das uiaras emergindo das gigantescas vitórias-régias, ao longínquo Rio Grande do Sul, com seu terno Negrinho do Pastoreio, a cavalgar nos verdes pampas.

O folclore chegou à nossa terra através do amálgama da "flor de três raças tristes."

O Vale do Açu é um vale típico do nordeste brasileiro.

É considerado vale seco pela zona que o abrange. É banhado pelo grande Rio Piranhas ou Açu, que nasce no Estado da Paraíba e vem atravessando o sertão à procura do mar, onde o alcança na cidade de Macau, tranqüilo da missão cumprida de regar e fertilizar o solo.

Os verdejantes carnaubais têm o seu "habitat no Vale, onde enfeitam os campos de esperança, num festival de legumes, que a carícia dos ventos afaga e beija. Neles gorjeiam os ariscos sofrês ou corruptos, os canarinhos, golinhas, galos-de-campina e onde as negras graúnas estridulam na mata o seu canto primitivo e selvagem.

É um Vale riquíssimo. Seu barro é escuro, rico em humus e matérias orgânicas. Durante o inverno ou período das chuvas sua superfície plana transforma-se em lama impermeável, de difícil acesso. Nas secas periódicas, o sol, com seus inclementes raios de luz, retalha o solo em sulcos, nos leitos das lagoas e dos ressequidos rios, a lembrar um estranho tabuleiro de xadrez.

O clima é seco, quente. No verão atinge a máxima de 36° e, no inverno, a mínima é de 22°.

É dominado pela rosa dos ventos. O vento leste ou largo, como é vulgarmente conhecido, é o vento predominante do Vale. É o vento buliçoso e menino. Açoita as árvores espalhando a passarada e revolve no chão o pó, em loucos redemoinhos. O vento sul, o amalinado no dizer do matuto, é o vento bíblico, amaldiçoado, que traz o recado das secas ou da próxima estação sedenta, das lágrimas da chuva. No ápice da rosa dos ventos temos a suave aragem que traz das longínquas plagas dos mares distantes, o perfume das algas,

gorgômas e dos sais minerais dos abismos profundos. Quando, porém, sopra o benfazejo poente, o que vem dos Andes é recado certo das chuvas que transbordam rios e lagoas, enchem cacimbas e reverdecem as ramagens, onde a clorofila se escondera no âmago dos endurecidos cernes.

São seis os municípios que formam o grande Vale: São Rafael, Açú, Ipanguaçú, Alto do Rodrigues, Pendências e Carnaubais. Estão situados às margens dos rios Açú e Pataxó, cujas localizações são oriundas dos costumes das tribos nômade que aqui se fixaram.



CANTADORES DO AÇU

A alma sertaneja é um mundo de poesia.

Os famosos cantadores são os poetas do povo. Muitos são analfabetos o que não impede de seus versos conterem um mundo de ricas imagens, as mais belas e sentimentais. Abrangem, no circuito regional de comunicações, o plano universal de mensagens, onde é mãe a própria natureza e pai, a alma do povo.

O estilo dos cantadores tem um cunho regional, havendo grande diferença, em ritmos e imagens, entre os cantadores do nordeste brasileiro e os dos alegres pampas e das zonas sertanejas de Minas Gerais e São Paulo.

O nosso cantador adquire vasta cultura através da literatura de cordel, variadíssima em estórias de amor, dramas, história geral, mitologia e religião. É a literatura de cordel a enciclopédia do povo.

O "status quo" do cantador obriga-o a viajar, a ter vivências em outras comunidades, em diferentes camadas sociais, tornando-o, desta forma, desinibido, alegre e comunicativo.

São vários os gêneros de cantorias. Observemos alguns:

MARTELO AGALOPADO

Chico Traíra, um dos mais famosos cantadores do Vale, nos encanta com os versos:

MARTELO AGALOPADO

Assisti a tragédia do dilúvio
Contemplei todo o incêndio de Sodoma
Fui ministro dos cézares de Roma
Penetrei nas crateras do Vesúvio
Comovido senti o doce eflúvio
Dos sermões de Jesus na Galiléia
Escavei as ruínas de Pompéia
Sondei todas as grutas neptuninas
Tomei parte nas guerras herculinas
Fui discípulo de Cristo na Judéia.

GALOPE À BEIRA-MAR

Versos do mesmo cantador:

Na praia se vê menina formosa
De boca pequena e cabelo ondulado
O corpo tão fino e aveludado
Que até se parece com pétalas de rosa
As pernas bem feitas, cutis perfumosa,
Numa barraquinha, sentada, a cantar,
A voz maviosa nos faz convidar
E a gente com ela mergulha na onda,
Ela diz: "meu amor, me beije e me esconda
E não me conte segredos da beira do mar".

A diferença que existe entre o martelo agalopado e o galope à beira mar consiste no final do verso e na toada. Este gênero tem forçosamente que terminar em — à beira mar.

MARTELO ALAGOANO

Ainda versos de Chico Traíra:

Foi José de Alencar bom romancista
Pedro Américo, este, foi grande pintor
Foi Machado de Assis bom escritor
Benjamim foi abolicionista
Rui Barbosa foi sem par como jurista
Foi Nabuco orador pernambucano
João Pessoa herói paraibano
João Ribeiro foi forte na ciência
Bonifácio na nossa independência.
E eu fiquei p'ra martelo alagoano.

Nestes três gêneros de cantorias a diferença consiste no final das frases. No caso anterior tem que terminar em **alagoano**.

DESAFIO

Talvez seja o gênero mais apreciado. Nele, o cantador demonstra sua verve, seu espírito de humor, seu alto grau de observação e crítica. É o duelo da palavra. O bom cantador não pode pedir “pinico”, isto é, perder. Depois de muito se digladiarem em espirituosos versos, quando ambos são fortes, entram num acordo, num toque especial de viola.

O desafio pode ser feito em qualquer gênero, sendo o mais indicado o **martelo**. Nesse desafio, aparecem os disparates, as críticas, as lorotas etc.

Ouçamos, ainda, o Chico Traíra respondendo ao seu opositor:

**Eu não temo a cantor pernambucano
Eu não temo a cantor piauiense
Eu não temo a cantor riograndense
Eu não temo a cantor alagoano
Eu não temo a cantor paraibano
Eu não temo a cantor de gênio cru
Sou o dono da várzea do Açú
Eu não temo o cantor que é instruído
Eu não temo um cantor quando é sabido
Quanto mais um sebooso como tu.**

**Quando três vezes vinte não for sessenta
Quando duas vezes vinte não for quarenta
Quando duas vezes seis não for doze
Quando duas vezes sete não for quatorze
Quando duas vezes cinquenta não for cem
Quando a capital do Pará não for Belém
E na hora em que ferro der embira
E quando Jesus largar uma mentira
Você pode dizer que canta bem.**

DRAMAS E ROMANCES

Geralmente, este gênero de cantoria aparece no início das noitadas, como a "overture" dramática do cantador. Elas impressionam a tal ponto os ouvintes, que, suas feições demonstram o estado d'alma, através das estórias de amor, ciúmes, vinganças e tragédias, que ali se ouvem na voz dramática dos artistas populares. Não é raro ver uma lágrima, que, um lenço discreto procura esconder, ou ouvir um longo e pesaroso suspiro.

Os dramas e romances são longos, às vezes, cansativos, mas do agrado da alma popular. Esses dramas, geralmente, são encontrados na literatura de cordel, muito variada e rica.

Segundo o Mestre Câmara Cascudo, a designação de "Literatura de Cordel" originou-se em Portugal, aplicada ao costume pelo qual eram folhetos expostos em casas especializadas nesse tipo de comércio. Os folhetos costumavam ficar pendurados em cordões esticados. Daí o nome **cordel**.

Ela foi introduzida no nordeste em 1889 e caracteriza-se pela pobreza de impressão e formatos padronizados. Foi introduzida pelo poeta paraibano — Leandro Gomes de Barros, segundo pesquisa feita por Franklin Jorge.

Os leitores eram compostos de feirantes, agricultores, analfabetos das extensões rurais e urbanísticas.

Hoje, o cordel sofisticou-se através de escritores e poetas que desejam conscientizar o seu valor folclórico e educativo, numa reestruturação erudita, procurando agradar à intelectualidade estudiosa desse fenômeno cultural.

Qualquer acontecimento político, histórico, dramático, amoroso, que seja do conhecimento público, as estórias surgem logo no simpático livrinho popular.

Eis alguns nomes de estórias famosas do cordel, muito conhecidas no Vale do Açú:

História da Princesa Magalona
A voz do Padre Cícero
Peleja de Severino Borges com Patativa do Norte
A Força do Amor ou Afonso e Maria
A História do Capitão do Navio
Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho
História de Mariquinha e José de Souza Leão
História da Donzela Teodora
O Reino da Pedra Fina
As Aventuras do Cancão de Fogo
Lampião no Inferno
A Prisão de Oliveira e os Doze Pares de França
O Monstro do Parque
História do Pavão Misterioso
História das Três Princesas Encantadas
A Mulher Roubada
O Vereador Que Roubou o Gado do Bras
O Defensor da Honra e o Barba Azul do Sertão
Encontro de Satanás com Lampião no Inferno
As Perversidades de Antônio Silvino
O Rico Sem Ter Dinheiro
As Palhaçadas de Biu
O Cachorro dos Mortos
Coco Verde e Melancia
O Bataclan Moderno
A Princesa Rosamunda ou a Morte do Gigante
História do Príncipe Teseu, o Herói do Labirinto
O Cocô do Pinto Pelado
A Agência do Correio em 1922
A História Verdica dos Heróis de Currais Novos

LOUVAÇÃO

É também ouvida com muita alegria, principalmente, pelos donos de casa. São muito interessantes os versos a seguir, de autor ignorado:

LOUVAÇÃO

**“Meu amo, dono da casa
Eu vim louvar a mecê
Um homem como o senhor
É pra andar num andor
Onde não vente e não chova
Não faça frio nem calor
Juntinho de Nossa Senhora
Pertinho de Nosso Senhor”.**

IMPROVISO

Podemos dizer que os improvisos são os intervalos das cantorias. O cantador procura descansar, improvisando. No justo momento, as violas são afinadas, com muitos beliscões em suas cravelhas. Muitos goles de café e chamadas de Pitu são servidos. As coxias, jogadas pelos recantos das paredes, são, às vezes, ainda aproveitadas pelos moleques. Enfim, depois de muito afinar, o som agrada. Temperam a garganta com pigarros estilosos. É neste momento que a **cuca** se transforma numa fonte de improvisos e gracejos. No meio da sala, sobre a mesa, fica a bandeja das ofertas. Os convidados ali depositam, compenetrados, solidários e com satisfação, as gorjetas.

Certa vez coloquei uma nota de mil numa bandeja. Alípio Tavares, compadre e amigo, grande improvisador, com sua voz rouca e sua graça matuta, saiu-se com os magníficos versos:

**Foi minha felicidade
Esta comadre gentil
Quando menos esperava
Me deu uma nota de mil
Fez bem Pedro Cabral
Ter descoberto o Brasil.**

Quando, em uma das reuniões em nossa casa, quis proporcionar um divertimento às minhas irmãs, que vieram de Minas Gerais visitar-me, chamei Alípio Tavares e seu parceiro Severino para abrilhantarem a noite com um divertimento regional.

Athos, meu filho adotivo, é um belo rapaz. Sua mãe, Judy Macieira, estava presente no momento. Os cantadores começaram com as loas ao Athinho. O cantador, que não o conhecia, saiu-se com a pergunta: "Quem é Athinho, companheiro"? Alípio, amigo velho de guerra, respondeu:

**Ele também é mineiro
É sangue da mesma raça
Uma mãe lá, outra aqui,
Uma beija, outra abraça.
Um filho com duas mães
O pai fica achando graça.**

Achava-se presente a irmã do Athos, que também viera-nos visitar. Eufóricas, demos o mote:

**Todo mundo está contente
Porque Tamara chegou.**

Alípio, espontâneo e comunicativo, nos brindou com um tiroteio de imagens na glosa:

**A sala ficou mais clara
Prazer em nossas almas
E todos bateram palmas
Com a chegada da Tamara
Athinho então se depara
Com sua mana e a abraçou,
Antonietta a beijou
E disse no meio da gente:
Todo mundo está contente
Porque Tamara chegou.**

São muito interessantes também, as quadras que se seguem, de muito espírito no improvisado. Não conheço o autor.

**"Essa sua cantoria
Desse jeito não convém
Não canto com cantador
Que vem dizer mais porém".**

Respondeu o opositor:

**Como disse um mais porém
Vou dizer um porém mais
Desculpe, que vim vexado
Veja o vexame o que faz.**

Outros gêneros de cantoria:

QUADRAO

É composto de duas quadras consecutivas. Vejamos:

**Eu relembro a minha terra
Rio, vale, monte e serra
Onde a ovelha berra
Onde saltita o câncão
Onde grita o carão
Onde a marreca voa
Minha terra é muito boa
Onde se canta o quadrão.**

SEXTILHA

Conforme o próprio nome diz, é uma composição poética feita de seis versos. O gênero obriga o cantador a pegar na **deixa**, no último verso para a nova composição.

Certa vez, indo Chico Traíra a Macau, com seu não menos famoso colega Patativa, este reclamava muito a viagem. Dizia que estava azarada e o dinheiro não aparecia. À noite foram cantar num botequim. Na cantoria, Patativa reclamava tudo e achava que deviam voltar ao velho Açú. Ele terminou a sextilha com os seguintes versos:

**A viagem deste jeito
Bastante me desanima.**

Chico Traíra, pegando na **deixa**, respondeu:

**Patativa te anima
Que a nossa viagem é boa.
Você é pássaro, eu sou peixe.
Eu mergulho, você voa.
Depois tu volta a teu ninho
Eu volto à minha lagoa.**

É um documentário social imenso o folclore dos cantadores.

Dois ceguinhos cantavam na feira. Cada um levava um **menino-guia** para fazer o **apontamento** das pessoas, a fim de os ceguinhos fazerem o elogio às pessoas apontadas pelos garotos. Um dia, um dos cegos levou outro menino que não estava acostumado ao serviço. E reclamava:

**Esse menino de hoje
Não é como Severino.**

O outro cego, aproveitando a deixa, respondeu:

**Eu também tinha um menino
Que dispensava freguês
Porém, um dia, peguei-o
Dei cinco baques ou seis
Ele ficou me apontando
Dez, doze de uma só vez.**

MOURAO

Outro gênero de cantoria em forma de desafio.

Certa vez dois cantadores se batalhavam na rima. Um deles começou:

**Bateu na minha tetéia
Conheço muito o artigo.**

O outro, aperriado, perguntou:

**Porém, o que é tetéia,
Me responde, meu amigo.**

O companheiro titubeou, sem dar a resposta. Severino Pinto que ouvia a cantoria, quis salvar a situação e disse:

**Ele não diz, mas eu digo.
Eu vou defender o réu
Tetéia, meu amigo,
É a fêmea do tetéu.**

Geralmente, os cantadores cantam vários gêneros de cantoria em uma noitada. Muitas vezes a festa termina ao despontar do sol. As criancinhas, no colo de suas mães, fazem poesia também, nos vestidinhos bordados, saboreando as chupetas, com ternos rostos de infância.

Ao chegar o momento final da festa, os cantadores selam a noite de poesia com os mais pitorescos versos de despedida. Alípio Tavares e Manoel Calixto de Lorena apreciam muito o chavão, oportuno para o momento, e muito usado nas cantorias. Gostaria de conhecer o autor deste magnífico adeus.

**“Adeus pessoal decente,
de longe, distante e perto,
sendo sujeito ou liberto,
inculto ou mais consciente,
daqui vou ficar ausente,
já é hora da dormida
Platéia nobre e querida,
infinda recordação.
De todo meu coração
um adeus por despedida.**

**— Adeus patrão e patroa,
mãe e filho, avô e pai,
adeus quem fica e quem vai,
adeus quem anda e quem voa,
bote, pacote e canoa,
batente, degrau e descida,
leite, café e comida
mel, açúcar e rapadura,
manteiga, nata e gordura,
um adeus por despedida.**

**— Adeus, bendita chegada,
hora em que me aproximei,
cadeira em que me sentei,
adeus bela madrugada,
adeus canto da passarada
adeus copo, adeus bebida,
adeus garapa fervida,
caneco, litro, garrafa,
tudo adeus por despedida.**

— Caibro, linha, ripa e telha,
sala, salão, corredor,
corda, rede, armador,
cabra, cabrito, e ovelha,
cortiço mel e abelha
achada, oculta e perdida,
tristonha, alegre e sentida,
lâmpada, farol, luz acesa,
tamborete, cama e mesa,
tudo adeus por despedida.

— Machado, foice e facão,
cangalha, selim e sela,
rabicho, cilha, fivela,
sacola, saco e surrão,
cortadeira e cabeção,
cobertor para dormida,
preguiçosa bem polida,
meia, lenço, guardanapo,
alpercata de chulapo,
tudo adeus por despedida.

— Armário, porta e toalha,
porta-chapéu, guarda-roupa,
caldeirão de fazer sopa,
máquina, tesoura, navalha,
rosário, terço e medalha,
novena de Santa Guida,
Santa Marta e Margarida,
Santo Antônio e São Tomé,
Jesus, Maria e José,
tudo adeus por despedida.

— Pilão de pilar café,
moinho, bule, chaleira,
prato, pires, mantegueira,
fogo, fogão, chaminé,
caixa de guardar rapé,
cozinha bem prevenida,
camarote pra dormida,
pilão de pisar tempero,
colher, concha, açucareiro,
tudo adeus por despedida.

— Porta, portal, janela,
batente, trave e soleira,
jarra, pote, cantadeira,
ferrolho com taramela,
bacia, tina, gamela,
balança, peso e medida,
magra, gorda, moça e velha,
trempe, brasa, espeto e grelha,
tudo adeus por despedida.

— Martelo, abano, peneira,
urupema, lãque, cesto
caçarola, tampa e testo,
prato, colher, mantegueira,
xícara, bandeja, salseira,
escova nova e servida,
prateleira repartida,
capinadeira, enxadeco,
botijão, quarta e caneco,
tudo adeus por despedida”.

— Cabresto e cordas de laço,
alpendre, forquilha, esteio,
espora, rebenque e freio,
régua, serrote, compasso,
borracha, cantil, cabaça,
vassoura e casa varrida,
agulha curta e comprida,
caçoá com garajau,
guarda-chuva com jirau,
tudo adeus por despedida”.

DE CAVALOS E VAQUEJADAS

Colocando o cavalo no "Lembranças e Tradições do Açu", como uma das mais belas e vivas imagens do sertão, presto ao nobre animal uma justa homenagem, pelo muito que tem sido útil ao homem, desde tempos imemoriais.

Apenas para lembrar sua importância como companheiro inseparável do homem, ei-lo a escrever na história, nas artes, nas ciências, as mais belas e gloriosas páginas de vida.

Imortalizou-se na Guerra de Tróia, cresceu em dimensão histórica ao lado de Ricardo III da Inglaterra, quando este, mortalmente ferido, no campo de batalha, implorava: "O meu reino, o meu reino por um cavalo!" Ei-lo, ainda, presente na mecânica, nos cavalos-força dos motores. Ei-lo, místico, na cena de Belém, nos brinquedos infantis, nos carroceis, nos "White Horse", nas reuniões sociais e, ainda, nas telas famosas e monumentos públicos, a lembrar as epopéias históricas.

Este nobre animal conta-nos lindas estórias e dramas do sertão, de secas e invernos, conhecendo pata-a-pata o chão em que pisa. Rompe valas, atravessa rios, penetra nas matas ralas de xique-xiques e cardeiros, macambiras e juremas, fere-se nos espinhos e, muitas vezes, tira faíscas na pedra, ao galgar os íngremes serrotes.

O cavalo está sempre atento ao aboio do vaqueiro e ao retinir dos chocalhos distantes, orelhas em pé, obedecendo, de cabeça erguida, a mão firme que lhe sustenta o freio.

O cavalo tem no vaqueiro um incondicional amigo. Ele ama o seu animal talvez mais do que sua própria mulher. Que o digam os versos de muito agrado do povo:

**"A mulher e meu cavalo
Morreram todos num dia.
Do cavalo eu tive pena
Da mulher tive alegria.
Cavalo bom é difícil
Mulher tem que dá agonia".**

Tem mil cuidados com seu amigo, não lhe faltando nunca as mochilas de milho amarelo ou milho trigo, os feixes de capim que traz em braçadas do seu cercado, como o melhor presente para o amigo de todas as horas. Leva-o, zeloso, às margens do rio ou lagoa, e dá-lhe o banho após as longas jornadas.

Homem e cavalo formam pois, um todo harmonioso de sol, de muitas esperas, de lutas, de anseios e de esperanças, como a mais bela imagem do sertão.

Ambos, ímpolutos, enfrentam a caatinga, as inclemências do sol a incidir nos pedregulhos e serrotes, iluminando-lhes os ásperos caminhos.

Na escolha dos nomes para o seu animal querido, nota-se a sua vaidade, seu carinho e orgulho, ao batizá-lo de:

Trovão, Sorriso, Passo Largo, Aroeira, Alado, Apache, Capricho, Lembrança, Maxuriba, Carrapeta, As de Ouros, Pé de Prata, Xodó, Velocidade, Boneca, Rompe-Mar (cavalinho de pau do famoso Renato Caldas, quando menino). Telegrama, Má Notícia, Jirau, Pensamento (de Eduardo Ribeiro, o mais garboso cavaleiro do Vale do Açu). Remanso, Manjerona, Coruja-Peba, Rouxinol, Pimenta do Reino, Forró, Brilhantes, Correnteza, Fuxico, Pontaria, Pombo Roxo. (Este cavalo era lindo, todo branco com pintas. Um presente de meu marido). Flor do Rio, Passo Rico, Tamborete, Sete Léguas, Pclé, Calo Seco, Gaiyota, Beija-Flor, Retrós, Cobiçado, Presidente, Mulata, Aliança, Manga Rosa (três famosas burras de ciganos). Mariposa, Carnaval, Soberano, Exaltação. Este cavalo pertence a Antéo Barreto. É um animal fora de série, não apenas por ser um dos melhores cavalos de corrida do Vale, como também por conhecer o seu dono. Sabe cumprimentar o seu amo e senhor com a pata, obedece-lhe as ordens através de assovios. Cavalo e cavaleiro foram personagens do filme "Jesuino Brilhante". Marcando ainda um acontecimento cultural o cavalo de Nelson Montenegro foi batizado com o nome do famoso cangaceiro. Ainda os nomes de Nevueiro, Asa Branca, Moderno, de Coringa. Coringa também incorporou-se ao folclore. Era um velhinho muito querido, da Ponta Grande. Uma figura humana de raro valor. Amigo sincero e leal. Figura imprescindível nas grandes vaquejadas. Tinha um defeito físico: os pés coengos

(tortos) o que não o impedia de montar como poucos. Há ainda quem se lembre de suas proesas. Corria, às vezes, sem cabresto, abraçando apenas o pescoço do animal, fazendo dos pés tortos a sua segurança. Certo dia, em plena vaquejada levou uma senhora queda, do seu famoso Moderno. Este, acostumado a fazer esteiras, continuou a vertiginosa corrida, deixando o amigo velho a ver estrelas no chão. Não faltando nunca ao Coringa uma boa dosagem de espírito, gritou — “Eu não vou, mas mando”.

São famosas as vaquejadas do Açú. Elas sempre são organizadas durante as festividades do padroeiro da cidade — o ínclito São João Batista.

As vaquejadas são o ponto culminante da festa.

No grande dia, sempre o último do novenário, centenas de vaqueiros vêm da zona rural, de várias cidades e até de outros estados, para o Açú. Num borborinho telúrico vão desfilando coragem, elegância e beleza folclórica nos melados, alazões, russos, baios, rosilhos e castanhos, espelhando o cuidado de seus donos para com o valoroso animal. O vaqueiro ama tanto o seu cavalo, a ponto de dedicar-lhe lindas canções.

Severino de Almeida, um vaqueiro cantador do Canto Fino, presenteou-me com os versos:

CANÇÃO DO BOIADEIRO

**Meu cavalo é castanho
de branco só tem o pé.
Estando em cima dele
topo tudo que vié.
Bebo, danço, jogo e fumo,
sou perdido por muié.**

Ei, vida de gado! (estribilho)

**Eu sou filho do Açú,
desta terrinha cansada
se em um ano chove muito,
noutro não chove nada.
Eu sou furado na venta
por mulher desmantelada.**

Ei, vida de gado!

**Cavalo só presta grande
pra correr em vaquejada.
Mulher só presta bonita,
embora seja falada
Homem só presta valente
que tope toda parada.**

Ei, vida de gado!

**Eu me chamo Severino,
De Almeida, seu criado.
Folha de facão franzino
braço curto numerado,
no livro do batistério
está meu nome gravado**

Ei, vida de gado!

O vaqueiro é também muito espirituoso. Outros de Severino:

**Quando eu era pequenino
e andava nos cueiros
as morenas me chamavam:
“vem cá, meu limão de cheiro”.
Hoje, como já estou velho,
me chamam pai de chiqueiro.**

* * *

No dia da grande festa das vaquejadas do Açu, os vaqueiros se reúnem em determinado lugar, geralmente pela manhã. Dali sai a cavalgada rumo ao campo, no alto da cidade. A frente, a Rainha da vaquejada e seu séquito, moças e rapazes, tipicamente trajados. Estilosos vaqueiros desfilam de barbicacho e gibão, em selas novas, artisticamente trabalhadas. Estas são colocadas sobre sedosas mantas de malogrados caprinos, de suínos ou de bovinos. As esporas rebrilham ao sol. Os vaqueiros mostram-se orgulhosos e envaidecidos com a montaria e, sibilando os rebenques entrelaçados e caprichados, dão estrepitosas lapadas nas ancas dos animais. Outros mostram o machismo, no controle absoluto das rédeas, nos esquipas, choutos e galopes riscando o cavalo

em frente a grupos ruidosos ou jovens namoradas. Os loros, freios e pedais, bordados de estrelas de prata ou de ouro (lataria) dão ao animal e a seu dono o colorido do faroeste nordestino. O couro trabalhado marca o estilo do vaqueiro nordestino, no chapéu de couro quebrado na testa, nas botas e no gibão, jogado negligentemente às costas. É um filme ao natural que se descortina aos olhos do povo, que também dele participa, eufórico, feliz.

A principal artéria da cidade se transforma numa passarela. Vaqueiros e povo rumam ao campo, onde o pitoresco esporte é praticado. Na íngreme cavalgada, olhos fixos nas Kodaks e Yachicas, as fotos registram uma cena épica de homens e cavalos que, vistos de baixo, se projetam nos campos azuis do céu, como se descessem do empírio para as verdes campinas, ao som da banda de música e da euforia da garotada.

No alto do campo o palanque oficial está armado para a comissão organizadora e visitantes credenciados, autoridades etc. Ao lado, o curral com o gado selecionado para as corridas na variedade de cores: preto, fusco, vermelho, lavrado de liso, branco, lavrado de preto, careto etc.

Os corredores são cercados com arame farpado com passagens, para a perfeita ordem da entrada e saída dos cavaleiros. Estes correm dois a dois, recebendo cada parilha a senha numerada. Aguardam, lado a lado no mourão, a vez de correr, cuja ordem é dada através do alto-falante, chamando o número correspondente à senha. Os cavalos, inquietos e nervosos, ficam atentos esperando a hora da saída da rês do jiqui.

Aberto o mourão, a rês medrosa e aperriada com os apupos e aboios dos vaqueiros, vendo-se livre, sai em disparada. Ouve-se uma só cantiga. É a voz do sertão no canto telúrico do vaqueiro: "Ê boi... ê boi... fasta boi... ê boi... fasta boi... ê... ê boi...". Na voz cadenciada e monótona, a beleza nostálgica dos aboios.

A multidão que margeia o campo, todo cercado de arame, vibra, grita e aplaude. Os dois cavaleiros, lado a lado, fazendo esteira um para o outro imprimem a rês na corrida. Um cavaleiro terá que pegar o rabo do animal.

Quase deitado na sela, pernas firmes na barriga do cavalo este sente que a rês está presa pela mão firme do cavaleiro e, então, abre a carreira, desequilibrando o animal, que cai, dando às vezes, muitas voltas pelo chão, conforme o estilo ou pericia do autor da façanha. Rês no chão de pernas para o ar, rufam tambores, lenços são acenados, a banda de música toca os seus dobrados, foguetões sobem e vão pipocar nos ares a sua alegria. O cavaleiro recebe os troféus: laços de fita de variadas cores, que são amarradas nos braços, geralmente, pela namorada ou amigo. Então, ele sorri, acenando as mãos para o povo, a olhar embevecido os troféus: nos braços, as fitas e, na mão, a ferida que o rabo da rês produziu ao se dar o atrito. Ele a observa com carinho, como se fosse um estranho relógio de pulso, que ficará como lembrança do seu feito.

No pátio, ainda verde do último inverno, os vaqueiros, já altos com as chamadas de Pitu, passeiam nos seus cavalos, muitas vezes acompanhados de alegres amazonas, com suas calças "Lee" e estilosos chapéus de palha. Namoros e conversas por todos os lados. Meninos vendendo rolete de cana, em artísticos arranjos, em buquês de rodinhas cortadas, "vê o grude", laranjas descascadas, picolés, sorvetes, castanhas cobertas e amendoins.

Caminhões apinhados de gente estacionam ao lado das cercas de arame. Nos altos-falantes, o último disco de Val-dick Soriano ou Luís Gonzaga alegre, ainda mais, o sertanejo. Na latada de carnaúba o "dancing" para os famosos rela-buchos, que podem ser cognominados como o forró das vaquejadas. Ali, gemem nas sanfonas os baiões, chotes, marchas e sambas, ou mesmo um iêiêiê, na voz da jovem guarda. Esses rela-buchos são um pouco violentos, pois o ambiente já está bem carregado de uísque e aperitivos vários. Não é raro apresentar-se em alguma confusão, a **amalinada** peixeira, a espalhar gente. A farda é outro elemento a impor o seu respeito, e o soldado mantém a lei, levando para o xilindró os cabras-machos que quiseram mostrar a sua valentia.

Já vai alto o sol, e o sonho revivido do vaqueiro chega ao fim, ao lado do rei do dia, que também cansado, prepara-se para dormir na cama etérea do horizonte.

A volta é sempre triste. Os cavaleiros passam vagarosamente, mãos esquecidas descansando nos quadris, pernas relachadas sobre a lua da sela, a mostrarem o estilo do vaqueiro. Os cavalos relincham, suados e sofridos, muitas vezes, barrigas e vazios sangrentos das impiedosas esporas.

É uma nuvem de poeira a estrada. O povo desce devagar, aos pares, conversando. Os lenços mudaram de cor, mas ainda servem para evitar um resfriado, ou dar um encardido adeus ao jovem que já vai lonje.

Na cidade os bares estão cheios. Um zunzum por toda parte. Pelas ruas e calçadas passam cavaleiros e pleibois abraçados, eufóricos, a mostrarem, nos passos ondeados, o efeito ainda presente das meladinhas, cantando, descompassadamente, as últimas canções.

Terminada a festa, só se ouve, ao longo, o aboio triste do vaqueiro, que leva para os currais distantes os heróis do sertão: o gado, o cavalo e o vaqueiro.

Vagarosamente, vem chegando o progresso. Os jipes substituem os alazões e baios. Já não se vê aquele mundo de cavalos amarrados à sombra de ficus e algarobas.

E a feira continua animada, num borborinho de gente se encontrando. Nos altos-falantes, os anúncios das casas comerciais estridulam nos ouvidos. Lá no meio da praça, gente curiosa escuta uma conversa animada de um camelô: "Venham ver a cobra apanhar do tejo! É um espetáculo bonito que você nunca viu! Faz gosto olhar! "Fui na onda também. O camelô, um artista que o teatro perdeu — convincente, dramático. Pegou na cobra e desafiou o povo: "Você aí, segure esta cobra. Medo de que, cabra frouxo! Segure!" Continuava: "Agora, eu vou buscar o tejo". Este estava dentro de um cesto. Colocou-o sobre uma banquetta ao lado. E continuava: "Antes, porém, todavia, eu quero mostrar a vocês o que se encontra debaixo deste pano, aqui sobre esta mesa". O povo curioso: "Avia, homem, mostra logo"! Ao retirar o pano, apareciam vidros cheios de vermes, os mais horripilantes. Pegou num e foi dizendo: "Você aí, que está mais amarelo do que mamão, pode estar com o tal amarelão! Estão vendo este aqui? É a solitária, uma cobra verdadeira. Mata também. Cuidado, minha gente, que lombriça mata, mas existe um remédio que mata as lombriças! É o TIRO SEGURO, que é um tiro na testa da lombriça. Um vidrinho custa apenas Cr\$ 5.00. É de graça"! Ao impacto da dramática propaganda, o camelô vende todos os vidros que possui.

Na esquina, o Pedro Bento vende a sua farinha improvisando versos:

**"Eu tenho uma herança
do finado meu avô.
Nunca voltou nada da feira,
tinha tudo pra vendê,
da farinha à rapadura,
ao azeite de dendê.**

**Embora, minha gente!
Não vim servir de papangu.
Eu vim é pra vender.
Inverno, meu galego,
nós vamos ter às pampas,
que um calor igual a este
é pra chover".**

Nem tudo é pacífico numa festa. O sertanejo passa distraído, fumando o seu cachimbo, com o fumo cheiroso do Brejo. Outro passa e, sem querer, cospe-lhe no pé. A briga está armada, a peixeira aparece, é um Deus nos acuda. “Pensa que tenho medo? Sou marchante. Já tô acostumado a vê o sangue corrê...” As mulheres gritam. É um corre corre. Aparece a polícia e vão contar as valentias no xadrez.

Já se faz tarde e o povo procura os transportes. Caminhões apinhados de gente e jipes levam homens e animais. É uma orquestra barulhenta, de apitos e buzinas e chamados: “Avia, home, que tu perde o carro”.

Ao chegar em casa, espalha sobre a mesa as coisas que comprou: um par de chinelos para o menino, uma lata de talco para a filha e um vidrinho de “Flor de Amor” para a mulher. Feliz, vai dizendo: “Mulher, me asse uma ponta dessa carne para o jantar”.

DE ESTÓRIAS DE VAQUEIROS

Dois vaqueiros, o Militão Cocada, um caboclo destemido e desconfiado, e Mané Vieira, um vaqueiro coengo, saíram certo dia à procura de um boi brabo, do velho Quinca Sena, grande proprietário no Vale.

Deram vários dias de campo, procurando a tal rês. Um belo dia, Militão, firmando-se no estribo e elevando-se da sela, avistou o tal boi malhado, com outras reses, à sombra de um juazeiro.

Militão, animado, fincou a espora no cavalo e fez carreira atrás do boi, ficando o seu companheiro um pouco distante. Militão pegou na saia da rês e a derrubou. Ligeiro, sentou-se em cima e conseguiu descornar o bicho (descornar é virar a cabeça do animal, mobilizando-o). Nesse meio tempo, chega o Mané, meio zangado, a dizer: "Como é qui, tu dá uma carrera dessa sozinho e não me chama pra ajuda?" Militão, caboclo enfesado, descornando o bicho, foi dizendo: "Pois aí está. Tu qué o bicho pra tu, qui pegue" O boi, vendo-se livre, quebrou nos paus.

* * *

Cícero Gabriel era o vaqueiro de bovinos e caprinos de Nelson Montenegro. É moreno, chocho, banguela, sempre bem humorado. Certa vez, o patrão entregou-lhe quatrocentas cabras parideiras. Como tinha muitos afazeres, levou algum tempo para rever o chiqueiro de cabras. Certo dia, Nelson entendeu de ir ver a sua bela criação. Chegando na Fazenda da Salina, onde residia o vaqueiro, olhando para o chiqueiro nada viu. Admirado, perguntou: "Cícero, cadê as cabras"? Cícero muito calejado, *matreiro*, respondeu: "Espera aí, Patrão. Vou buscá". Nelson coçou a cabeça. Buscar o quê? Não demorou muito e Cícero voltou, trazendo com cuidados, um talo de carnaúba maior do que ele. O talo estava todo denteado de ponta a ponta, em ambos os lados. Intrigado, o patrão perguntou: "Que diabo é isso? "E ele, mostrando o vazio da boca, num sorriso amarelo: "Tá vendo, Doutô, do lado de cá, nesses dentinhos, eu

marquei com o canivete os bicho qui morrero e, do outro lado, os que eu comi". Nelson, sério, não querendo perder a moral, ainda perguntou: "E dos couros, o que fizeste"? E o Cícero, matreiro: "Vendi, Doutô, pra comprá farinha".

* * *

Lá na Ponta Grande havia um boi furtando capim e verduras nas vazantes da lagoa. O proprietário mandou chamar seus vaqueiros e homens de campo e disse enérgico: "Quero o boi pegado".

Bé, Coringa, Zeca, Maneco Ribeiro, Felipe Siqueira formavam a turma da pesada. Marcaram um dia para rastejar o tal boi. Numa quinta-feira, bem cedinho, conseguiram, enfim, encontrar o rasto do amalinado.

Bé sabia rastejar como ninguém. Quando chegaram nas proximidades do Canto Grande, Bé gritou para os amigos: "O boi corre na frente".

Foi um Deus nos acuda, vaqueiros rasgando juremas, catigueiras, cumarus e tudo o que encontravam, nas vertiginosas carreiras. Coringa, como sempre, manhoso, deixou os amigos e deu um capoteio (volta por fora da carreira), indo sair em cima do boi. Meteu as esporas no vazio do Moderno, o seu cavalo querido, e conseguiu pegar o boi e jogá-lo no chão. Sentou-se em cima do bicho e gritou a alto som. Quando os vaqueiros chegaram, Bé reclamou, zangado, por não ter sido o dono da façanha: "Como foi isso? Coringa, como bom repentista respondeu categórico: "Foi o apoteiro".

* * *

Nas longas noites enluaradas de espera, quando o vaqueiro aguarda o gado na bebida da lagoa, vaqueiros juntavam-se em determinados lugares, para o pitoresco esporte ao luar, onde passavam vários dias de pastoreio. Bem perto, ficava o hotel da velha Sinhá de Rita, que tratava fidalgamente os vaqueiros, não lhes faltando uma boa coahhada, queijos, carne de sol e bolachas de toda espécie. Geralmente, matava-se uma rês para o sustento da moçada.

Os currais já estavam cheios de gado para serem vacinados e castrados.

Coringa, Eduardo Ribeiro, Bé, Nestor, Cícero Gabriel, o tal vaqueiro que não tinha um dente e que trabalhou muitos anos para Nelson Montenegro, e, outros, foram tomar café em casa da velha Sinhá. Sinhá ajeitou a mesa com cuidados, aparecendo logo o café acompanhado de queijo de manteiga, bolacha e pão. As bolachas eram mais duras do que pau. Coringa sentou-se à cabeceira e gritou para o resto da turma: "Chega, pessoal, o café tá na mesa"! Cícero, que fora o primeiro a sentar-se, fincou o par de queixos na bolacha e haja a comer. Coringa, observando-o disse: "Ciço, deixa pros outro..." E Cícero: "Basta! Eu vou é comê"... Coringa, então, saiu-se com a dele: "Foi a gengiva mais dura que eu já vi".

* * *

Certa vez, há muito tempo correu a notícia de que havia nas redondezas do Vale um cavalo selvagem, solto, que ninguém conseguia domar.

Reunidos os heróis do barbicacho e do gibão, em número de uns oitenta cavaleiros, resolveram estes perseguir o animal. Eles não podiam ficar desmoralizados, para um cavalinho melado do cão.

Marcaram a cavalgada para uma noite de lua e foram dormir no Pasto da Areia, que era um descampado bonito, com dois quilômetros de extensão, nas imediações onde o animal aparecia.

Noite alta, manhã distante a acordar, encontraram, enfim, o maldito cavalo na Lagoa do Mato.

Quando o cavalo selvagem sentiu a perseguição, com a gritaria e aboios a azucrinarem-lhe os ouvidos, danou-se a correr, que não havia vento que o pegasse. E o mundão de gente atrás. No corre-corre, cavalos se chocavam, cavaleiros caíam, machucados uns, ensanguentados outros, qual batalha eqüestre inesquecível. Cansado e desiludido, o bando foi se dizimando. Após uma légua de persiguição, apenas quatro ou cinco cavaleiros continuavam, sendo vencidos pelo cansaço.

Porém um deles, o Chandu Lopes, que montava no seu alazão, Barra de Aço, cavalo de fama da redondeza, jurou: "Ou ele ou eu". E danou-se a correr sozinho atrás da fera, que mais parecia um cavalo alado, a levantar faíscas de fogo na pedra, espalhando na caatinga os seus relinchos selvagens. Enfim, Chandu Lopes estanca o animal, que cai morto de cansado, chegando este a falecer dias depois.

Contavam os vaqueiros que o danado tinha três alentes (são três furos na venta, que proporcionam ao animal mais fôlego, mais resistência).

O cavalo selvagem preferiu a morte a ser domado.

* * *

Nas longas noites de espera, Zeca, legítimo irmão de Né Lopes — o Valente — resolveu ir atrás de um barbatão, que era o terror da caatinga. Era um touro perigoso e bravo. Zeca, que não era menos valente, já prevenido do perigo que corria, saiu às escondidas à procura do bicho. Encontrou-o lá dentro da mata. Espicaçado, investiu contra o atrevido, joga o cavalo no chão e o mata. O Zeca espirrou (cair da sela) atrás de uma moita e ali ficou, parado, quieto.

Os companheiros, sentindo sua falta, foram encontrá-lo em precária situação, mas ainda contando lorotas. Foi dizendo: "E se eu tivesse pegado, não teria feito uma ação bravíssima"?

* * *

Sinhô Lopes era filho de Né Lopes — o Valente. Era afilhado do Coronel Ovídio, cidadão que deixou no Estado um nome e uma história a contar, pela grande influência que exercia sobre o povo, como um autêntico e valoroso chefe político do Vale. Era um abastado fazendeiro, possuindo belas criações de gado bovino e cavalar.

Proibiu certa vez, o folguedo das esperas, pois maltratava muito o gado. Sinhô era seu empregado. Não ficou satisfeito com a ordem e resolveu agir à revelia de Né Lopes, seu pai, homem zeloso das ordens do patrão.

Sinhô e outros vaqueiros resolveram pastorear o gado, na Ponta da Salina. Numa das vertiginosas carreiras levou uma senhora queda e deslocou o braço. Que fazer? Os amigos o aconselharam a ir à Casa Grande. "Não, jamais"! Não tinha coragem de enfrentar o Coronel e o pai, assim em doloroso flagrante de ordens não cumpridas. E o braço ia inchando dentro das roupas de couro. À tarde, o Coronel manda chamá-lo, para levar o gado ao curral. O Coronel sempre acompanhava os vaqueiros, na volta do gado. Sinhô vinha na guia (à frente). As reses estavam irrequietas então, o velho Ovídio grita para Sinhô imprensar uma rês fujona. Sinhô, fazendo-se de forte, pega a rês pelo rabo, com o mesmo braço doente. Nisto, ouve-se um estalo bem grande. Por uma circunstância incompreensível, o braço, no arranco, volta ao lugar. Que foi, que não foi, e a estória foi descoberta. Né Lopes deu a moléstia (zangou-se demais) pela desobediência do filho e queria dar-lhe uma surra, ao que, sabendo do ocorrido, o Coronel Ovídio não o permitiu.

DE RENATO CALDAS — O POETA BOÊMIO

Renato Caldas está para o Açu, assim como D. Pedro I está na tela de Pedro Américo, a marcar uma época.

Renato Caldas, como autêntico poeta-boêmio, emoldura de folclore as ruas do Açu.

Seu livro "Fulô do Mato" é folclore. Seus poemas são vivência, gente, costume, sentimento, vida. Seus versos são ricos em imagens as mais belas e do gosto popular, encantando a leigos e eruditos, pela espontaneidade, humor e malícia. Vejamos a abertura do seu livro:

**"Sá dona, vossa mecê
é a fulô mais cheirosa,
a fulô mais perfumosa
qui o meu sertão já botô!
Podem fazê um cardume
de tudo qui fô perfume
de tudo qui fô fulô
qui nem um, nem uma só
tem o cheiro do suô
qui seu corpinho suô**

**Tem cheiro de madrugada,
fartura de areia muiada
qui uruvaio inxambriô.
É cheiro bom, deferente,
qui a gente sintindo, sente
de outra coisa o fedô".**

É figura imprescindível nas reuniões sociais, com seus repentes e graça matuta, conhecido em todo o Brasil. Amigo de Sílvio Caldas, Noel Rosa e dos grandes artistas da velha guarda. Muitas vezes fez versos para grandes músicos, não dando valor ao dinheiro, ficando assim na obscuridade. Longe da terra, não podia esquecer o Açu, voltando mais rico em vivências, em rimas, em humor.

Certa vez, estando há longo tempo no Rio, sua esposa enciumada, sentindo a falta do marido boêmio, passou-lhe, de Açu, o telegrama: "Renato, se estiveres na "Casa de Noca" lembra-te que ainda existo". Recebeu a resposta: "Renato segue dia vinte. Abraços. Noca".

Passando pelas ruas do Açú, Renato Caldas faz folclore, no andar compassado, no trajar simples de sertanejo, a fumar o seu imprescindível cigarro de palha ou cachimbo, que nunca trocou pelos modernos “Minister” ou Hollywood”.

Senta-se à calçada dos amigos, sempre com repertório novo de irreverentes anedotas e dá um “show” de humorismo. Gosta de “umas e outras”, fase em que entra num período perigoso de malícia, com muita pimenta nos casos que conta, nos versos que diz.

É um grande repentista. Certa vez foi a um baile “dançar umas valsas”, na expressão popular. Animado, alto, abraçava, efusivamente a dama, apertando-a cada vez mais, a ponto da jovem reclamar: “Olha, seu Renato, eu sou uma moça”. Malicioso respondeu: “Porque quer”.

De uma de suas idas a Natal levava, certa vez, umas nambus e avoetes, já torradinhas e cheirosas, para comer, quando chegasse numa pensão, à margem da estrada, sua pensão preferida. Ali chegando, pediu à copeira — a Chiquinha — que lhe trouxesse arroz, farinha, pratos e talheres. Depois de saborear o gostoso petisco, fechou a lata que trazia as avoetes e seguiu viagem. Ao chegar em Natal, viu que, no meio da farofa, ficara uma colher. De volta ao Açú, passando pela pensão, cheio de mesuras, entrega a Chiquinha um bilhete, que dizia:

**Estou de volta, Chiquinha
Pra trazer sua colher
De coisa que não é minha
Eu só aceito mulher.**

É também grande trovador.

Apreciando a trova do poeta Falcão, da Paraíba, como autêntico boêmio, fez o plágio. São elas respectivamente:

**Não há tristeza no mundo
que se compare à tristeza
do olhar do moribundo
fitando uma vela acesa**

**Não há tristeza no mundo
que se compare à agonia
do olhar do vagabundo
vendo a garrafa vazia.**

Foi desclassificado no Concurso de trovas, que a autora do livro "A Andorinha Sagrada de Vila Flor" instituiu sob o tema — ANDORINHA — com a irreverente trova:

**Uma andorinha assustada,
por cima dos capitéis,
pensa em dar uma cagada
na cabeça dos fiéis.**

Ainda de sua autoria:

**No mundo eu nada respeito
e nem me baixo sequer.
Só com três coisas me deito:
cachaça, fumo e mulher.**

DE ANÚNCIOS PITORESCOS

A Padaria Santa Cruz, de propriedade dos irmãos, Solon e Afonso Wanderley, tem uma bela página de serviços prestados à comunidade, não só pela fidalguia de trato dos seus proprietários, como também pelo valor das saborosas massas que são apreciadas pela população do Açu, há décadas.

O movimento financeiro da padaria estava entregue ao simpático e popular Afonso e, as relações públicas, ao inteligente e dinâmico Solon. Eles não podem negar as origens nem o lema dos ancestrais: "Seja sempre um fiel Wanderley".

Na Padaria Santa Cruz os amigos encontram sistematicamente, o ambiente propício, fraternal e acolhedor, para os bate-papos sociais e políticos.

Certa vez, entrou ali o grande poeta do povo — Manoel de Bobagem. Pediu a Afonso um pão. Afonso, que estava de mau humor, negou. Imediatamente o poeta glosou:

**"Encontrei na Santa Cruz
A maior ingratidão".**

**A sofrer eu me dispus
Até a pedir esmola
Mas o que não me consola
Encontrei na Santa Cruz.
Me lembrando de Jesus
Caminho com meu bastão,
Afonso negou-me um pão
Para matar minha fome,
Bancou quem tem bom nome,
A maior ingratidão.**

São muito populares os produtos da Padaria Santa Cruz. Os nomes muito originaes. Vejamos alguns:

BOLACHAS	BISCOITOS	PAES
Melindrosa	Salineiro	Francês
Flor do Açú	Fino	Massa Fina
Japonesa	Melindre	Doce
De Banha	Tareco	Cetim
Regalia-Vitória	XPTO	

Muito interessante é o anúncio da Padaria:

O ABECÊ DAS DONAS DE CASA

A

AÇU — possui a melhor padaria do Estado — A PADARIA SANTA CRUZ

B

BOLACHAS — Bolachinhas e biscoitos do mais fino paladar! são os da PADARIA SANTA CRUZ

C

CADA — freguês é um propagandista espontâneo dos saborosos produtos da PADARIA SANTA CRUZ

D

DELICIOSAS — e preferidas são massas da PADARIA SANTA CRUZ

E

ETELVINO — Caldas foi, em 1907 o fundador da PADARIA SANTA CRUZ

F

FAMA — não corre, voa! É por isso que já está tão longe o renome da PADARIA SANTA CRUZ

G

GOSTO — apurado tem todo aquele que prefere os biscoitos e bolachas da PADARIA SANTA CRUZ

H

HURRA! Gritam os garotos de outras terras, em volta da mesa familiar, quando lhe apresentam biscoitos da PADARIA SANTA CRUZ

I

INGLESA era antigamente a manufatura dos biscoitos “cracknell” mas, hoje eles são fabricados caprichosamente na PADARIA SANTA CRUZ

J

JUSTIÇA faz todo aquele que reconhece a superioridade do pão da PADARIA SANTA CRUZ

L

LANCHE bom, só se faz tendo à mesa os famosos biscoitos da inimitável PADARIA SANTA CRUZ

M

“MIMOSA” é a bolachinha que os médicos atestam ser, própria para os convalescentes, e é um produto exclusivo da PADARIA SANTA CRUZ

N

NATAL, a capital do nosso Estado também importa os deliciosos biscoitos da PADARIA SANTA CRUZ

O

ÓTIMOS e por isso mesmo, sempre preferidos, são os produtos da PADARIA SANTA CRUZ

P

PANIFICADORA é o endereço telegráfico da PADARIA SANTA CRUZ

Q

QUANDO viajantes querem ser recebidos festivamente em sua casa, faz de passagem por Açú um bom sortimento de massas da PADARIA SANTA CRUZ

R

REGALIA é o nome de uma bolachinha muito apreciada que só se encontra na PADARIA SANTA CRUZ

S

SOLON Wanderley é hoje continuador de Etelvino Caldas e, tem aperfeiçoado sempre os métodos de fabricação da PADARIA SANTA CRUZ

T

TODO mundo diz, em alto e bom som, que não há igual à PADARIA SANTA CRUZ

U

UNIDOS pelo mesmo ideal de bem servir o público, e demonstrar os seus conhecimentos, como exímios panificadores — trabalham os mestres e operários da PADARIA SANTA CRUZ

V

VITÓRIA é uma bolachinha que tem a fama que merece e é uma criação do proprietário da PADARIA SANTA CRUZ

X

“X.P.T.O” é um bom biscoito para lá de bom que só se encontra na PADARIA SANTA CRUZ

Z

ZELO, agrado e sinceridade, é o lema que torna vitoriosa em toda linha a PADARIA SANTA CRUZ

* * *

Hoje a Padaria Santa Cruz está arrendada a outros cidadãos que continuam a manter a mesma tradição.

DE JOGOS, SONHOS E PALPITES

O sertanejo procura no jogo do bicho sua fonte de distração.

Tinha, no antigo jogo do bicho, que o povo não esquece, apesar de ser considerado ilegal, a sua válvula de escape, para amenizar a vida árdua e trabalhosa.

Arriscava nele alguns centavos que, às vezes, se duplicavam em cruzeiros úteis e necessários para cobrir as necessidades diárias.

A linguagem popular se coloriu de um mundo de expressões baseadas no jogo do bicho.

Este jogo, conhecido em todo território nacional abrange um número de vinte e cinco animais, correspondendo, cada um, às respectivas dezenas, centenas e milhares.

No vale do Açú, há muitas facetas interessantes do jogo do bicho, numa riqueza folclórica de grande valor. Os poetas deixaram na memória do povo os versos musicados que se seguem:

"Avestruz chama-se Ana
Águia, Henriqueta
O Burro chama-se Caetano
D. Rosa é borboleta.

Estrilho

Eu vou jogar, Iaiá,
Eu vou jogar, Iaiá
Eu vou jogar
É na certeza de ganhar, (Bis

Cachorro chama-se Paulo
Cabra se chama Cecília
O Carneiro é João
O Camelo é Jeremias.

Estrilho

**Cobra se chama Tereza
O Coelho é Vicente
O Cavallo chame-se Anselmo
O Elefante é Clemente**

Estrilho

**Galo chama-se Pereira
Gato chama-se Galdino
Jacaré chama-se Antônio
E o Leão é Severino**

Estrilho

**Macaco chama-se Eliseu
O Porco é Misael
O Pavão é Marcelino
O Peru é Rafael**

Estrilho

**O Touro chama-se Fernando
O Tigre chama-se Guilhermino
O Urso chama-se Teodoro
E o Veado é Vitorino.**

Estrilho

**A Vaca já deu dinheiro
Lá dentro de Pernambuco
Eu bem digo a este povo:
Quem joga no bicho é maluco!**

Com os versos acima referidos, o jogador tinha uma fonte natural de palpites. Se sonhava com um Fernando, o bicho estava na cara — touro.

Outros plágios dos mesmos versos:

**Avestruz é pássaro nobre
Águia tem asas pretas
Do Burro se espera o coice
Meu palpite é Borboleta**

Estribilho

O Cachorro ladra muito
De Cabra quero o cabelo
Do Carneiro quero a lã
Meu palpite é no Camelo

Estribilho

A Cobra já deu dinheiro
O Coelho deu bastante
Meu Cavalo está cansado
Meu palpite é no Elefante

Estribilho

O Galo canta muito
Sonho de Gato é ilusão
Jacaré quebra banqueiro
O rei dos bichos é o Leão

Estribilho

O Macaco faz caretas
Do Porco quero o presunto
Pavão, pássaro galante,
Do Peru eu gosto muito

Estribilho

O Touro é baixo, valente,
O Tigre está esperando
O Urso está carregando
Meu palpite é no Veado

Estribilho

A Vaca já deu dinheiro
Lá dentro de Pernambuco
Eu bem digo a esse povo
Quem joga no bicho é maluco!

No tempo em que o Jogo do Bicho era librado, o resultado do sorteio era comunicado através do rádio. Havia várias tabelas. Recordo-me de uma:

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0
S	B	E	L	A	R	M	I	N	O	S
T	P	E	R	G	A	M	I	N	H	O
Q	T	U	D	O	V	A	I	B	E	M
Q	P	E	R	N	A	M	B	U	C	O
S	G	A	L	D	E	N	C	I	O	S
S	L	E	G	U	M	I	N	O	S	A

Cada dia da semana um nome determinado. Cada letra correspondia a um número acima da tabela. Por exemplo:

Ouvia-se, pelo rádio a informação: "Resultado do jogo de hoje". (Quinta-feira).

P de Pedro
M de Maria
C de Casa
A de Antônio

As letras acima, de acordo com o dia da semana corresponde ao milhar 1695.

Os bichos correspondem aos seguintes números no grupo:

1 — Avestruz	10 — Coelho	19 — Pavão
2 — Águia	11 — Cavalo	20 — Peru
3 — Burro	12 — Elefante	21 — Touro
4 — Borboleta	13 — Galo	22 — Tigre
5 — Cachorro	14 — Gato	23 — Urso
6 — Cabra	15 — Jacaré	24 — Veado
7 — Carneiro	16 — Leão	25 — Vaca
8 — Camelo	17 — Macaco	
9 — Cobra	18 — Porco	

Portanto, o número acima premiado, 1695, corresponde, no grupo, ao veado.

Os sonhos também tem o seu significado peculiar. Segundo o jogador inveterado, todo sonho dá certo. Depende apenas de saber decifrá-lo.

Vicente Traíra, caboclo muito popular do Açu, contou-me que, certa vez, fora a Pendências. Ali chegando um amigo lhe pediu: “Vicente, me dá um palpite prá hoje”. “Ora, muito bem — respondeu — esta noite tive um ótimo sonho. Ele é um pouco sujo, mas vá lá. Sonhei que alguém me dizia: O bicho que vai dar amanhã caga trepado. Se você quer jogar, meu amigo, joga no porco”. O companheiro admirou-se. Não tinha nexo. Disse: “Ora, rapaiz, o bicho só pode ser galo, avestruz, águia, peru ou pavão...” — Vicente explicou: “Nada disso, meu amigo. Eu decifro assim: tiro o ca de cago e o pado de trepado. Viu? Dá capado. Capado é porco”. O interessante é que o amigo de Vicente ganhou uma bolada no porco. Chama-se a isto um palpite feliz.

Badinha era uma anciã muito conhecida como boa decifradora de sonhos. Certa vez, alguém foi dizer que havia sonhado com Siqueira, um velho amigo. Perguntou-lhe qual o bicho que podia dar. A velha pôs a mão na cuca e foi dizendo: “Siqueira — chiqueiro — chicueiro — cabra. O bicho é cabra. Pode jogar”.

Segundo a sabedoria popular, quem sonha com água e alagados é jacaré; flor e moça é borboleta; defunto é urso; lama é porco; cocô é dinheiro; fogo é veado; velho barbudo é leão; ninhada de rato é porco (porque os ratinhos novos se parecem com bacurinhos) vaquejadas é cavalo, vaca ou touro; esporas é galo; meninos ou velhos é macaco; pessoa loura ou avermelhada é peru; fazenda estampada é pavão; caçadas é gato ou cachorro.

Contou-me ainda o Vicente Traíra:

Certa vez sonhara que caçava preás. As espoletas das espingardas eram de papel. Pelejava para matar e não conseguia. Então fez o jogo no milhar: 2.752. Mais tarde o milhar foi 2.753. Explicou: “Errei de burro. Todo o mundo sabe que na espingarda existe o cão e este se parece com os números 2 — 5 — 7. A raiva que tive: nesse tempo, quem fabricava espoletas era uma mulher da família dos gatos. Gato, na dezena é 53. Portanto, deveria ter jogado 2.753 e não 2.752 que é o galo e nada tem a haver com as espoletas.

Ainda diz o populacho:

Quem joga no avestruz joga águia; no burro, cavalo; na cabra, carneiro; no cachorro, leão; na cobra, jacaré; no gato, tigre; no galo, borboleta; no elefante, camelo; no macaco, porco; no urso, veado; na vaca, touro; no pavão, peru, no coelho, borboleta. Ainda sonhando com homem é leão; com avião é borboleta; com soldado é qualquer bicho de asa; com muro é gato e com dança é urso. Há ainda quem sonhe com pessoas e, correspondendo à personalidade do indivíduo, joga no bicho adequado.

Também se usa dormir amarrado a um pé de mesa, ou cadeira para sonhar — Usa-se jogar fumaça no café. O desenho que apresentar dará o palpite.

Certa vez, alguém sonhou com o gato, jogou na vaca e acertou. Explicou: o gato corre atrás do rato; o rato roi o queijo, o queijo é feito de leite e o leite = vaca.

Se o Jogo do Bicho cria na alma popular um mundo de imagens e mensagens, as mais diversas e extravagantes nos jogos de cartas de baralho, há também um vasto repertório de casos e anedotas. Com a extinção dos jogos de azar, como o poquer, o bacará e outros do agrado do povo, sobrou-lhe o pifepafe. Há muitas casas de jogos na cidade. Há sempre uma anedota a contar. Numa dessas casas, aparecia sempre um cidadão indesejável, que gostava de peruar os amigos. Mas há uma crença popular do mau olhado, dos “olhos de pimenteira”. Se alguém possui tais fluidos, sua presença ao lado é um azar verdadeiro.

Em Açú, há um cidadão com essas características. Os jogadores resolveram livrar-se da importuna companhia. Disse um: “Vamos fazer uma coisa. Quando o Juca chegar, como gosta muito de dar um cochilo aí perto da nossa mesa, nós vamos apagar as luzes, gritar e dar murros na mesa. Quando ele acordar, continuaremos o nosso jogo, como se tudo estivesse no claro”. Dito e feito. O plano entrou em ação. Quando o “peru” acordou, esfregou os olhos. Ouviu o barulho da jogatina e, muito desconfiado, perguntou: “Compadre Walter, a luz está acesa”? Respondeu — “Você não está vendo? O que é que há, Compadre”? E o compadre, chorando: “Valha-me Deus! Eu fiquei cego!” Mais tarde, descobrindo a brincadeira, nunca mais foi peruar jogo de ninguém.

Contou-me Maria Alice Bezerra que, certo dia, estava à janela de sua casa, chamando por seu filho que brincava na rua. Gritava para o menino, a plenos pulmões: “Daniel! Daniel! Daniel!” No momento passava uma mulher. Olhando para trás, indiscretamente, disse: “Que palpito bom para a cabra”!

Hoje joga-se na Loteria Federal e na Esportiva. Por que não é também liberado o Jogo do bicho, o mais popular e simpático dos jogos?

A propósito, poucos sabem que a criação do Jogo do Bicho, deve-se ao Barão de Drummond, carioca, proprietário de uma chácara no famoso bairro de Vila Izabel. Ele possuía um verdadeiro jardim zoológico em sua chácara, muito visitada por curiosos. Resolveu tirar partido disto, passando a cobrar ao visitante um ingresso. Daí para o sorteio foi um pulo...

DA SEMANA SANTA, DO SÁBADO DA ALELUIA E DO JUDAS

Durante a Semana Santa, várias tradições eram conservadas. As sextas-feiras da paixão eram muito respeitadas. Nesse dia sagrado, não se varria a casa, não se tomava banho, não se penteavam os cabelos, não era permitido pela Igreja a alimentação de carne. O jejum era rigoroso. Nem água tomava até o meio-dia, quando a matraca anunciava a quebra do jejum. Este constava de cabeça-de-galo (um pão de leite com ovos cozidos), peixes e bacalhau.

Havia quem se cobrisse de preto para ir à rua. Em casa, as mulheres rezavam o ofício do dia.

Na Igreja, o corpo de Cristo ficava exposto à visitação e, às quatorze horas, havia a procissão do enterro, a maior do ano.

A meia-noite, tudo mudava. As portas se abriam, projetando nas calçadas a luz dos interiores, dando uma aparência festiva à cidade. Era a hora das ALVIÇARAS. Todos se compenetravam de dar as boas-vindas da ressurreição do Salvador. Diziam:

JESUS RESSUSCITOU! ALELUIA! ALELUIA!

Era chegada a hora do suplício de Judas, o traidor.

Triste o destino de Judas! Talvez, na história da humanidade, nenhum ser humano pagasse tão caro a sua traição. Seu corpo expiou na forca o remorso, porém seu espírito, depois de 1978 anos, ainda paga pela traição cometida contra o Salvador.

Ainda se conservam algumas tradições, porém, antigamente, a morte de Judas era ponto final das festividades sagradas.



1972
Franklin Jorja

O Judas, em forma de boneco de pano, do tamanho natural de um homem, era pendurado em uma árvore, num galho qualquer. Era então atingido por tiros e pedradas, desfechados por velhos, jovens e crianças. Assovios e váias acompanhavam a ação. Antes, porém, um cidadão lia em praça pública o célebre “Testamento de Judas”. Constavam dos pertences do traidor legados, em forma de versos espirituosos, satíricos e irreverentes, a alguns membros da comunidade. Era um testamento completo das posses do malfadado Judas. Há muita graça e ironia na quadra em que se lê:

**“Ao amigo Joca Marreiro,
venta de trinco de mala,
deixo o pau da minha forca
pra lhe servir de bengala”.**

E, assim, os versos se sucediam aos aplausos da multidão.

Cada ano um testamento era feito, de acordo com a época e os membros da comunidade.

Há um que ficou na memória do povo. Dizem que é da autoria do Padre Manoel Januário Bezerra Cavalcante, Vigário do Açú, no ano de 1858. O padre não gostava do povo de Angicos e terminou o seu famoso testamento — o do Judas — com os irreverentes versos:

**“Deixo meu fato aos urubus
e a todos peço e rogo
que me comam com seus bicos
e me caguem com seus cus
lá na Vila de Angicos”.**

Hoje, das antigas tradições, apenas os galináceos pagam o pato. São roubados, à meia-noite, nos seus poleiros e servem de apetitosos pratos, em mesas de bar, e casas de família, com boas doses de Pitu.

Nas cidades, os Judas vão se rareando. Na zona rural, há ainda quem castigue o traidor.

DAS EXCELÊNCIAS

São vulgarmente conhecidas por "INCELENÇAS". Constam de cerimôneas fúnebres, durante o velório dos corpos de anjos e adultos.

É muito comovente a excelência dedicada aos anjinhos. Várias pessoas, homens, mulheres e crianças, cantam ao redor do caixãozinho que, geralmente, em tempos mais remotos era substituído por telhas ou gavetas.

O canto constava da seguinte loa:

**"Minha mãe eu vou pro céu,
por mim não fique chorando,
que eu vou e não volto mais,
um anjo vai me levando".**

Repetiam nove vezes a quadra. Quando chegava no último verso cantavam "dois anjos vão me levando" e, assim, consecutivamente, até a última quadra que terminava: "nove anjos vão me levando".

Quando se tratava da morte de um adulto, ao vestir o defunto, ouvia-se o cantar:

**"Uma excelência da estrela do Amazonas,
alecrim verdadeiro e rosas manjeronas".**

Era costume banhar o morto com plantas aromáticas, dentre elas, o alecrim, o mofumbo, a manjeronas e outros.

No velório, já como derradeira despedida, ao ser o corpo depositado na rede (os pobres eram enterrados em redes), em altas vozes, cantavam os presentes:

**"Uma incelença foi Deus quem mandou.
Acorda, irmão, que o galo cantou.
E o canto do galo é o amanhecer do dia,
E sua alma há de ter muita alegria".**

Destaca-se uma voz de mulher a rezar a Ave Maria, dando por encerrada a incelença, e o corpo era levado à última morada.

A viagem para a cidade eterna é também digna de registros. Geralmente, o número de pessoas é limitado. O corpo é carregado em rede. Uma trave, forte, comprida atravessa a rede. Uma pessoa para cada ponta e lá se vai o fúnebre cortejo. A marcha é ritmada e, de dez em dez minutos, aproximadamente, há o rodízio.

Ao passar o enterro pelas portas das casas, os moradores jogam punhados de areia para o ar, o que representa, em grãos, a distância que desejam da morte.

Ao chegar na cidade, quer tenha padre ou não, o corpo é depositado na igreja, para a última visita. Ali, o morto é novamente visto e pranteado. Havendo padre, o corpo é encomendado com água benta e orações. Da igreja para o cemitério, segue o enterro, sob repiques a finados, que os velhos sinos plangem no triste dia.

Hoje, o progresso chegando a toda parte, tem alterado os velhos costumes e crenças.

Não se cantam mais as incelenças porque descobriu-se que, cantando para defunto, as almas não vão para o céu. Ficam eternamente penando. Digna de registro outra incelença:

**“Uma incelença dos anjos
quem mandou foi a Mãe de Deus
Adeus, irmão dos anjos,
irmão dos anjos, adeus”.**

Certa vez, passava pela Praça da Matriz um enterro de um anjinho. Criancinhas carregando outra criança morta. Uma ia à frente segurando a tampa do caixão. O anjo ia descoberto até a sepultura. Do contrário, não entraria no céu. As criancinhas, com buquês de variadas flores, formam um belo e comovente cortejo.

Marquinho, nunca havia visto um anjo. Muito curioso e perguntador, foi até a igreja com sua babá. E as perguntas vieram em forma de tiroteio:

- “Que é isso, hein, Lurdes?
- Não está vendo, Marquinho, que é um anjo?
- Por que ele está neste caixão, hein?
- Porque ele morreu.
- Por que ele está com os olhos abertos, hein?
- Porque ninguém fecha os olhos dos anjinhos.
- Para que essa roupa comprida, hein?
- É a mortalha...
- Que é mortalha, hein? Pra que essas flores, hein?

Lourdes, aborrecendo-se com tantas perguntas, repreendeu-o:

— Ô, Marquinho, deixa de tanta pergunta besta.

E o Marquinho, teimoso, continuou:

— E porque eu não pergunto. hein?

DE SECAS, DE ENCHENTES E DE PROFETAS E PROFECIAS

No polígono das secas, o Vale do Açu, como pequena faixa do nordeste brasileiro, também paga o seu tributo ao magnificente e impiedoso astro-rei.

O Vale está sujeito a secas periódicas e, no reverso da medalha, ao copioso pranto dos céus. — As enchentes.

São dois períodos climáticos que torturam e traumatizam o sertanejo. Mas, como ele é “antes de tudo um forte”, resiste às intempéries de forma dramática e muitas vezes heróica.

Podemos dizer que o sertanejo vive em função do tempo. O céu é o seu espelho. Ali, ele se vê chorando ou sorrindo. Ao levantar-se, dá seus bons dias ao horizonte, mãos sobre os olhos, a observar a tonalidade do azul e a densidade das nuvens, sua cor e formatos. Observa o tempo. Conhece, como ninguém, a rosa dos ventos. Sabe que o vento norte, aquele ventinho maravilhoso que vem do mar, prenuncia chuvas. Quando sopra o poente, pode cuidar, sem receios, dos seus cercados, mas quando aparece o sul, o vento maldito, o porta-voz das secas, ele se entristece. O vento largo ou leste é primo do vento sul e predomina na região.

Passeando pela latada (alpendre), após o café da manhã, ele olha para o céu. As torres (nuvens que prenunciam chuvas) para o lado norte, são outro agradável indício. Esfrega as mãos satisfeito, pois o inverno está garantido. Pega a sua enxada e vai feliz para o seu cercado. Se há relâmpagos para o sul, céus! É a amalinada! Ele sabe o que é uma seca e por que transe o rei do dia obriga-o a passar. Ele sabe o que significa um cercado tostado pelo fogo do sol, rios secos, a cacimba distante sem água, o gado caindo e os queimas de xiquexiques e macambiras. Em casa, a mulher e filhos pedindo-lhe sustento. Quando lhe falta o último alento, então, terá que sair e procurar sobrevivência em outros lugares ou estados longínquos. A viagem constrangida obriga-o a desfilar nas estradas de espinhos o drama dos flagelados; contudo, leva consigo a esperança de voltar à terra que tanto ama.

Dentro do panorama das secas, podemos colocar, nas experiências populares de adivinhações de inverno, o folclore.

A mais conhecida é a da primeira lua cheia do ano. Se ela aparece entre pesadas barras, ou se estas forem cerradas a ponto de esconderem a bela da noite, o ano será excelente.

A lua também é profetisa do sertanejo: se for cheia no princípio do mês o ano será bom; do dia dez a quinze será escasso de chuvas, e se for cheia no fim do mês é o desengano.

Ainda no corpo humano, o povo tem um barômetro de precisão, segundo a matriarca Maria Mansa, mãe de duas dúzias de filhos, aliás, mulher extraordinária. Ela se enquadra perfeitamente bem dentro do folclore, pela sua vivência com o povo, pela dureza de sua vida, no sustento da família, como verdadeira heroína do sertão. Era mulher vivida, temida e viajada. Carregava suas broacas a tiracolo, montava em burros ou jumentos, gorda e flácida no lombo dos animais, indiferente às opiniões alheias. Também adivinhava chuva. Dizia: "Aposto como hoje vai chover". E arrematava: "Quando minhas virilha começam a suar já sei. É chuva na certa". Meu marido, brincalhão, perguntava-lhe: "Como é, Compadre, como vão suas verilhas hoje"? Respondia, compenetrada: Compadre, elas hoje estão mais secas que língua de papagaio".

Também é sinal de chuva: calo doer, dores reumáticas, sapos e jias coaxando, correção do formigas, mariposas noturnas.

Durante as festas de São Pedro e São João, várias experiências são feitas pelo povo, religioso e crente.

Se a primeira lua cheia do ano aparece no horizonte entre nuvens, o ano será bom de inverno. Se num céu límpido, prenúncio de seca. Costuma-se encher uma garrafa d'água, tampá-la bem tampada, e colocá-la na fogueira. Se a água baixar pouco de volume, o ano será bom. Se baixar muito, será seco.

Os balões também prenunciavam inverno. Se eles to-
mam a direção do poente, bom inverno, do sul, seca.

É muito interessante a experiência com pedrinhas de sal: põem-se no terreiro, ao sereno, seis pedrinhas de sal, equidistantes umas das outras, representando cada uma, respectivamente, um mês, de janeiro a junho. A que se apresentar mais úmida será o mês de melhor inverno.

Os animais entram também no rodízio das experiên-
cias: se a bezerrada da seca for macho, o ano será bom; se
for fêmea, duvidoso; gata parindo em janeiro é inverno
garantido.

No Vale do Açú, há muitos “profetas” de todas as
classes sociais. Um deles merece destaque — Firmo Dantas —
um velho babilônico, lá da Ponta Grande. Era alto, magro,
cabelos brancos e ralos, barba escassa, voz grave e profun-
da. Firmo Dantas usava termos engraçados. Chamava sua
mulher de Senhora Sim e ela a ele, de Senhor Não. Firmo
só conversava sorrindo, usando uma linguagem ainda do
século em que nascera, nos idos de 1882. Aprendera as
primeiras letras, com muito sacrifício, queimando pestanas
à luz das lamparinas e piracas. Era professor de crianças e
adultos da fazenda, sendo muito respeitado como o Mestre
Firmo. Possuía um Lunário, herança do pai, por ter sido ele
o único filho que se interessava pela cartilha do abecê. Em
plena mocidade, fora atingido por estranho mal. Manque-
java. Só viajava em animais, quando de suas idas à Casa
Grande. Amava a sua burra — a Pagã — e chorava de sau-
dades da Figueira, a burrinha querida dos tempos da
mocidade.

Na escola do Mestre Firmo a palmatória reinava
absoluta. Os meninos soletravam, cantando e balançando
os pés, numa cadência sonolenta, esta estranha cartilha:

**“Um cê com a é um ceaça
Um cê com e é um ceecé
Um cê com i é um ceici
Um cê com o é um ceocó
Um cê com u num digo Sinhô Não”**

Firmo gostava de prever inverno. Dizia que o seu Lunário informava que o ano seria mau, se estivesse sobre a influência do Planeta Marte. Se este se casasse com a Lua, seria pior: haveria enchentes, revoluções, brigas federal e estadual, doenças, mortes. Dizia: “Marte só traz misérias. Parece que quer me levar também com minhas dores e o meu sofrer”. Gostava de ler a Bíblia. Seus capítulos preferidos: 24 e 25 de São Mateus. Dizia: “Um crente, quando promete, é um tiro na testa”. Era católico praticante. Seus planos ainda para o futuro, já nos oitenta anos bem sofridos: “Trabalhar, trabalhar, trabalhar, até não poder mais. Eis a minha vida Senhor Sim. Comecei mal, terminei mal. Só basta isto para dizer tudo. Quando morrer, já pedi à minha mulher: quero o Lunário na mão direita, e na esquerda, a cartilha do abecê, para quando chegar no céu dizer a São Pedro — “Meu branco, sou eu, Senhor Sim. Abra a porta. É Firmo, o Profeta”.

Certa vez no alpendre da Picada dizia ao seu patrão: “Doutor, para se comer, do céu eu respeito o urubu; da terra, o cururu, e da água, o mussu. O resto eu enrolo tudo”.

Quando o céu se veste de torres e o norte e o poente não param de soprar, o inverno está garantido. Então, o sertanejo, que vive numa terra de contrastes, vai viver, também, esporadicamente, outro drama, — o das enchentes.

Ficou na história do Vale a grande cheia de 1924, que deu uma precipitação pluviométrica de 1.720 milímetros. Várias secas marcaram época: a de 1877, a de 1915, a de 1924, 1930, 1941, 1952, sempre intercaladas de anos bons e regulares. 1947 foi um ano chorão e 1964 e 1974 trouxeram ao Vale um dilúvio de lágrimas do céu e da terra.

Nestes dois últimos anos, o Rio Pataxó uniu-se ao Piranhas ou Açu e inundou o Vale, em dramas inesquecíveis. O céu era um cortinado de chumbo por vários dias. As águas chegaram violentas, lá das cabeceiras da Paraíba, levando de roldão, na sua fúria, açudes e açudecos, invadindo várzeas e tabuleiros.

O povo, apavorado, via a água crescer em volume, de hora em hora, invadindo ruas, casas e cercados, faminta de leitos e de vítimas. Mas, "o sertanejo é antes de tudo um forte". Ele enfrenta o inimigo molhado. Só abandona o lar se a água entrar dentro de casa. Muitas vezes, nem a deixa. Ele faz um jirau em cima do telhado e ali coloca a família.

Outros, só abandonam o lar, se puderem levar as miunças. Outros, ainda teimam em ficar, água pelos joelhos, porque não conseguiram encontrar seus "biscuaios" — porcos, galinhas, cachorros e bichanos.

Nessas horas dramáticas, a solidariedade humana é fator positivo de fraternidade. Aparecem voluntários, varando rios, lutando como gigantes, para salvar o seu próximo. O político aparece também. Ele quer que o povo saiba que está a seu lado em todos os momentos.

Geralmente, no meio do drama aparece a comédia, a suavizar os ânimos, em discretas risadas.

Durante a enchente de 1974, encontraram certa velhinha em precária situação, junto a moitas de calumbis e sanhudos candus (carnaubeira nova). Levaram-na quase morta para os alojamentos dos flagelados; ali chegando, deitaram-na em colchão improvisado de roupas e esteiras. Alguém disse: "Com esse piado, essa velha não escapa", ao que a velha, abrindo os olhos, respondeu: "Num vô morrê não sinhô. É um pinto que eu tenho no bolso".

Se alguém morre afogado, é da crença popular que, se puser uma vela acesa numa lata e a soltar no rio, aonde ela parar, ali estará o cadáver.

Ainda numa das grandes enchentes do rio Açu, várias pessoas resolveram descer o rio, em canoas, e socorrer o povo aflito no baixo Açu, levando-lhe roupas, alimentos e remédios. Dentre eles ia o Deputado Edgard Montenegro.

A jornada era perigosa. Noite escura, rio crescendo em volume d'água, a correnteza levava na fúria tudo o que lhe obstasse a passagem. Desnorteados, sem rumo, perderam-se no meio das águas, e ficaram em precária situação, no

meio dos carnaubais sanhudos, dos marmeleiros e velames, no emaranhado das mussurucas e pastas aquáticas. A água subindo cada vez mais.

Vendo o perigo, os nossos heróis apavoraram-se e um deles gritou por socorro. Ouvindo vozes longínquas, animado, com as mãos em conchas ao redor da boca, gritou mais alto ainda: “Aqui é o Compadre Edgal que leva cumê para voceis”!

Quando um inverno é normal, o sertanejo se esquece dos seus dramas anteriores. Ele agora está satisfeito, feliz com o inverno garantido pelas chuvas regulares. Isto significa cercados cheios de milho, feijão verde, algodão, melões, melancias e jerimus francos. Significa a paz de espírito garantida por algum tempo. Terá oportunidades de armazenar feijão, milho e trigo para os meses da seca. Seu produto será vendido nas feiras e seu suor não foi perdido.

Do grande poeta norte-rio-grandense — Cosme Lemos — são os magníficos versos que, assim, decantou uma estação de inverno:

**Ó meu Deus, que maravilha!
Está chovido o sertão!**

**O sertanejo fervilha
de fervor e de esperança
e a cantar aos céus não cansa
Ó meu Deus, que maravilha!
A chuva solfeja e brilha,
canta a canção da invernia
com relâmpago e trovão
e os vaqueiros na ufanía
gritam cheios de alegria:
Está chovido o sertão!**

Os poetas se põem a versejar:

**“Inverno! Rasgam-se as nuvens,
Já se alaga todo o chão!
Ó que tempo venturoso,
nas campinas do sertão!
O rio corre no prado,
salta alegre e urra o gado
ouvindo o som do trovão.
Ai, que saudades eu sinto
da vida do meu sertão”.**

O AÇU NA VOZ DOS SEUS POETAS

**Que sentimento inexplicável
nos funde à terra onde se nasce?**

Eis o dilema: terra, berço, raiz. O solo, onde decalcamos o passo primeiro, no amálgama do homem e da terra, nos une de forma incontestável ao berço. É condição telúrica o homem amar a terra onde nasceu, guardar na memória a casa, o lugar, as ruas por onde andou, as árvores em que subiu, os frutos que provou, as pessoas com quem conviveu e conservá-los todos no vídeo da memória. Amar a terra é condição de vida. Morrer por ela, se for necessário, condição de honra.

Açu é conhecida como “terra de poetas e berço de heróis”.

São inúmeros os seus poetas, clássicos e populares, famosos na faixa etária em que viveram, marcando momentos inesquecíveis em reuniões patrióticas e sociais.

Ao começar este capítulo, desejo prestar homenagem a um homem rude, poeta do povo, um cantador sem instrução e de infinita vivência — Chico Traíra. São de sua autoria os versos:

FUNDAÇÃO DO AÇU

As formosas paragens do Açu
vêm de mil seiscentos e cincoenta,
habitada por tribos violentas,
por indígena que andava quase nu.
Se chamava a aldeia Taba-Açu.
Janduí eram os índios do arraial,
se estendiam próximo ao litoral,
de Açu a Mossoró, a Upanema,
empunhando feroz o tagapema.
Janduí era o chefe principal.

Foi em mil seiscentos e noventa e seis
que Bernardo Vieira governava,
Rio Grande do Norte as leis ditava,
enviadas do reino português.
A seis de fevereiro dia e mês
atacou os indígenas, propôs guerra,
Expulsou-os além da grande serra,
Estendeu seus domínios e poderes
E foi Nossa Senhora dos Prazeres
O arraial primitivo desta terra.

O Açú, alguns anos se tornou
Esquecido do reino português
Mas em mil setecentos e setenta e três
Município tornou-se e prosperou
Depois de dois anos se instalou
Sua sede cresceu, criou riqueza
Possuindo alguns meios de defesa
Contra o índio feroz na luta afoito
E mil setecentos e setenta e oito
Se chamou Vila Nova da Princesa.

Depois de Vila Nova da Princesa
Já no ano de mil oitocentos
E trinta e cinco com leis e documentos
Foi passada à comarca com certeza
E sobre esta vasta redondeza
Progredia a comarca e prosperava
Já um templo católico se elevava
Aos incrédulos propondo grande guerra
O primeiro vigário desta terra
Manuel de Mesquita se chamava.

Já criando maior prosperidade
De produtos e vários alimentos
E no ano de mil e oitocentos
E quarenta e cinco foi cidade
Com perfeita municipalidade
E a Matriz que o católico a Deus adora
D. Clara Macêdo tinha outrora
Muita fé em S. João e amou-o tanto
Que uma légua de terra deu ao Santo
Que cidade de Açú se chama agora.

Está a cidade edificada
Com um quilômetro e meio de distância
No seu rio que corre em abundância
Quando é fragorosa a invernada
Ao norte a cidade é limitada
Com a linha que faz a divisão
Da terra de Santo está então
Limitando-se com o córrego na nascente
Com o cemitério público no poente
E com o sul a fazenda de S. João.

Rio Açú na cidade de Pombal
É conhecido por rio Piancó
Confluente ele faz com Seridó
Corre o rio do Peixe em seu canal,
Mas Açú é o nome principal
O Riacho, o Umbuzeiro, o Caraú
O Riacho dos Porcos, Paraú
O Riacho das Conchas, Patachoca
Tudo isso se lança e desemboca
Sobre as águas formosas do Açú.

Falo agora em lagoas importantes
Piató, a mais rica nas pastagens
Pois no ano das grandes estiagens
Refrigera a muitos habitantes
Tem baixios e enormes vazantes
Tendo água tem peixe, camarão,
Plantam trigo, batata, arroz, feijão
Para o Brejo se exporta com fartura
Dois quilômetros tem ela de largura
Com dezoito quilômetros de extensão.

Das lagoas da várzea ao tabuleiro
Onde grandes vazantes possui lá
Tapurema, das Bestas, Poassá,
A Redonda, Banguê, Jenipapeiro
A lagoa de Pasta e do Ferreiro
Papaiou, a lagoa Marcação,
A de Mãe Izabel, do Alemão,
Das traíras, das Pedras, do Coré,
Do Siri, do Botão, do Quixeré,
Das Itães, da Mutamba e do Pai João.

No Açú houve centros culturais
De revista de altos conhecimentos
E no ano de mil e oitocentos
E setenta e sete houve jornais
Escritores e poetas colossais
De erudita e perfeita inspiração
Seus jornais foram o Eco do Sertão
Vagalume, Assuense, o Luneta,
Dois amigos, A Escova, e O Cometa
Jornal do Açú e A Abolição.

AO HERÓI DO CURUZU

(Na voz de um assuense-1887)

Este poema foi dedicado ao Ten. Ulisses Olegário Lins Caldas, morto em combate de 7 de novembro de 1886, durante a guerra do Paraguai, nos campos de Curuzu.

Morreu, sim, mas com renome,
Um herói só morre assim! . . .
Ulysses era seu nome
Hoje tem por sobrenome
O que a fama não dá fim.

Era moço: e no seu peito
Lhe batia um coração
Aos sentimentos afeito
D'honra, brio e de respeito
Que se vota a uma nação.

Ao grito da Pátria expulso
Nas convulsões do sofrer
Ulysses bateu o pulso
E cego, forte e convulso,
Quer vencer ou quer morrer

Ao seu caráter guerreiro
Dá-se modesto galão
Patriota verdadeiro
Era na paz um cordeiro
Era na guerra um leão.

**De tanto nobre soldado
Que partiu cá do Açú
Nenhum houve mais ousado
Mais valente e denodado
Que o herói do Curuzu**

**A mina lá estremece
Lá o vulcão rebentou
Tudo de horror emudece
Tudo frio empalidece
Tudo de susto pasmour**

**Mas Ulysses não abate
No meio da confusão
Lá sai de encontro ao embate
Lá se entranha no combate
Ei-lo herói de uma Nação**

**Ei-lo cercado de amigos
Respondendo as ovações
Enquanto novos perigos
Lhe preparam inimigos
Nas horas das maldições**

**Ser herói é ser colosso
De mil feitos imortais!
Ser herói sendo tão moço
É ter pungido o pescoço
Ao jugo da morte audaz**

**Ulysses bem o sabia
Que estava perto a morrer
Um combate se anuncia
E tudo que ele previa
Vai de certo acontecer**

**Ao terror seu peito cerra
Sobre o inimigo avançou:
Devasta, assola e desterra,
Até que o gênio da guerra
Disse: Basta. Ele parou**

Era um chuveiro de balas
Disparadas a seus pés
Mas ele transpondo as valas
Se cobre de novas galas
E ganha novos lauréis

Porém depois da vitória
Morreu . . . Que resta? Uma cruz!
Uma página na história
Escrita com muita glória,
Cercado de muita luz

Morreu sim mas com renome
Um herói só morre assim! . . .
Ulysses era seu nome,
Hoje tem por sobrenome
Glória, fama, herói por fim.

Ouçamos a voz de Carolina Wanderley, da Academia Norte-Rio-grandense de Letras, a falar de sua terra, num soneto dedicado à Sinhazinha Wanderley.

MINHA TERRA

(Do livro: Alma em Versos)

Terra bendita, onde abriguei, ditosa
Da minha infância as ilusões fagueiras . . .
Coroadada, qual rainha majestosa,
Das verdes palmas das carnaubeiras.

Terra gentil, que acolhes, cariciosa,
Nas oiticas verdes e altaneiras,
Aves gazis, que em voz doce, maviosa
Cantam ao sol as radiações primeiras.

Se eu, algum dia, trêmula velhinha,
Presa à mágoa, sem fim, que me espezinha
Ao teu solo volver, berço risonho,

Agasalha-me ainda com a ternura
Com que, outrora, nos dias de ventura,
Agasalhaste o meu primeiro sonho!

Ainda há outra forma de amar a sua terra: voltando ao solo em que nasceu. Bem o definiu o poeta ao dizer:

**“Como a ave que volta ao ninho antigo,
Depois de um longo e tenebroso inverno...”**

Assim voltou o Sr. Antonio Gomes e quis rever o lar paterno, o de saudoso encanto.

Ali chegando, notou que a linda trepadeira que ornava o velho terraço, ainda existia dando flores, mas naquele momento, sem os cachos róseos de “mimo do céu”.

Perguntou quem era a ladra das lindas flores. Quando o soube, improvisou, sentado à mesa, em frente à trepadeira:

**“Tirana! Roubaste as flores
Que ornavam a trepadeira,
Causando desta maneira
As mágoas e os dissabores,
Aos contentes beija-flores
Que ali vinham todo dia,
Na mais completa alegria
Festejar os seus dissabores”!**

* * *

Eis como Minervino Wanderley relembra o seu torrão natal. O rio a unir o homem à terra, como um elo universal.

A CHEIA

**Açu. Noite de inverno. O extraordinário rio,
Pela várzea descendo, espumante, ligeiro,
Prateia a estrada escura. E, no vale sombrio,
Desperta o coaxar do sapo prazenteiro.**

**Sopra um vento veloz, murmurejante, frio,
Parecendo abafar a voz do canoeiro...
E mais além se perde o agourento pio
Do negro corujão, pressago, feiticeiro.**

**Ao grito: — água na porta! — Acorda a caboclada!
Alvorço e clamor. Nem sinal de alvorada...
E os barrancos se enchendo, e as águas cachoeirando...
No entanto, quando o sol desperta os passarinhos,
Trilhando sobre a lama dos caminhos,
De enxada ao ombro, segue o lavrador cantando!**

* * *

Francisco Amorim decanta o seu AÇU:

**Minha terra natal, revendo o teu passado
De glórias, tradições e gestos imortais,
Sinto orgulho de ter do teu seio emanado
Ouvindo o farfalhar dos verdes carnaubais.**

**De Ulisses Caldas és o berço idolatrado,
Ninho de aspirações, gleba de ideais,
Teu solo se assemelha ao sonho do El-dourado
Onde brotam chovendo os lírios e algodoais.**

**Tudo é grande em ti. As várzeas, as lagoas,
O rio a se estender em meses ou lavradores,
Do poeta a melodia, os vilões, as loas.**

**A noite, quando o luar do céu um poema
E a terra adormecer desperta os sonhadores
Grita na serra ao longe a triste Seriema.**

* * *

Antonio Soares, o autor da **Lira do Poti**, assim recorda o chão, a gleba amada, o berço primeiro:

ASSU

**Do Cabugí além, na sertaneja plaga
Que a estiagem flagela e a chuva enche de vida,
Onde a tarde, o nordeste acaricia, afaga,
Do verde carnaubal a copa no alto erguida**

Está, florente e bela, a cidade querida
Que é meu berço natal. Por mais singela e vaga
A memória conserva, em saudade envolvida,
A impressão infantil, que o tempo não apaga.

Recordo a várzea, o rio . . . aspectos que vi,
A lagoa Piató, na enchente e na vazante,
O parque e o laranjal da casa em que nasci.

Recordo a voz do sino em vibração feliz
E o cordeirinho branco, esguio e vigilante,
Solitário, a girar na torre da Matriz.

* * *

Dr. Adalberto Amorim relembra a doce terra:

ASSU

Não sei se existe terra mais ditosa
Do que esta minha ditosa terra,
Onde tudo se mostra cor de rosa,
E um panorama de beleza encerra.

Nela palpita meiga e carinhosa
Esperança fagueira a que se aferra
A alma de seus filhos, dadivosa,
Quer nos tempos de paz ou nos de guerra.

Tudo é beleza, encantamento, riso.
Suas várzeas fecundas e seus campos
Lembram um ditoso e eterno paraíso.

E no sussurro dos carnaubais
A gente escuta, à luz dos pirilampos,
Doce promessa de conforto e paz.

* * *

ASSU-MINHA TERRA

Oliveira Júnior

Minha terra é tão linda,
Tão boa, tão rica...
Como a Terra da Promissão,
Nela o sol mais vivifica
A alma e o coração.

Penso, às vezes, que os Gênios da Ventura
As Fadas da beleza e da Ternura
Nasceram no seu seio,
Num dia todo cheio
De luz, de sonhos, de alegria infinda...

Dos carnaubais as palmas verdejantes,
Sacudidas por ventos sussurrantes,
Parecem ventarolas se cruzando,
Se beijando
No espaço azulado
E todo embalsamado
Pelo aroma das plantas tropicais.

Seus lagos e rios,
Sempre a cantar
Dolentes amavios,
Na voz de cristalinas águas,
Fazem-me recordar
A infância, a meninice, a mocidade.
E com que saudades
E quantas mágoas,
Lembro esse tempo que não volta mais!

Olho o vetusto templo secular,
Enquanto o velho sino, a badalar,
Chama os fiéis ao culto de Jesus,
Num ambiente de flores e de luz...
Como é tão linda e tão boa
A minha terra natal!
De Deus, a bênção fadou-a
A ser, na história, imortal.

Um dos mais ilustres cidadãos do Açu, grande médico e poeta-trovador — Dr. Mariano Coelho — decanta a sua gleba:

“Terra Onde Se Nasce”...

**“Como é sublime
saber amar
e com alma adorar
a terra onde se nasce”.**

**Por mais se entenda a vida, avance mais a idade
e se esteja, afinal, da terra-berço ausente,
na memória constante, é luz a claridade
da lembrança feliz, do afeto permanente.**

**A praça da Matriz, a maior cidade...
Açu... carnaubal majestoso e virente...
O São João, o Natal... e me afirma a saudade:
“Como foi seu passado é hoje seu presente”.**

**Maldito seja quem seu próprio berço esquece!
Ninguém pode esquecer, por mais que o tempo passe,
que tão somente foi semente para a messe.**

**E contempla, tal qual se acordado sonhasse,
— em fervorosa união de comovida prece —
o retrato mental da “terra onde se nasce”.**

* * *

Com a pujança de sua inspiração e amor telúrico ao seu Açu querido, Sinhazinha Wanderley conseguiu perpetuar-se nas músicas que compôs, nos versos que fez. Centenas de meninos e de fiéis cantam nas escolas e nas igrejas, a sua alma poética e mística, através de hinos religiosos e patrióticos, os mais expressivos. Vejamos o

HINO OFICIAL DO AÇU

Qual um canto mavioso
Das aves pelo ramado
A minh'alma te festeja
Meu Açu idolatrado.

Torrão bendito hei de amar-te
Dentro do meu coração
Salve, Açu estremecido
Salve, salve ó meu sertão!

Palmeiral da minha terra
As várzeas cobrindo estás
Tu que és útil pelo inverno
E pela seca ainda mais

Valoroso, florescente,
Em face dos mais sertões
Hão de erguer-te o nosso esforço
Nossos bravos corações.

DE JOÃO LINS CALDAS, SEUS POEMAS E FRASES CÉLEBRES

Nascido em Goianinha — RN —, a 1º de agosto de 1888, dizia com sua voz soturna e grave: “Nasci em agosto com desgosto”.

Poderia ser considerado um açuense, por ter vivido nesta cidade durante sua infância e maturidade, vindo aqui a falecer a 18 de maio de 1967. Dizia da terra onde viveu anos a fio: “O Açú é o meu inferno”. É descendente de tradicional família açuense — os Lins Caldas.

O escritor José Geraldo Vieira traçou-lhe o perfil em poucas linhas no seu livro — Carta à Minha Filha em Prantos:

“... havia o Caldas, o meu amigo, poeta, gênio obstinado que surgia em casa em certos domingos para se mostrar com um museu em cuja alma abobadada os fantasmas de Byron, Novallis, Põe, Baldelaire e Dostoiewsky estavam em vitrinas também. Esse Caldas era meu amigo desde meus tempos de estudante. É o meu personagem Cássio Murtinho, segundo romance que vivi e escrevi: Padrão de honra e dignidade. Pobre, emigrado do nordeste, conheci-o no tempo de Lima Barreto, Hermes Fontes e Antônio Torres, na porta da Garnier.

Trabalhava como revisor de jornais, à noite. Vivia na Biblioteca Nacional de tarde; almoçava e jantava sanduíches de mortadela na Galeria Cruzeiro; perpetrava vinte a trinta sonetos por dia em abas de carteiras de cigarros ou beirada de jornais. Queria-me como irmão, defendia-me como servo. Não admitia emprego público e odiava a política, contudo não escapou da condição de ser funcionário nos escritórios da E. F. Noroeste, de Bauru, no Estado de S. Paulo, onde trabalhou de 1927 a 1930”.

Sua filosofia de vida e seu temperamento excêntrico e radical não o ajudaram a viver. Ao contrário, fez questão de deixar inimigos. Dizia: “Um homem que não tem inimigos não sabe separar o joio do trigo”. Desconfiava que

os próprios amigos roubavam-lhe versos e prosa de sua gigantesca obra literária. José Geraldo Vieira não escapou à exceção. Certo dia, chegou à sua casa, revólver em punho, a dizer: "Vim matar a quem amo". Perdeu 90% de sua obra literária, pelo mais insignificante dos insetos: — a traça — ocasionando-lhe a mais terrível das psicoses — o roubo.

Era irredutível, íntegro, leal. Jamais o vi proferir uma mentira. Era moralista, filólogo, filósofo, nacionalista. Durante a revolução de 1932, alguém deu vivas a S. Paulo. Corajoso e altaneiro bradou: "Alto lá. Viva o Brasil". Disseram: "Sabemos que, agora, em Bauru, existe um homem de coragem". Replicou: "Alto lá com esse agora. Agora e sempre".

Era humano também. Amava os animais. Apesar de adorar caça e a pesca. Certa vez, sua gatinha de estimação roubava-lhe o jantar, que ele mesmo preparava. Pegou a gata e bateu-lhe, suavemente, na cabeça. Alguém perguntou por que não batia no bichano, no clássico lugar das palmadas. Respondeu: "Ela se acha em estado interessante, apesar de esperar que, dali, só poderia sair uma ninhada de patifezinhos".

Nos escritórios da E. F. Noroeste adquiriu inimigos também. Ao entrar, certo dia, na repartição, um colega, ao vê-lo passar, fizera a outro amigo, rodando o dedo acima da cabeça, o clássico gesto dos que sofrem das faculdades mentais. No outro dia, Caldas, ainda ressentido, foi dizendo ao entrar: "Afastai-vos eqüilibrados, que me vou com o meu deseqüilíbrio". A outro, que engavetara um seu poema, que deveria ser publicado numa revista, vingou-se na dedicatória: "Ao Vitório de Castro que me quis cortar as asas, como se uma tesoura nas unhas de um tico-tico fosse arma para uma águia".

São famosos seus telegramas políticos. Era um patriota exaltado. Desavindo-se da volta de Getúlio Vargas ao poder, passou o telegrama: "A inconsciência nacional manifestou-se, mas Deus é consciência e eu ainda espero em Deus". Não obtendo resposta renovou: "Se não guardou nome amigo que por Vossa Excelência denodadamente lutou, guardará nome inimigo que contra Vossa Excelência denodadamente lutará".

Suas caçadas nas matas da Ponta Grande têm lances humorísticos. Seus olhos, agora, observam as nuvens das decantadas avoantes ou aves de arribação, que sempre escolhem o Vale do Açú para a sua postura. Com alma de caçador, espingarda a tiracolo, bornais e a indefectível gravata, da qual nunca se separava, vai à procura dos pombais com seu amigo Felix Marinho. Durante a tocaia ouve-se um tiro para os lados do poeta. Pergunta-lhe o companheiro: “Quantas matou”? Ele respondeu: “Não matei nenhuma mas matei um maribondo que estava perturbando o Capitão Caldas — aposto usado por ele, nos seus momentos de coragem.

Amava a terra como ninguém. Seu sítio — Frutilândia — tem uma história a contar. Considerava o caju a salvação do nordeste. Hoje, é uma realidade nacional. Salpicou a sua Frutilândia de dezenas de castanhas do magnífico fruto. Dizia-lhe um amigo: “Caldas, na sua idade não convém mais plantar”. Respondeu: “Que me importa. Como patriota enriqueci com meu trabalho mais um pedaço do solo brasileiro”. Ali, no terraço da velha casa, fez os lindos versos:

Como essa manhã me acorda com os passarinhos
Que matinal de árvores e de pássaros.
Pinga o orvalho das folhas como pérolas trêmulas,
[molhadas
Cardeiros à distância e perto, a cerca fulva dos
[cercados.

No terreiro da casa as galinhas ciscando...
Um pio de nambu é remoto à distância...
Ouço e vejo lá fora... há como que em mim um anseio
[de embriagado
Vontade de correr, andar, ser como um pequeno cabrito
[a saltar pelo relvado...

O milho verde a subir, a cana grossa, o espigar das
[bonecas...
O louro — roxo do cabelo aqui e ali pelos ventos levado.
Parado... o ar aqui, agora, um ar parado...
Nem um grilo a trilar nem um mover de folhas.

Saio... acendo o cigarro... as mãos trêmulas de
[gozo...
Isso que aqui plantei, que as minhas mãos cavaram...
Cajueiros aos cem, azeitonas, mangueiras...
Ah! Se eu tivesse na vida como aqui sempre plantado.

E vejo, no crescer, pequena, a laranjeira,
Tão verde no buraco fundo que lhe foi cavado.
A minha laranjeira! A minha laranjeira!
Os frutos que dará encantando o cercado.

Meu rancho, ali, os potes na biqueira...
Pobreza assim riqueza só... um dia
Repousarei em mim essa pobre cabeça de cansado...
Lembrarei meus versos, direi versos para mim e para o
[céu estrelado...

A noiva que não tive... e recorde, sem mágoa
Aquela que passou, culpa de mim somente...
Vão em cortejo ao olhar do meu pensamento, sombras
[vagas.
Arina! Um filho pela mão... lá atravessa seu filho...

E os filhos que não dei, as almas culpa de mim que não
[vingaram
Basta... volto-me ao sítio do meu silêncio proclamado
É a música de tudo em tudo que de mim, na sua
[essência.
O sol... o sol dessa manhã é agora todo o meu cuidado.

Olho o sol... a ânsia de talvez pelo sol perder-me
E já não ser de tudo aquele mundo todo nas raízes...
As árvores que quero ver... as pequeninas plantas
[que quero ver dos meus pequeninos berços elevadas.
E olho-as... as minhas crianças verdes, as minhas
[romanzeiras enramadas.

O cigarro se apaga, a fumaça não sobe...
Vamos entrar o rancho, agitar gravetos, fazer o fogo...
E Brinquedo, o meu cão, que por esse andar me tem
[sempre acompanhado...
Olhos aos olhos do cão... não, Brinquedo que nem
[sempre tem acompanhado...

Caldas acreditava em Deus, mas um Deus diferente, justo e belo. Assim: "Deus é o além que não se toca".

A sua casa era o espelho de sua filosofia de vida. Ao visitá-lo, entre irônica e temerosa, dizia-lhe: "A sua casa, hein, Poeta?" Na melhor das veias, sorria-me também apontando a cabeça: "O que importa é o que tenho aqui dentro guardado". Dissera a seu pai, no verdor dos anos: "Meu pai, eu sou um gênio". E esse gênio viveu no Açú, menosprezado, humilhado, desiludido de tudo e de todos. Dizia: "Estou ansioso por conhecer o outro lado".

Dizia ser o precursor do modernismo, pois, já em 1917, fazia versos livres. É desse tempo seu poema.

A CASA

**Fechai a casa toda, vós todos que estais dentro da casa
A casa vai nos dar o seu segredo, a casa vai nos dizer
[que é ela a nossa casa...]**

**Aqui nasceram choros de crianças,
os nascidos choraram
embalaram-se na rede adolescentes,
velhos saíram nos seus caixões, esticados os pés, hirtos
[e mudos como tijolos levados.]**

O poema é longo, como longos são seus magníficos: *Marcha Fúnebre*, *A Minha Dor na Grande Guerra*, que a BBC de Londres irradiou. O seu poema, *Uma Isabel Morreu no Mundo*, de fundo filosófico, é de uma beleza ímpar. Inspirou-se apenas em duas palavras, num bar do Açú, quando alguém disse: Isabel morreu.

Certo dia, já velho, doente e cansado, encontrou-se com seu desafeto Walter de Sá Leitão, à porta do mercado. Walter, querendo aproximar-se do ex-amigo, disse-lhe que estava lendo o *Hermes Fontes*. Caldas manifestou o desejo de ler o livro. Ao tê-lo em mãos, vendo o retrato do poeta, seu desafeto também, comentou: "Ah! Hermes, Hermes! Muito breve nos encontraremos na eternidade". Voltou ao lar. Pouco depois a dolorosa notícia do falecimento do poeta, tendo a seu lado, apenas, como espectadores mudos da morte, duas paturis que criava.

Escreveu Franklin Jorge:

“A morte de João Lins Caldas não me surpreendeu. Viver é que é surpreendente. O poeta, que não morria de amores por Deus, morreu com um peixe na mão, um símbolo essencialmente cristão”.

O seu alcandorado sonho de um Prêmio Nobel de Literatura ficou apenas nos versos:

**Não creiam ser no mundo a morte o que eu mais temo
A dor não me intimida, o mal não me apavora.
Eu só temo no fim, é o fim daquela aurora
Que fez grande Camões e que é o meu bem supremo.**

**Pela morte eu não tremo e pela vida eu tremo
Mas, a vida, que é mãe e do pesar senhora,
O sonho que me deu pesadamente escora
Com o gesto de querer da glória o sonho extremo.**

**Esse sonho me doma, esse sonho me arrasta.
Por ele adoro a vida, esse profundo inferno
Por ele odeio a morte, essa miséria casta.**

**Braços dados com a vida hei de seguir-lhe o norte
Braços dados com a vida hei de segui-la eterno,
Com os olhos para a vida e os braços para a morte.**

* * *

DE SUPERSTIÇÕES

O sertanejo, por suas tradições e heranças, é profundamente supersticioso. Essa superstição, ele a adquire através de seu sentimento religioso. Ela é fundada na ignorância, no temor e na nutrição por preconceitos e presságios infundados. Tudo isto o faz crer em coisas irreais. Ele,

inconscientemente, quer se proteger e acata as abusões e invencionices.

É do domínio popular os costumes e alguns significados:

Engasgar-se com cuspe — raiva
Palma da mão direita coçando — carta
Palma da mão esquerda coçando — presente
Cair garfo — visita de homem
Cair colher ou faca — idem de mulher
Cair colherzinha — idem de criança
Vassoura atrás da porta — espanta visitas
Vassoura virada para cima — azar
Sal no fogo — espanta visitas
Açúcar derramado — visita a chegar
Sal derramado — má notícia
Passar sob andaimes — não se casa
Tesoura aberta — azar
Chinelo emborcado — azar
Mãos na cabeça — morte de genitores
Braços abertos em cruz — morte
Sonhar com dentes — desgraça
Sonhar com cemitério e defuntos — boas notícias
Roupa pelo avesso — azar
Entrar com chapéu de sol aberto dentro de casa — azar
Beber sobejos de outrem — segredos serão descobertos
Galinha cantar como galo — azar
Galo cantar ao meio-dia — azar
Levantar-se com o pé esquerdo — azar
Quebrar ovos por acaso — azar
Coruja piar — morte
Ver gato preto — azar
Número treze — azar
Ferradura — sorte
Varrer os pés — não se casará
Menino nascer empelicado — sorte
Menino nascer pelos pés — sorte
Ofertar lenços — choro e inimizades
Ver estrelas cadentes — fazer no momento um pedido
Entrar pela primeira vez numa igreja — a oração será
atendida.

DE NOMES E APELIDOS DE HOMENS E ANIMAIS

O povo do Vale do Açu é conhecido pelo seu humorismo. Tem grande facilidade de transformar fatos da vida cotidiana em inesgotável anedotário.

A começar pelos apelidos familiares, apontamos alguns que, em si, revelam as personalidades individuais.

Castanha Chocha, — casada com Cachorrinho de Borracha
Mané Guaxelo — seus pés assemelhavam-se aos do guaxinim
Tião Fon-fon — tem a voz fanhosa
Cara de Cachorro Bebendo Leite Quente
Cara de Nata de Leite Cozido

Melé	Nó Cego
Dez Réis	Tururu
Tibobô	Bonzinho
Mamau	Gu
Cabecinha	Pombinha
Aruscuntina	Cacuda
Fulô	Cuxia
Nôca	Pitu
Gáinha	Galego
Dadau	Xixi
Pirrita	Papu
Pulunga	Medonho
Deistá Que eu Chuto	Cuncum
Patuinha	Buca
Baquera	Nanango
Pinga	Cobrinha
Bagim	Cucuca
Cacundo	Pirulito
Joana Pau	Corpo Estranho
Caboré	Perigoso
Guabiru	Maricô
Boca de Quem	Tati
Narrié	Chico de Mano
Xuxuzinho	Porca Rosilha
Distinto	Chica Sem Calça
Chico Lamparina	Galigali
Fainca	Morcego
Ximbinha	Faengo
Mamô	Batá

Birico	Bengo
Lambuza	Xumbrega
Pirambeba	João Pilão
Badessa	Zé Cagão
Aleluia	Eim
Aruscano	Velhinha
Gololô	Gagau
Sunguelo	Rato Branco
Broca	Maneiro
Sucelo	Duro
Vaca Velha	Peia Curta
Gatinha	Papa Chim
Mirranha	Gão
Catita	Arará
Miúdo	Pacaré
Cachica	Negro Louro
Cu do Mundo	Torrete
Cococa	Boca de Quem Quer Asso
Luísa Pela Pau	Cuzeca
Vitô	Arengueiro
Cidade	Tundinha
Poloca e Messias	Papã
Fina	Mica
Mafona	Baiquinha
Totó	Bazinha
Tatá	
Pipico	

Alguns apelidos proporcionam aos “malditos” do Açú as mais irreverentes trovas, como é o caso de Cuzeca. Quanto a Poloca e Messias, respectivamente, pai e filho, conta-se que o filho, epilético, quando pressentia o ataque, dizia: “Pai eu quero virá”... Tatá ocasionou a conversa. Bateram à porta de sua casa. Apareceu alguém. Perguntaram: “Tatá tá?” Responderam: “Tatá num tá, mas a mulhé do Tatá tando é o mesmo que o Tatá tá”.

Outro nome interessante é Cascudo Pitomba. Por incrível que pareça, é nome próprio. O cidadão é tão exótico quanto o nome. Usa bigode à Salvador Dali e o enrola atrás da orelha. Ninguém o toque. É a sua diferença.

Nota-se, também, no Vale do Açú, a predominância dos nomes maternos a marcarem sua personalidade nos filhos:

Mané de Ana, Manoel de Camila, Luís de Maria Mansa, Zé de Celina, Manoel de Bobagem. Este cidadão era filho de uma mendiga. É considerado um dos maiores glosadores do Açu. A origem do apelido é a seguinte: sua velha mãe dizia, ao pedir uma esmola: “Bobagem, me dê uma esmola...” Quando a recebia ficava martelando: “Tá que bobagem, tá que bobagem, tá que bobagem”. Continuando: Antônio de Sinhá, Manoel de Rita, Maria de Olivina, Zé de Donana, Antônia de Inácia, Maria de Rita.

Alguns apelidos políticos que pegaram:

Golinha, Onça, Manga Larga, Barrão, Café.

Os nomes de famílias também acompanham a onda pitoresca. Família dos Traíra, Borboleta, Pindura, Chora em Pé, Peba, Balaio, Buriti, Piolho, Carcará, Pau Pelado, Canela de Ferro, Lambuza, Badu, Piau, Camilo, Boá, Rato, Tatus, Pacó, Manteiga, Piaba, Barulho.

Apelidos de Cães:

Assim como o cavalo, os cães também são inseparáveis amigos do homem, com a prerrogativa de serem mais fiéis e mais dedicados. São muito lindas as estórias reais de fidelidade do cão a seu dono. A começar por Argos — o cão de Ulisses, que ficou na História Universal como símbolo de dedicação sem par. Ulisses, ao voltar da guerra, depois de longos anos, velho pobre e desiludido, não foi reconhecido por nenhum amigo. Apenas o seu cão — Argos — o recebeu com alegria.

Vejamos os apelidos de alguns:

Mon Ami — era um vira-lata que poderia ficar na estória dos caninos, como um verdadeiro “public relations”. Tinha uma inteligência fora do comum. Percebia quando seus amos planejavam uma viagem ou passeio. Ao chegarem aos lugares determinados, não sendo muito longe, Mon Ami já os aguardava à soleira da porta, eufórico e vigilante. Passava temporadas com os membros da família, fazendo de cada lar a sua própria morada. Era querido das crianças e dos adultos. Quando dos antigos piqueniques na Ponta Grande, lá estava Mon Ami, abanando o rabo, a dar as boas-vindas aos queridos amos. Notava-se a sua resistência em percorrer distâncias, quando, muitas vezes, na volta, ia receber os amigos, já à porta das calçadas.

O ilustre médico e chefe político do Açú — dr. Pedro Amorim — o de saudosa memória, gostava imensamente de cães. Nunca lhe faltava um silente e vigilante amigo. Dos muitos que teve, ainda se fala em Cingo. Era um belo policial, valente e amigo. Quando das reuniões políticas em seu palacete, amigos ao redor, Cingo era figura imprescindível das noites cívicas e sociais. João Soares era um cidadão, muito amigo, que freqüentava o palacete, porém Cingo sempre reagia à sua chegada. O velho gostava de “umas e outras”. Quando chegava bem “alto” e ouvia o latido do cão, dramatizava com sua voz grave e profunda:” Cingo, Cingo! Talvez aqui nesta roda não haja um amigo que conheça a tua história me'hor do que eu! Tu foste, Cingo, o escravo de Herodes, foste o único que chorou a morte do Tetrarca. Depois, Cingo, a tua morte trágica. A peçonha das víboras tirou-te a vida, à semelhança de teu amo, morreste, também”.

Em se tratanto de cães, há histórias como de Argos e Cingo e fatos como o que registra o Diário de Natal de 21/08/72:

“Mais vale ter um cachorro amigo do que um delegado cachorro.” Esta é a frase de um deputado, quando soube que o delegado havia posto seu nome num cachorro.

A seguir, vêm os nomes prediletos do povo:

Xaréu, Tubarão Baleia. A origem da predileção desses nomes, provindos do mar, se prende ao fato de, consciente ou inconscientemente, o sertanejo desejar resguardar seus animais de perigos da hidrofobia. Outros nomes: Rompe Ferro, Pra Frente, Rompe Nuvem, Frendy, Laika, Jagunço, King, Plutão, Tupi, White, Japi, Loreta, Lamparina, Midas, Príncipe, Totó, Berbengo, Rane, Javari. Lobo, Rex, Rim-Tim-Tim, Ferós, Pluto, Leão, Piloto, Boce, Cachucha; Cacique. Estes dois eram de raça pequinês, um casal inseparável. Quando Cacique morreu, Cachucha, de saudades, morreu também. Ficou tristezinha pelos recantos, sem comer e sem beber.

Outros cães que deixaram sua estória no Açú:

Galatéia: Era uma cadela de propriedade de João Celso Filho. Quando este veio a falecer, todos os dias Galatéia ia ao cemitério chorar sua saudade, vindo a falacer dias depois sobre o túmulo do amigo.

Alagoas e Tuninha: eram dois cães de estimação do grande poeta João Lins Caldas. Certa vez, estava o poeta em seu famoso sítio Frutilândia, quando chegaram dois amigos. Ele, sonhador e filósofo, estava à porta do rancho, sentado num batente, a depenar algumas avoantes, para o repasto saboroso, mais tarde, tostadinhas ao abano estrelado de brasas. Ia dizendo aos amigos, cheio de vaidade, apontando os cães: “Tuninha e Alagoas são animais muito bem educados. Cada um tem a sua vasilha. Eis ali os seus alguidares. Nenhum come na vasilha do outro”. Nisto, distraidamente, caíram-lhe das mãos as pombinhas, o que ocasionou uma encarniçada luta entre os animais, há pouco prodigamente elogiados.

Veludo: é o cachorro preto de Solon Wanderley, um verdadeiro cão boêmio. Às dez horas da noite, normalmente, vai deixar seu amo e seu senhor à porta de casa. Dá-lhe uma boa-noite com o rabo, e só aparece, desconfiado, ao amanhecer do dia.

Não posso encerrar a lista de amigos inseparáveis, sem falar em Dayan — o querido inesquecível. Foi um lindo presente do poeta Renato Caldas, numa noite de Natal. Era branquinho e peludo, um meio-sangue de lulu e tinha uma mancha preta no olho. Daí a origem do nome. Era muito popular, querido das crianças e adultos, também seresteiro e playboy. Sua mãe é a Brasa do famoso Renato. Era tão popular e querido no Açu, que lhe deram o apelido de Dayan Montenegro. Quando morreu atropelado, nossa casa se encheu de gente, como se fora um ente muito querido.

Outros nomes: Democrata, Passa Fome, Seu Nome, Pink, Pop, Naya, Faisca, etc.

Se havia um Passa Fome, outros eram privilegiados pelas condições econômicas de seus amos, a ponto de Juvenal Traira, ao observar, em casa de sua madrinha Beatriz Amorim, como os cães eram tratados, ele sendo pobre e sofrido, dizer: “Até para ser cachorro precisa ter sorte”. Ainda dizia à madrinha: “Quando Cingo morrer, quero a vaga para mim”.

De bichanos em menor escala:

Topásio, Tonga, Chèrrie, Durango, Chanino, Nobe, Chanu, Mimoso, Pulungo, Bichano, Mimi, Já Disse, Veludo.

Em nossa casa havia um Chanino. Era tão silencioso e manso que o apelidamos de dr. Nelson, seu amo e senhor. Um carro o matou. Que pena! Era tão bonzinho! apareceu um menino e me disse: "D. Gena, eu queria que a senhora me desse o couro do dr. Nelson para eu fazer um tamborim".

O gato Já Disse pertence a Lurdes Câmara, diretora da Maternidade de Ipanguaçu. Ela adora a confusão que o nome provoca, levando na esportiva as respostas que dá: Já Disse, Já Disse".

O Chano é o gato de minha vizinha. É um gato lavrado, feinho, mas fora de série. É tratado como gente. Dorme no quarto de sua ama e, ali, tem um piniquinho para fazer pipi. Nota-se que ele não desmente a afirmativa de Lobsang Rampa ao dizer que, em tempos imemoriais, os gatos se comunicavam com os homens. Há um perfeito entrosamento entre a minha querida vizinha e o seu mimoso Chano.

DAS COISAS LINDAS QUE O AÇU JÁ TEVE

Ficaram na memória do povo alguns acontecimentos que marcaram época na cidade do Açú.

Como cenas de grande efeito místico e pitoresco, são lembradas as revoadas de pombos, com lacinhos de fita azul nos pés, sobrevoando a Praça da Matriz, na Festa da Imaculada Conceição.

Há quem guarde na lembrança dos alegres dias da infância as girândolas das Festas de São João. Eram imensas rodas, cheias de fogos de artifício que, ao serem giradas, espalhavam luz e estrelinhas por todos os lados. Quando a roda parava, aparecia a imagem nítida do Padroeiro, deixando nas feições e nos olhares dos fiéis aquele encantamento místico.

Quando da peregrinação de Nossa Senhora de Fátima pelo Açú, era de admirar o zelo de três pombos que a acompanhavam. A imagem era depositada em casa de pessoas que desejavam receber a nobre visita para um terço a ser rezado a seus pés. Ninguém podia aproximar-se de Nossa Senhora, pois os pombos avançavam bicando. Quando ia para outra casa, os pombos, voejando baixinho, davam ainda mais a aparência de divindade à mãe de Jesus.

As reuniões no palacete colonial do deputado e juiz de direito da cidade — dr. Luís de Oliveira — marcaram época. Conta-nos seu filho, o dr. Lauro de Oliveira, em palestra realizada na Sociedade de Medicina de Pernambuco — O Açú no Recife.

“As serenatas de Açú eram famosas em toda a região. Recordamos com emoção a figura do poeta Júlio Soares, da mais delicada inspiração nos seus versos **Descrente** e musicista também, enchendo as noites tranqüilas de melodias, quando se dispunha a dar expansão ao seu gênio seresteiro e enamorado da lua.

Clarinetista famoso, com sua arte, nos caramanchões do velho sobrado, deliciava os amigos da nossa família. Era um hábito, a existência nos pés de ficus benjamínea de banquinhos para a realização das memoráveis serenatas, pois o açuense, além de poeta, é musicista também, em sua grande maioria”.

No livro “A Família Wanderley de Walter Wanderley, há um registro importante da eclética Sinhazinha Wanderley:

“Vou falar-lhe de uma festa que havia aqui e bastante interessante — a Festa dos Negros — Eles ainda eram cativos e seus senhores davam liberdade para essas reuniões. Eram os negros devotos de Nossa Senhora do Rosário e faziam a festa em seu louvor, que constava de um tríduo solene, missa cantada, procissão. Branco ali não dava voto. A festa profana era composta dos seguintes personagens: um Rei, uma Rainha, um Conselheiro, dois Juizes, duas Juizas e o Bobo do Rei. Os negros iam pelas várzeas a pedir esmolas e conseguiam soma abundante. Vestiam-se todos à caráter. Os juizes, de calça e camisa brancas, com uma fita larga passada à tiracolo, estando nela escrita a palavra Juiz, em letras douradas. As Juizas usavam um vestido de cetineta branca com a mesma fita e o mesmo dizer. O Conselheiro trajava grande uniforme, dragonas, chapéu de bico (que lhes emprestava o Cel. Ovídio Montenegro). A rainha trajava vestido branco e o Bobo, igualmente aos Juizes, ostentavam um “bouquet” no peito, conduzindo um varapau com listas de variadas cores. Eles obtinham, por empréstimo, um cavalo branco, levavam-no, aparavam-lhe as crinas para a montada do Rei, que trajava calção e capa de cores, usava perneira e espada. Na véspera, iam deixar o Rei na Baviera e depois iam buscá-lo para que entrasse, solenemente, na cidade. A Rainha era convidada na primeira noite do tríduo. Quando o Rei entrava na Corte, a Rainha já estava na sala ao lado dos Juizes. A coroa estava colocada numa espécie de trono sobre a mesa. O Rei então, entrava na sala, a Rainha erguia-se, tomava-lhe o braço e ambos caminhavam para a igreja. O Bobo do Rei ia na frente, fazendo passes e trejeitos com o varapau. Juizes, Juizas, Conselheiro, todos juntos ao Rei. As negras cantavam o bendito de Nossa Senhora do Rosário com letras que elas mandavam compor. A primeira estrofe era assim:

**“Santa Virgem do Rosário
Mãe celeste, universal,
Padroeira preferida,
Foste, ó Santa, sem igual”.**

E que voz esplêndida tinham as negras! Como eram melodiosas! O Rei acompanhava a procissão de braço com a Rainha e o Bobo, com o varapau, já agora encostado à

terra, em sinal de respeito. Terminada a festa havia um jantar, cujo lugar de honra era ocupado pelo Vigário. Nenhum outro branco era admitido. O Conselheiro pedia vênias para brindar o Vigário e, obtido o consentimento, erguia-se fremente, empunhava o copo e dizia: "EU ABRINDO SEU VIGÁRIO". Desta forma, patenteada a predileção dos negros pela letra "A", o seu Vigário não ficou **brindado** e sim **aberto**. Com a vinda da República, os negros deixaram de fazer o folguedo tradicional".

Conta-nos ainda Sinhazinha no mesmo livro de Walter Wanderley, histórias de seus dignos antepassados.

"João Carlos, segundo filho de Gonçalo Lins Wanderley, foi o que plantou a gloriosa árvore genealógica no Açú.

Era João Carlos muito inteligente e instruído. Foi membro do Senado da Câmara, a quem deve a antiga Vila Nova da Princesa sua passagem à categoria de cidade, deixando-lhe gloriosa tradição. João Carlos fundou em sua cidade o jornal "O Assuense" e, mais tarde, instalou em Natal a redação e as oficinas do "Correio de Natal". Homem corajoso, íntegro. Certa vez adoeceu gravemente e um amigo, acercando-se do leito perguntou-lhe: "Seu João, como vai" Num sorriso respondeu: "Como hei de ir, meu amigo? Como São João no deserto, coberto de peles e alimentado de mel". Referia-se às peles de carneiro com que os médicos mandaram que se cobrisse por fazer muito frio naquela época, e aos xaropes de mel que tomava. Gostava de reunir, sempre aos domingos, o clã, para um almoço festivo de carneiros gordos, perus e galinhas. Quando o patriarca aproximava-se da mesa, filhos e netos cantavam a quadrinha feita especialmente para aqueles momentos:

**Neste sítio onde reina
Tanta paz, tanta harmonia,
Viva a união da família
Viva a bela companhia".**

São quadros familiares de uma beleza telúrica que já se vão esmaecendo no tempo. Ninguém mais vê clãs reunidos entoando loas aos ancestrais.

Continua Sinhazinha, no seu fabuloso documentário social e folclórico, a contar-nos fatos e estórias. Seu pai foi o dr. Luís Carlos Lins Wanderley, o primeiro médico e teatrólogo do Rio Grande do Norte, também jornalista, poeta, professor, deputado, Vice-Presidente da Província e chefe político de sua cidade. Escreveu, certa vez, aos amigos do Açú, dizendo-lhes que, sentindo-se injuriado, injustiçado, nas próximas eleições, eles o considerassem um proscrito. Ao que responderam os amigos:

**“Mesmo de longe eu escutei teu grito
Qual ribombo de um trovão no mar...
Se nesta luta vais ficar proscrito
Eu, proscrito, contigo quero estar”.**

O dr. Luís foi um benemérito. Amava o seu povo e a profissão de tal forma que, quando grassaram as epidemias de febre amarela e cólera, foi incansável na luta de salvar vidas, enfrentando o perigo do contágio e a seca implacável que assolava o sertão. Por seu ato de bravura, recebeu do Imperador a Comenda de Cavaleiro da Ordem da Rosa, por não querer pagamento pelos serviços prestados e, ainda, a Ordem do Cruzeiro do Sul.

Em Açú, organizou sociedades teatrais, escreveu peças dramáticas, as quais ele mesmo ensaiava com os rapazes do Teatro São José.

Certa vez, o Juíz de Direito do Açú, seu inimigo político, resolveu recrutar um negro de sua posse e o enviou, às ocultas, a Macau. Quando o ilustre médico soube, montou o seu cavalo, foi a Macau e encontrou o negro preso no recrutamento. Apresentando seus títulos nobiliárquicos ao comandante, este, imediatamente, soltou o prisioneiro e o entregou. A sua chegada ao Açú foi solene, trazendo o negro um leque de Carnaubeira, em sinal de vitória. Ao passar em frente à casa do Juíz, que se achava debruçado na janela, gritou-lhe: “Doutor, aqui está o homem”. Poucos dias depois o Juíz pedia a sua remoção.

Morreu o dr. Luís Carlos a 10 de fevereiro de 1890. Nos últimos momentos, ao ver o padre e seus familiares, exclamou: “Deixem entrar o Rei do mundo”.

Do seu livro "Lira do Amor" são os versos:

**Ó meu Deus, isto é tão pouco
Nada vos custa fazer
Que a terra onde nasci
Seja onde eu hei de morrer".**

Das coisas lindas que Sinhazinha Wanderley nos conta da cidade do Açu, talvez nem pensasse que escreveria, nas páginas da história e do folclore desta cidade, a sua própria imagem, desfilando diante de nossos olhos a sua personalidade ímpar, sua cultura, inteligência, bondade, patriotismo e sentimentos filosóficos. Era uma filóloga, poetisa, dramaturga, escritora, musicista de alto valor. Deixou lindas páginas literárias, belos hinos que, ainda hoje, são cantados nas escolas e nas igrejas.

Personalíssima, desfilava pelas ruas da cidade, com seu vestido comprido de saia rodada, casaquinho curto, sendo de sua preferência a cor azul marinho. Usava cabelos cortados à moda masculina e não se importava com a impressão que causava a seus semelhantes. Usava óculos com aro de ouro e uma indefectível bengala, amiga inseparável das diuturnas caminhadas. Foi mestra querida. Amava seus alunos como filhos. Quando já velhinha e aposentada, visitava sempre o Grupo Escolar "Ten. Cel. José Correia", onde lecionou durante mais de trinta anos, levando flores para as crianças. Depositava-as sobre as carteiras e dizia que aquelas flores representavam os seus alunos, de quem sentia infinitas saudades.

DE CERÂMICA E DE ARTE POPULAR

Na cerâmica e na arte popular, temos no Vale do Açu um dos mais pitorescos motivos do folclore.

Nas feiras, os vasilhames de barro são expostos aos olhares cobiçosos das donas de casa, que ainda torram o seu café em rústicos alguidares, potes, jarros, vasos ou preparam um bom cozido em panelas de barro. Esses utensílios domésticos falam muito alto na vida rural.

Em determinado lugar da feira, ficam espalhados, pelo chão, os mais diversos e pitorescos objetos caseiros, como: potes, quartinhas, alguidares, panelas de barro, mealheiros, vasos, cuscuzeiras etc. São feitas de um barro argiloso, cuja composição é muito resistente e dá uma bela e lustrosa aparência.

No Riacho, existe uma **loiceira** que é uma verdadeira artista. Modela belíssimas ânforas, tijelas, jarros, bules, xícaras e açucareiros, que podem servir de mostruário em qualquer museu. O barro do Riacho é vermelho e brilhante, dando uma aparência vidrada ao objeto.

O sertanejo gosta de ver o vasilhame exposto e joga as suas lérias ao **comprá-los**. São verdadeiros documentários sociais. Diz à **loiceira**, ali sentada à sombra das árvores: Maroca, quanto qué na quartinha? E no arguidá? Aquele pilão, acolá, de quem é"? Responde a Maroca: "Não sei. Botaro pra vendê; bem feito pra danado... Todim de cumaru. Óia, seu Zé, a mão do pilão. Que badeja! Boa pruma cacetada".

No outro recanto da praça, há as vendedoras de bonecos e bichinhos de barro, à semelhança dos adocicados alfinins, que mãos habilidosas moldam, nos mais variados e encantadores estilos. São cajú, estrelas, cavalinhos, borboletas, pintados de azul anil, rosa choque, vermelho e amarelo. Os alfinins têm o seu reinado nas festas do Padroeiro e no Natal. São vendidos nas barraquinhas armadas na Praça da Matriz. Essa especialidade marcou época no Vale. Há quem possua casas adquiridas com o produto da venda dos adocicados bichinhos, alegria da petizada.

Liana e Batista são duas irmãs pobres e velhinhas. Moram numa tapera, às margens do rio Açu, ao lado de seculares oiticicas. O presépio de Liana é muito lindo. Sua sensibilidade religiosa é tão grande, tão pura e primitiva, que o seu menino Deus não tem sexo. É pecado! O menino tem que ser como Liana, a pudica o deseja, como as duas irmãs, há outras no Vale: As Concon, as Carneirinho, as Luzia, cada uma a marcar, no barro, a sua alma, o seu estilo.

É mister lembrar ainda, no ramo da arte popular, a Renda do Norte, que marcou um belo capítulo na música dos bilros.

Com o aceleramento da vida moderna, no acionamento de fábricas e indústrias, as rendas de almofada vão se afastando do seu reinado de papelões e alfinetes, cedendo ao progresso, que não espera pelo tempo e não gosta do passado.

Não há mais tempo para se ficar sentado, horas a fio, no mundo de desenhos e papelões, no entrelaçado de linhas e alfinetes. Contudo, não está desaparecida do Vale do Açu a engenhosa arte. Há ainda as fazedoras de bicos e rendas.

Marcando o seu reinado, são dignos de nota os nomes que se davam às famosas rendas, enfeites indispensáveis das antigas, anáguas, blusas e confecções.

Conforme os próprios nomes indicam, bicos são os trabalhos feitos com festonês; rendas são os entremeios. Geralmente, são feitos com os mesmos desenhos, para formarem um gracioso par, de linhas finas e sedosas. Nos nomes, a alma popular manifesta-se espirituosamente. Alguns se tornaram famosos, mais pelos próprios nomes do que pelos desenhos:

Deus Sobre Todas as Coisas; Mãe do Olegário; Esse; Traça, Vê que Por Ti Gemo Aflito; Laço de Amor; Cobra Verde; Bico de Prata; Repinico; Cu de Pinto; Cu de Frango; Sete Cidades; Língua de Tatu; Tutu; Talhada de Bolo; Três Buracos; Castanha; Da Barata; Da Bola; Escadinha de Coquinho; Sucesso; Mosquinha; Coração; Estrada de Belém; Margarida Ziguezague; Morro de Amor; Vai e Vem; Titica; Pontinha.

Desta forma, ficaram famosos na história da arte popular os encantadores bicos de almofada.

Hoje, as rendas de almofada retornam na alta costura, no rodízio da moda, que reencontra os seus encantos no vestuário das sinhás-moças do passado.

As irmãs Júlia, Julieta e Marizinha Soares, artezãs açuenses, ficaram famosas, confeccionando caxixis, delicadas miniaturas de objetos utilitários. Especializaram-se na criação minimóveis, confeccionados com talos de trigo. Trabalho meticuloso e de rara beleza esse, que fez o encanto de sem número de crianças.

Também são encontrados, nas feiras do Açú, caxixis em cerâmica, representando painéis, bules, alguidares, xícaras, pratos, executados por loiceiras das redondezas.

Atualmente, a artista plástica — Nieta Maceira — em visita ao Açú, observando a infinidade de pedras roladas da região, imaginou uma arte nova — bonecos de pedra rolada. É um trabalho de colagem e pintura aprimorada, resultando figuras as mais interessantes, de várias classes sociais: médicos, enfermeiras, jogadores de futebol, gestantes, mafiosos, hippies, cangaceiros, negros, chineses, havaianas, marinheiros, japonesas etc.

Nieta Maceira já expôs no “Poder Feminino da Arte” em Natal, na ASTA, no Rio de Janeiro e, atualmente, prepara-se para atender o convite da Fundação “José Augusto” de Natal, através do seu ilustre Presidente — o Professor Franco Jasiello.

DE ARRIBAÇÃO

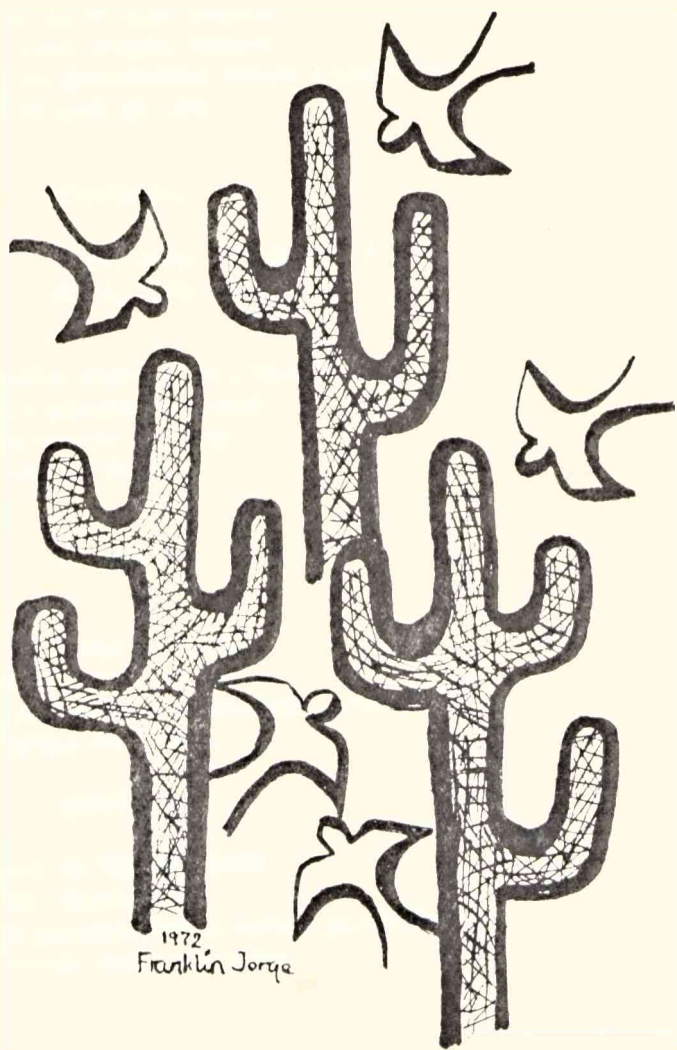
Já virou folclore no Vale do Açu a chegada das intrépidas aves, vulgarmente conhecidas como avoetes. São aves de arribação, providas da África. Essas avoantes são da tribo dos peristerídeos e surgem em bandos em vários sertões do Brasil. Atravessam o Atlântico, demonstrando fabulosa resistência; às vezes, são arrastadas pelos vendavais. Não raro, não resistindo às intempéries, são encontradas mortas, aos milhares, trazidas pelas marés, até as praias e encostas.

Em agosto, o sertanejo começa a olhar o céu, à procura da nuvem forasteira tão desejada. Sua alma sorri para o azul. Ele está feliz porque as avoetes procuram sempre o nosso sertão. Elas encontram, no Vale, nos tabuleiros, condições para a postura, que é um espetáculo digno da natureza. No seu instinto animal, escolhem morada junto às macambiras, aos xiquexiques, de difícil acesso ao homem — seu maior inimigo.

O sertanejo está eufórico. A postura produz frenesi na alma do povo. Do estranho lençol, salpicado de ovinhos brancos, em chão de espinhos, surgem as novas avoantes que carregam o destino da perseguição do caçador. Seus ovinhos são muito apreciados em restaurantes e hotéis, à semelhança dos afamados ovos de codorna.

Caminhões carregados de gente passam céleres pelas estradas. Caçadores, com espingardas e bornais cheios de chumbo e cartuchos, com peixeiras e facões, entram na roda viva, ecológica e folclórica do sertão.

Da última revoada, as avoetes pousaram na Ponta Grande. A caatinga ainda está verde do inverno que vai chegando ao fim. O povo vai chegando e barracas são armadas na mata rala. Aparecem cantadores com suas violas. As cantorias são as vozes da noite. Em alguns barracos, vendedores de missangas e baganas. E as estórias ao pé do fogo e a cachaça mantêm os caçadores acordados em alegres noitadas.



1972
Franklin Jorge

Agora, é caçar. O facheio é a caçada mas proveitosa. Na noite escura, os fachos das piracas e lamparinas iluminam a mata. Há uma figura central dos facheiros, homem ou mulher. É o Coró. Este leva um maracá e fica em lugar determinado da mata, para orientar os caçadores. Sua cantiga estilosa, ao som do maracá, é muito interessante. Ei-la.

CANTIGA DO CORÓ

**O povo da Ponta Grande
É um povo muito guloso
Come as pombinhas todas pombeiro
Antes de sair do ovo.**

Estrilho

**É cá, meu pombeiro, é cá
É cá, meu coró, é cá.**

**Pombeiro marcha pro rancho
Deixa a pomba sossegar
De dia morre no tiro,
De noite no fachear.**

Estrilho

**O povo canta na linha
A pomba corre no ar
Leva a pomba e a saudade, pombeiro,
Das águas do Puaçá.**

Estrilho

**O povo de Santa Maria
É povo muito ruim
Come as pombinhas todas, pombeiro
Não deixa nada pra mim.**

Estribilho

**Ó meu Deus, cadê Tônico?
Que a esta hora não chegou?
Tô com pena do Tônico
Que a onça já o matou.**

Estribilho

**Traga a pomba e a tesoura
É cá, Pedro Rola, é cá
Pega a pomba e pela o cu
É cá, rei do cu é cá.**

Estribilho

Os caçadores aproximam-se das árvores com seus fachos de luz. As avoetes, areadas com a luz, vão caindo aos punhados, com as pauladas com que as atingem os caçadores. É um espetáculo dramático, pegar de surpresas as avezinhas dormindo. Eufórico, vão enchendo os bornais. São gordas e apetitosas. Ali mesmo. são depenadas e sua gordura é muito apreciada. O preço é alto nas feiras.

A festa é um folguedo dos mais agradáveis para o sertanejo.

As nuvens vão se escasseando. Para onde irão os dizimados bandos? Onde o verde capim e as sementes maduras? Em que plagas pousarão as pobrezinhas?

O retorno é triste. Lembra um adeus morrendo.

É pena que o Código de Posturas não tenha ainda tomado medidas mais severas em benefício da preservação das queridas aves que, desta maneira, caminham para a extinção.

DE CASAMENTOS E ESTÓRIAS DRAMÁTICAS

Há muita facilidade para o sertanejo casar-se e des-casar-se. Ele sempre preferiu uma única cerimônia. A civil ou a religiosa. Ele é realista e quer deixar o campo aberto para a eventualidade de um fracasso conjugal.

Há casos dignos de nota. Quando uma jovem, pelos desígnios do destino, perde a virgindade, o pai ou irmãos aparecem zelosos da honra da filha ou irmã. Exigem, de imediato, a reparação do mal, enfrentando o atrevido que ousara manchar a honra familiar. São célebres as frases que retratam o drama: "ou casa com minha filha ou com o revólver". "Ou casa com a filha ou com o pai". "Ou casa com a filha ou com a peixeira". Se é menor de idade, a queixa vai ao juiz. As queixas na Justiça têm o seu lado humorístico. Diz o matuto: "Doutor, minha filha era donzelinha, e o danado buliu com ela. Ou ele casa, Doutor, com a minha filha ou com a ponta da peixeira". Muitos preferem o xadrez à imposição paterna ou judicial.

Certa vez, Maria, esposa de José de Tal, viu-se em difícil situação. Seu marido, que era casado só no religioso, fora intimado a comparecer à Delegacia para reparar o mal que fizera a certa jovem. Muito aperrado José chegou em casa e contou à esposa o acontecido, fazendo-se de vítima das ciladas amorosas da donzela. Como tinha que reparar o mal e não queria ir para o xadrez, pede à esposa que lhe prepare o terno novo para a cerimônia nupcial. Maria, bondosa e humilde, lava a roupa do noivo e a engoma, entre lágrimas, lamentando seu triste destino. A saída de José, todo enfatiado, pergunta: "Zé, tu ainda volta, homem"? "Compenetrado, responde: "Mulher, não se aperreie. Tu vais ver que à noite estarei de volta". E o José não voltou. E as lágrimas continuaram a correr e a regar o colo de Maria, com seus filhinhos ao redor. Depois de longos meses, José apareceu. Vinha cabisbaixo, envergonhado. Foi dizendo: Maria, Rosa me deixou. Não há mulher como tu, Maria. Juro que nunca mais te darei outro desgosto".

São dramas reais que aparecem dia a dia no sertão. Shakespeare, se fosse vivo, encontraria, no Vale do Açu, abundante inspiração. Poucos os dramas da vida real como o de Manoel de Tal:

Há longos anos, casou-se ele com uma jovem de conceituada família, mas descobriu, na noite nupcial, que sua esposa não era virgem. Ele desconfiava de seu padrasto e o procura para matar. Este foge. A velha mãe suplica-lhe o perdão, mas não a ouve e tem assim a maldição da progenitora. Volta ao novo lar e planeja vingança. Resolve levar a antiga amásia para viver sob o mesmo teto, ao lado da esposa, ambas servindo-lhe de companheiras. Obrigou-as a serem amigas. Quando uma dava a luz, a rival servia de parteira e vice-versa. Desta forma, a família aumentava vertiginosamente. Porém, o patriarca, que tivera fina educação, instruído e de boa família, resolveu formar a sua própria sociedade, fazendo de sua isolada cidadela o seu mundo. Era ele o próprio professor dos filhos e organizava tertúlias literárias e musicais na espaçosa sala de sua Casa Grande. Estabelecera, porém, um exdrúxulo plano de educação sexual. Os filhos homens não podiam ver as suas irmãs, a não ser em sua presença. Moravam em alas separadas, na velha casa. Mulher não podia ver homem. Se chegava visita, era ele quem fazia as honras da casa.

Todos trabalhavam, sem distinção de sexo. As mulheres ordenhavam, cuidavam dos cercados, dos animais dos sítios. A vida era dura e o trabalho pesado. As filhas calejavam as mãos nos cabos de enxada. Os moços eram rudes, belos e tostados de sol. Certo dia, já adultas, resolveram fugir da prisão paterna. O sítio era uma fortaleza inespugnável. Altas horas da noite, quatro das filhas adultas pularam o muro e foram à procura do mundo dos seus sonhos. O infortúnio, contudo, continuou a perseguí-las. Uma enlouqueceu. Outra apanhou uma paralisia infantil nos hospitais de Rio. Outra prostitui-se. Só uma escapou da sina, constituindo família, a única viva. Os filhos, também desajustados, debandaram-se. A esposa enlouquecera, vindo a falecer.

Quando das festas do Padroeiro e das festas de Natal, o patriarca sempre aparecia na cidade com o seu estranho clã. Vinham a cavalo e apeavam em determinado lugar

Dali, saía com as duas mulheres e os filhos rumo à igreja. O velho vinha á frente, puxando o cordão familiar. De um lado, a esposa com os filhos, todos vestindo roupas azuis, com laços brancos na cintura. De outro lado, a amásia com seus rebentos, vestidos de trajes brancos e faixas azuis. Imponente, o patriarca entrava na igreja, indiferente aos olhares espantados dos fiéis.

Dizia o velho Manoel que não cometia pecado. Era bíblico em suas atitudes. Tranquilo, enfrentava a sociedade.

Se há estórias dramáticas, há as cômicas também.

Certo cidadão era candidato à mão da filha de um fazendeiro. Apresentou-se ao velho, expondo os seus anseios do coração. O futuro sogro bombardeou-o com as perguntas:

- Você fuma?
- Não Senhor.
- Você joga?
- Não Senhor
- Você gosta de beber?
- Não Senhor

— Pois então, — respondeu o velho admirado — não serve para se casar com minha filha. No dia que você começar a fumar, jogar ou beber, não há mulher que o agunte.

Outra estória interessante:

Certo sertanejo, no dia das núpcias, após as festividades do casamento, já a sós com a jovem nubente, disse a esta — “Agora eu vou pro baile da Serra, e só volto depois de três dias.” A esposa, admirada e assustada, perguntou — “Que é isto, homem? Não é coisa que se faça... Por quê?” Respondeu — “Sabe? É para tu ficá sabendo que o macho desta casa sou eu e não há mulher no mundo que possa me dominar, nem pelo sexo.” Dito e feito. Só voltou depois de três dias, para a esperada lua de mel.

DE GLOSAS

São duas manifestações espontâneas da alma poética do povo, principalmente da cidade do Açú, que é também conhecida como a Capital das Letras do Sertão.

Chovem poetas no Açú. Diz o populacho que, quando nasce um açuense, o pai joga um bolão de barro na parede. Se cair, o filho será um cachaceiro; se colar, será poeta. Venceram os poetas. São magníficos os poetas clássicos e populares da Terra dos Verdes Carnaubais.

Eles aparecem nas tertúlias literárias, que já se vão tornando raras, nas festas familiares, nas campanhas políticas e festas religiosas.

Qualquer movimento extra, no currículo da vida comunitária, a glosa ou a trova aparecem espirituosas, pornográficas, patrióticas, sempre explorando um acontecimento.

São famosas as glosas de João de Papai, Manoel de Bobagem, Moisés Sesiom, considerado o Bocage potiguar, Renato Caldas, Luís Lucas, Lins Caldas, Mariano Coelho, José Coriolano, Francisco Amorim, João Fonseca e outros. Seria difícil enumerar todos os autênticos poetas e glosadores do Vale. Suas obras dariam uma bela enciclopédia de glosas.

Algumas merecem destaque:

No dia em que os americanos desceram pela primeira vez na lua, naturalmente, dei o mote, que Renato imediatamente glosou:

**No Mar da Tranqüilidade
Desceram tranqüilamente.**

**Pra glória da humanidade
Três astronautas voaram
E heroicamente pousaram
No Mar da Tranqüilidade
Abriu-se o véu da Verdade
O Universo consciente
Curvando-se reverente
Aos heróis que, deslumbrados,
Na lua dos namorados
Desceram tranqüilamente**

Outra versão do mesmo feito, ainda de Renato:

**Pequeno passo do homem
E grande da humanidade**

**Abrindo as asas da glória
Na amplidão ilimitada
A “Apolo” deixou gravada
O grande feito da história
Nessa imensa trajetória
Pelo azul da imensidade
O que foi feito em Verdade
Jamais os tempos consomem
Pequeno passo do homem
E grande da humanidade**

João e Laurita são dois mendigos desajustados que perambulam pelas ruas do Açú. Podem ser enquadrados entre os tipos populares da cidade.

Renato, observando a filosofia de vida do casal, deu um mote e glosou:

**João e Laurita abraçados
Zombam da felicidade.**

**Felizes, não desgraçados,
Sem provar o amargo fel,
Vivem uma lua de mel
João e Laurita abraçados
Felizes, resignados,
Pelas ruas da cidade,
Implorando a caridade
Ao futuro indiferentes...
Laurita e João sorridentes
Zombam da felicidade**

São tantos os glosadores do Vale, que difícil se tornaria classificá-los. Os improvisos de João de Papai são famosos.

Certa vez, chegou à cidade do Açú um novo delegado, o Ten. Revoredo. Ao saber do fato, João de Papai, irreverente, glosou:

**Este tenente que veio
Pra mim não pode prestar.**

**Logo o bicho é muito feio
De cabra tem a mistura
Não pode ter compostura
Este tenente que veio
Ontem ví-o muito “cheio”,
Com Vemvém a conversar
Pelo que estava a falar
E as coisas que dizia
E as caretas que fazia
Pra mim não pode prestar**

Sabedor dos versos que se espalharam aos quatro ventos, o Ten. Revoredo mandou chamá-lo à Delegacia. O poeta, aperrado, respondeu: “O Senhor foi mal informado, Tenente. Os versos que fiz foram os seguintes.

**O Tenente Revoredo
É bom, é firme, é leal**

**De errar não tenho medo,
Nem temo ser contestado,
Dizendo: é bom delegado
O Tenente Revoredo.
E não se diga que é cedo
Pra exaltar o oficial
Aqui não vejo outro igual,
Faz justiça em profusão,
Em qualquer ocasião,
É bom, é firme, é leal**

No dia do aniversário do grande chefe político do Vale do Açu, dr. Pedro Amorim, João de Papai foi levar-lhe o abraço do amigo e correligionário. Abrançando-o, sua alma explodiu nos versos:

**Compadre Pedro Amorim
Aceite um abraço meu**

**É estimado por mim
Sem o menor fingimento
Afirmo neste momento
Compadre Pedro Amorim
Comecei e vou ao fim
Sempre sendo amigo seu
Do amigo a lealdade
E em prova desta amizade
Aceite um abraço meu**

É muito comum pedir ao poeta que ele contradiga seus próprios motes. João de Papai verseja:

**Pra botar fogo em caeira
Precisa muita cachaça**

**Não é só pela poeira
Muito mais pela quentura
E ter natureza dura
Pra botar fogo em caeira
Só se nota a estraladeira
E o canudo de fumaça
Não causa riso e nem graça
Só parece um furacão
Para aguentar o rojão
Precisa muita cachaça**

E contradiz com o seguinte:

**Também se queima caieira
Sem precisar de cachaça**

**Trabalha-se a noite inteira,
Sem vexame e sem fadiga
Comendo enchendo a barriga
Também se queima caieira
Se enfrenta toda poeira
Como também a fumaça
Se leva tudo na graça
A boca é quem faz o jogo
Pode-se enfrentar o fogo
Sem precisar de cachaça**

Moisés Sesiom foi outro poeta genial. Está qualificado entre os poetas “malditos” do Açu. Porém, em sua lira, cantava todos os gêneros. É muito bela a glosa que fez, às vésperas de sua morte:

**Foi chegada a minha hora
Meus filhos ficam sem pai**

**Valha-me Nossa Senhora,
Jesus Cristo Redentor;
Pelo que vejo, Senhor,
Foi chegada a minha hora.
Eu mæ vou de barra a fora
Como todo mundo vai
Dou por despedida um ai
Diante desse fracasso
Se Deus não meter o braço
Meus filhos ficam sem pai**

Certa vez, eu trouxe de Minas Gerais um retrato, a bico de pena, de meu marido, pintado por Julius Kaukal, famoso pintor. O retrato chama a atenção de quem entra em nossa casa, tal a semelhança com o original. Pilheria-do com os amigos, pelo alto preço da obra de arte, sem querer dei o mote ao parente Luís Lucas:

**Cara danada de cara
Essa cara do Doutor**

**Bom retrato é coisa rara
Custa caro, minha senhora,
Para se ver toda hora
Cara danada de cara
Quem com ele se depara
Reconhece o seu valor
Para si tem o dulçor
Da madrugada ditosa
Dos seus sonhos cor de rosa
Essa cara do Doutor**

O ilustre Desembargador, grande poeta norte-rio-grandense, dr. Wilson Dantas, entrou na dança do improviso:

**Quem passa na sala para
Pra ver Nelson retratado
E diz por ser obrigado:
Cara danada de cara**

**O retrato é obra rara
Pois de um feito com valor
Um grande artista pintor
Deu bem mais vida, expressão,
Pintando com perfeição
Essa cara do Doutor.**

Vejamos agora o grande repentista, poeta e trovador, ilustre médico — dr. Mariano Coelho — já consagrado pela sua versatilidade. É linda sua glosa filosófica:

**“Na vida um segundo a mais
É mais um segundo a menos
Por ser breve, ser fugaz,
O segundo é desdenhado,
Nem merece computado
Na vida um segundo a mais
Loucos que desperdiçais
Os vossos dias serenos
Em mistérios de somenos,
Olhai o tempo perdido
Cada segundo vivido
É mais um segundo a menos**

Manoel de Bobagem deixou uma infinidade de versos. Era um bêbado inveterado. Certo dia, foi à Padaria Santa Cruz e pediu um pão ao amigo Afonso, o proprietário. Não foi feliz no pedido e desabafou sua decepção nos versos:

**Encontrei na Santa Cruz
A maior ingratidão**

**A sofrer eu me dispus
Até a pedir esmolas
Mas o que não me consola
Encontrei na Santa Cruz
Me lembrando de Jesus
Caminho com meu bastão
Afonso negou-me um pão
Para matar minha fome
E bancou quem tem bom nome
A maior ingratidão**

Meu marido estava presente no momento. Disse ao poeta: “Manoel, acaba com essa cachaça besta. Se improvisar lhe darei o pão”. De imediato, respondeu:

**Este quinado infeliz
Eu sei que vai me matar**

**Se o destino assim o quis,
É ruim a minha sorte,
Porque vai ser minha morte
Este quinado infeliz
Censurando, o povo diz
Que eu não posso prestar
Porque vivo a farrear
No vício da embriaguês
O quinado desta vez
Eu sei que vai me matar**

Manoel carregava o destino de não ser amado. Dedicou à sua musa:

**Muito sofro por quem amo
Quem me ama sofre mais.**

**O nome dela eu declaro
Dentro do meu coração
Pela força da paixão
Muito sofro por quem amo
Sonhando por ela eu chamo,
Entre suspiros e ais...
Tenho sofrido demais,
É grande a minha tristeza
Mas, tenho toda certeza
Quem me ama sofre mais.**

José Coriolano Ribeiro, está no rol dos “malditos”. Seus versos incisivos, ferinos, têm muito espírito e humor:

**É melhor beber cachaça
Que trabalhar a Navega**

**É melhor beber cachaça,
Viver só de má notícia
Ser preso pela polícia,
Apanhar em plena praça,
Perder de Jesus a graça,
Beijar o cão Nega — nega,
Receber murro em bodega,
Habitar dentro do forno,
É muito melhor ser corno
Que trabalhar a Navega**

Durante as campanhas políticas, as glosas aparecem às pampas, enaltecendo o candidato ou depreciando o adversário. Algumas são muito irreverentes, entrando, às vezes, na vida privada do cidadão. É Digna de registro esta glosa com o pseudônimo de Zé do Pote:

**Não voto em gente de saia
Procure outro candidato**

**Não furo pau sem ter pua,
Não compro sem ter dinheiro
Não tomo banho em banheiro,
Não peço esmola na rua
Não faço casa na lua,
Não dou confiança a rato,
Não glosa igual a Renato
Não como osso de arraia,
Não voto em gente de saia
Procure outro candidato.**

Chico Lopes, um bom glosador do Pataxó, fez a seguinte:

**E sempre o feitiço vira
Por cima do feiticeiro**

**Tem candidato enrolão
Todo metido a devoto
Que diz: me dê o seu voto
Que depois da eleição
Garanto dar-lhe um fuscão
Uma ruma de dinheiro.
Eu respondi: marreteiro,
Nunca gostei de mentira
E sempre o feitiço vira
Por cima do feiticeiro**

DE TRADIÇÕES POPULARES

Apesar de ter sido o Açú uma das primeiras cidades do Rio Grande do Norte a possuir um teatro, hoje não possui um único grupo cênico. Melpônea e Tália, as decantadas musas, fugiram para longínquas plagas, deixando, contudo, nesta cidade, filhos ilustres, dentre eles Sandoval e Sinhazinha Wanderley, ambos de renome nacional, para não se falar de outros de igual valor e cultura.

Se os teatros desapareceram do cenário artístico e cultural da “Atenas Norte-rio-grandense”, o povo, contudo, não abdicou das velhas tradições, dos brinquedos populares, como o Bumba-meu-boi, os Calungas ou Mamulengos, os Dramas, Lapinhas e Pastoris. Estes podem ser considerados como o autêntico teatro do povo. Vejamos suas origens:

BUMBA-MEU-BOI

Segundo Ermilo Borba Filho, os espetáculos populares têm gosto dionisiaco e um sentido de fantasia. Embora com influências européias, sua estrutura, seus diálogos e tipos são caracteristicamente brasileiros. A música que acompanha esses espetáculos possui o ritmo e a cor nacionais.

Dos dramas encenados no Vale do Açú, o Bumba-Meu-Boi é o mais original. É um autêntico espetáculo popular, uma peça teatral do povo, sem, contudo, ter esta consciência de estar representando teatro. Refere-se ao auto como brinquedo. Os componentes do Bumba nunca dizem — “Vou representar”, mas “Vou brincar hoje”. A palavra brinquedo tem sentido de jogo, de origem medieval, para o ato de representar.

O Bumba-meu-boi é um auto, bailado popular ou drama pastoril. Ele segue a forma de teatro hierático das peças populares do Natal e de Reis. É muito difundido no nordeste, onde aparece também com outros nomes: Boi Calemba, Boi, Bumba, Boi de Reis.

Origina-se este bailado, segundo alguns eruditos. do estribilho cantado, quando o boi, figura central do auto, dança: "É bumba". A cada volteio, marrada, recuo ou passos que dá, corresponde a uma pancada no zabumba, portanto, Bumba-meu-boi. Para outros, bumba significa bombo ou zabumba. Na realidade, significa tunda, bordoadada, pancadaria, sendo talvez este o mais adequado, por girar o Bumba-meu-boi em torno de pancadas.

No seu sincretismo artístico, folclórico e religioso, dos mais complexos, o Bumba-meu-boi lançou mão de todos os elementos de literatura de cordel, com o seu romanceiro, das toadas de pastoril, de canções, de assombrações, de loas e de louvações populares.

A encenação natural de Bumba-meu-boi requer um período de oito horas e grande número de intérpretes, perto de quarenta e oito figurantes. O uso da máscara poupa um elenco numeroso.

O Bumba-meu-boi se apresenta em três sotaques diferentes: de matraca, de zabumba, de ganzá, conforme os instrumentos de acompanhamento. Sempre contam a estória de uma certa Catirina ou Catarina, empregada de um fazendeiro, que está grávida e deseja comer língua de boi.

Por causa disso, dá-se o drama. Seu homem é induzido a matar o animal mais bonito da fazenda, mas, ao tentar, consegue apenas ferí-lo. Os personagens vão se sucedendo. O criminoso é capturado e, após a descrição poética dos cantadores, ele é perdoado, ao mesmo tempo que o boi é salvo pelo doutor, dan o ensejo a uma festa.

Seus personagens podem ser classificados em: humanos, pelo doutor, dando ensejo a uma festa.

O Capitão Boca Mole é o dono da festa. É ele quem fala, canta, dança, apita e comanda a festa. Ele vem a pé e volta montado no Cavallo Marinho. São seus servidores: Mateus e Bastião. Seguem: A Pastorinha, geralmente interpretada por um adolescente. Os pares femininos são sempre defendidos por homens, mas há a Cantadeira, que fica ao lado da orquestra, que é composta de zabumba, pandeiro, ganzá.

O papel da Cantadeira é cantar as chamadas e saídas dos personagens. Obedece às ordens de Mateus, o mandado do Capitão. Catirina é uma negra desinibida e cantadeira. Tuntuzé é o valentão. Sempre termina desmoralizado com suas lorotas. Há o Engenheiro e seus auxiliares que vêm medir as terras do capitão. O Padre aparece para confessar uma assombração. O dr. Pinico Branco vem receitar o Boi, que levou uma pancada e ficou desacordado. Mané Gostoso com suas pernas de pau. Outros que dançam, cantam e falam: Zabelinha, Sacristão, Fiscal Mestre do Tear, Romeiro, Matuto do Fumo, Queixoso, Dona Joana, Caboclo do Arco, Capitão do Mato, Barbeiro, Boticário, João, Carneiro Bêbado, Bastião, Mané gostoso.

Entre os animais temos: o Boi, que é figura central do folguedo; a Ema, que é movimentada por um menino, debaixo da armação do animal; a Burrinha, montada por um vaqueiro; a Cobra, que morde Mateus e Bastião; Pinica-pau e Cavallo marinho.

Os fantásticos são:

A Caipora, gênio do mal da mitologia indígena brasileira. É representada por um moleque de tanga, com enorme cabeça, arranjada com uma peneira, coberta com um pano branco, com dois orifícios, representando o buraco dos olhos; o Diabo, que leva o Padre e o Sacristão para as profundezas do inferno; Babau, armado com uma caveira de burro; o Morto Carregando o Vivo, que é um ator mascarado com um tronco de boneco na frente e os membros inferiores atrás, dando a impressão perfeita de que o inanimado carrega o animado; Mané Pequenino, figura enorme, de mais de três metros de altura, toda de branco e, finalmente, o Jaraguá, fantasma do cavalo, dando patadas nos espectadores.

Como vemos, as imagens são muito ricas e encantadoras. Lembro-me de algumas quadrinhas recitadas ou cantadas pelos respectivos personagens:

**Soldado é aquele
da gola amarela.
É o governador
das moças donzela**

**Minha burrinha come milho,
come palha de arroz.
Arrenego essa burra
Que não pode com nós dois.**

**Zebilinha foi à missa
num cavalo sem espora
o cavalo deu uma popa
Zé Bilinha deu o fora.**

No Vale do Açu este drama era representado em arena, com o público em pé, formando a roda, que se fechava em torno dos intérpretes.

Hoje, vai-se tornando raro este drama popular.



Franklin Jorge

DE CALUNGAS E MAMULENGOS

É outro tipo de teatro popular. Seus dramas são encenados em um pequeno palco, mais ou menos elevado, onde os personagens são bonecos, cuja apresentação é muito interessante e do gosto da petizada. O artista fica atrás das empanadas e ali imita todas as vozes, movimentando as figuras com cordões.

Segundo Beaurepaire, a palavra mamolengo parece ter se derivado de “mão molenga”, e estes espetáculos têm alguma correlação com o teatro de fantoches e marionetes.

No Vale do Açu, são mais conhecidos como **calungas**. Ficou na memória do povo do Vale o teatrinho de Luís dos Calungas. Foi um autêntico artista. Ele imaginava e criava suas figuras. Ele mesmo as esculpia em cumaru ou mulungu, madeiras adaptáveis à talha. Ele criava os diálogos e os encenava. Tinha uma infinidade de bonecos, animais pitorescos e exóticos, figuras lendárias etc.

Foram do seu teatrinho:

João Redondo, com seu bigodinho preto
Baltasar, negrinho encherido e malcriado
José Bonitinho, o conquistador
Catarina e Berico, os namorados
Henriqueta e Minervina, os “pés de ouro” (dançarinas)
Soldado, sanfoneiro etc.

Luís dos Calungas sabia, como ninguém, movimentar os seus bonecos. A farda é algo que sempre impressionou o sertanejo, por isso a lei está sempre presente nos diálogos e dramas, quando a faca e a peixeira entram em cena.

O xafurdo (confusão), o cuspe são muito usados nas expressões e manifestações de desagravo.

O **papa-figo** — figura lendária do folclore nordestino — é imprescindível para amedrontar a garotada.

Há, ainda,, o Coronel, a marcar a sua personalidade social, o Valentão e o Doutor.

O Baltasar é a figura mais querida da petizada. É gaio, gosta de açular o público, ao contar suas estórias fantásticas. O negrinho, passando pra lá e para cá, pergunta, após a estória vantajosa que contou: "Duvida? Duvida?", "E o matuto que também adora esse tipo de folguedo, cai nas malhas do negrinho esperto, respondendo: "Duvido" Era só o que o negrinho queria. Sorridente e vitorioso, arremata: "O fundo das suas calças está descosido". O povo ri, a garotada vibra e o Baltasar sai de cena.

Esse tipo de teatro é organizado por detrás de uma empanada, onde uma ou duas pessoas adestradas se escondem e fazem com que os bonecos se movimentem, imitando-lhes as vozes.

Com o falecimento do Luís dos Calungas, a petizada do Vale do Açú ficou sem o seu pitoresco espetáculo. Seus bonecos hoje estão em Recife, em poder do jovem tele-ator. João Batista da Costa. Este artista conseguiu comprar todos os bonecos, de uma riqueza folclórica de inestimável valor. Só não conseguiu comprar o Baltasar. Luís dos Calungas pediu à sua esposa que, quando morresse, queria ser enterrado com seu querido Baltasar.

Sabemos que novos métodos pedagógicos aproveitam hoje o teatrinho de fantoches,, como veículo de suma importância para fixação de idéias na mente infantil, como uma das mais interessantes formas de educação.

LAPINHA OU DRAMA PASTORIL

Foi encenada pela primeira vez na cidade do Açú, em 1898, pelo brilhante e progressista Sr. Joaquim de Sá Leitão, que deve ter legado a seus filhos e netos, dentre eles, o Padre Américo Simoneti, suas belas origens.

A peça primitiva, de origem portuguesa, proveio de Macau, onde o Sr. Joaquim de Sá Leitão, entusiasmado, assistiu o lindo drama natalino, trazendo-o para o Açú. Mais tarde, indo a Fortaleza, conseguiu ali uma nova versão, que até hoje permanece na lembrança do povo do Vale do Açú.

A peça consta de três atos:

I.º ATO

Personagens: CULPA, representa Satanás. Aparece vestida de vermelho com touca e gorro encarnados.

GRAÇA — Aparece vestida de branco e azul

RELIGIÃO — vestida de azul. Traz a cruz e a coroa.

Há diálogo entre elas. A CULPA quer matar a RELIGIÃO. CULPA dá à rebelde pastora LIBERTINA um punhal para a consumação do fato. LIBERTINA, por temer as consequências, não aceita a malfadada incumbência.

A GRAÇA evita que a RELIGIÃO morra.

* * *

II.º ATO

Personagens:

A mestra GÉLIA e suas pastoras: NIZE, TIRZE, LAURA, MARÍLIA, FLORA, LIBERTINA.

Aparecem no bosque. Conversam sobre a chegada do Salvador. Cansadas, preparam-se para dormir, quando lhes aparece um anjo, anunciando a chegada do Messias. Alegres, começam a cantar:

**Venham belas pastorinhas
No regaço tragam flores
Para irmos ofertar
Ao Rei, Senhor dos Senhores.**

No caminho para Belém, LIBERTINA afasta-se das outras pastoras, para se encontrar com os amados. Ao apanhar flores, é castigada pela picada de uma cobra venenosa. Desfalece. Arrependida dos pecados, salva-se.

Cantam as pastorinhas, trazendo nos braços cestinhas cheia de flores e de presentes:

**Este caminho vai ter
A Belém, a gran cidade.
No presépio vamos ver
Quem ocupa a imensidade.**

**Já Belém nós avistamos
Pouco tardamos chegar.
O Salvador veio ao mundo
Nós o vamos adorar.**

**Publicar nós todas vamos
Pelas terras de Judá
Que o nosso bom Messias
Em Belém nascido está.**

Em seguida aparece a cena do presépio e as pastorinhas, ofertando ao Menino Deus os seus presentes, cantam alegres e felizes, retirando-se em seguida para suas cabanas.

* * *

III.º ATO

Personagens: GÉLIA e suas pastoras.

O grupo de pastoras dividiu-se em dois partidos: AZUL e o ENCARNADO.

O vestuário é branco. Nos aventais, a cor do partido que representam. Trazem maracás e fitas coloridas, com as cores correspondentes e chapéu de palha, também com a fita da cor do partido.

FLORA é a caçula das pastoras. Foge. LIBERTINA encontra-a e entrega-a à Mestra GÉLIA. Cantam à chegada da companheira:

**Eis a fujona lambida
Que à minha custa aqui vem
Vem depressa e advertida
Para irmos a Belém.**

Nos intervalos aparecem duas ciganas, representando cada uma o seu partido. Junto ao povo recebem, em salvas de prata, as ofertas. A vitória final caberá à cigana que fizer mais dinheiro para o seu cordão.

Os ânimos se exaltam. A vitória do partido é uma festa. Cantam em conjunto:

**Vamos, ciganas do Egito,
De tão longe a Belém
Adorar o Deus Menino
A Jesus, o nosso Bem**

Em separado, cantam respectivamente:

**Dai-me todos uma esmola
Dai-me, meu jovem taful,
Protegei a bela salva
Desta cigana do azul**

**Dai-me todos uma esmola,
Meu jovem aprimorado,
Protegei a bela salva
Da cigana do encarnado.**

Das Lapinhas surgiram os alegres pastoris que vemos espalhados por todos os recantos do Vale. É um folguedo muito querido do povo, principalmente da zona rural. São encenados em pequenas barracas, toscas e primitivas, enfeitadas de bandeirolas e papel colorido.

São seus personagens: a linda DIANA e suas pastoras.

Há um tablado na barraca para dança folclórica. Ficam em fila. De um lado, a fila das ciganas do Partido Encarnado; do outro, a do Azul.

DIANA é a figura principal. Fica à frente das duas alas. Enquanto se faz a oferta para se dançar com a linda

DIANA, elas ficam dançando. Quando a oferta é sobrepujada à outra, cantam respectivamente:

**Correu uma estrela
Do norte para o sul
Dança a contra-mestra
Do Cordão Azul**

**Lá vem o sol saindo
Com raio iluminado
Dança a contra-mestra
Do Cordão Encarnado**

Enquanto o cordão canta o seu refrão, o jovem que fez a melhor oferta, dança com a DIANA.

É comum um Pastoril permanente nos arraiais e vilas, onde seus organizadores usufruem de um lucro certo, fazendo da alegria do povo um meio de vida garantido.

Sabemos que muitas músicas da Lapinha e dos alegres Pastoris foram compostas pelos açuenses: Adolfo Wanderley, Professor José Simoneti e a fabulosa Sinhazinha Wanderley, irmã do imortal Segundo Wanderley. Foram músicos e poetas de grande fama no Vale do Açu.

Caros leitores:

Estou anexando a este livro a OPERETA PASTORIL, drama natalino de grande beleza cênica e mística.

É um drama antigo, da autoria de um sacerdote português, cujo nome não me foi possível averiguar. Esta OPERETA foi trazida para o Açú, na década de 1940, pelo sr. Vital Jofre, então Gerente do Banco do Brasil nesta cidade.

No mesmo ano, a Professora Clarinha Amorim encenou-a no Teatro "Pedro Amorim", com elenco de 22 personagens, obtendo excelente repercussão. Tornou-se tradicional na cidade do Açú a representação desta peça.

Se coloco a OPERETA PASTORIL neste livro, faço-o com o único propósito de preservar, na memória do tempo, este auto popular que revela, além do sentimento de religiosidade, um pouco das nossas raízes ibéricas. Desta forma, facilito aos estudiosos do folclore, e às pessoas interessadas em divulgar os folguedos do povo, o acesso a este drama natalino.

Desejo agradecer à Professora Clarinha Amorim por me ter ofertado uma cópia da valiosa peça e à d. Maria de Sá Leitão, viúva do emérito Professor José Simoneti, teatrólogo e artista, que deixou importantes trabalhos pedagógicos e culturais em nossos estabelecimentos de ensino. À d. Maria, que gentilmente se prontificou a me prestar informações sobre Lapinha e Pastoril, meus sinceros agradecimentos.

A autora

OPERETA PASTORIL

Iº ATO

A ANUNCIAÇÃO

Cenário: Casa de Nossa Senhora, tendo em frente um jardim, onde a mesma se encontra sentada num tosco banco, fiando. Cantam, de dentro, a Ave Maria, e ao ouvir o cântico, Nossa Senhora ajoelha-se, quando aparece o Anjo, ainda a cantar e, ao terminar, diz:

ANJO — Eu te saúdo, cheia de graça, o Senhor é contigo. Bendita sejas entre as mulheres. (Pequena pausa) Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho a quem chamarás pelo nome de Jesus. Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo. Dar-lhe-á o Senhor o trono de Davi seu pai; ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó e o seu reino não terá fim.

MARIA — (Permanecendo-se ajoelhada) Como será isto, pois não admito varão?

ANJO — Sobre ti descerá o Espírito Santo e o poder de Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, o ente Santo que há de nascer será chamado Filho de Deus. Izabel, tua prima, concebeu em sua velhice, sendo este já o sexto mês para aquela que diziam estéril. Saibas que para Deus nada é impossível.

MARIA — (Inclinando a cabeça) Aqui está a serva do Senhor; que se cumpra em mim conforme a tua palavra.

(O Anjo retira-se, aos poucos. Ouve-se, ao longe, uma suave melodia sacra.)

IIº ATO

O cenário representa o campo, vendo-se grandes árvores, as quais são pintadas nos bastidores. Sobre a relva acham-se sentados os pastores: Eliazar, Rute e Jacó que, despreocupado, come um pão.

Iª. CENA

ELIAZAR — (*Toca a sua flauta.*)

RUTE — (*Com ar de crítica*) Chi! Está desafinada!

ELIAZAR — Ah! Isto não. Minha flauta é maravilhosa. Quando a toco, até os pássaros me acompanham.

JACÓ — Mas acabaste agora mesmo de tocar e nenhum pássaro te acompanhou.

ELIAZAR — É porque não ouviram o som.

RUTE — És muito convencido.

IIª CENA

Entram Sara, Nora, Ismael e Flora

SARA — (*Entrando*) Olá! Que grupo encantador! De longe ouvimos a tua flauta e viemos, pressurosos, encontrá-lo.

ELIAZAR — Eis um dos pássaros que ouviu a minha música. Ao tocar a minha ária, Rute a achou desafinada. Aceitei a crítica, dizendo que até os pássaros me acompanham. Não és um rouxinol?

SARA — Obrigada.

JACÓ — Galanteador!

ISMAEL — Vamos acabar com isso que o dia está se tornando cada vez mais escuro.

SARA — E eu tenho horror às trevas.

ISMAEL — Boba! Então não crês? Vamos em busca daquele que só nos traz felicidade e amor!

SARA — Sou de opinião que devemos fazer aqui a nossa parada de repouso.

NORA — Por mim estou de acordo. E vocês?

RUTE — Por mim também.

FLORA — Ótima idéia.

ELIAZAR — Também concordo

(Todos se deitam estando o palco em completa escuridão.)

ISMAEL — *(Arruma a sacola e se deita)*

SARA — Com esta escuridão nunca acertaremos com o caminho a seguir.

ISMAEL — Vá dormir.

SARA — Não posso

(Depois de alguns instantes aparece a estrela)

ELIAZAR — *(levantando-se)* Céus! A estrela!

(Todos se levantam)

SARA — Oh! luz estranha

ELIAZAR — Oh! divina claridade! Farol dos crentes, emblema da verdade! Guiai-nos nesta jornada, iluminai com vossa luz as nossas almas para que possamos adorar o Deus Menino com a mesma pureza destas flores que nos cercam. Agora, meus companheiros, não temos mais nada a temer. Prossigamos para, mais depressa, adorar o Deus Menino.

TODOS — Vamos

ELIAZAR — Mas... não posso ir agora. Prometi à Lia esperá-la.

SARA — Pelo clarão da estrela, de longa distância poderão acompanhar.

ELIAZAR — Julgo que sim. Ficarei mais algum tempo. Sejam felizes.

(Os pastores saem e, com eles, a estrela desaparece)

ELIAZAR — Estou tão cansado que o sono vence-me as forças. Se eu dormir Lia me despertará.

(Deita-se. Após alguns momentos entra a cigana Mitarra).

MITARRA — *(Espantando-se)* Um pastor? Estará morto? Não. Dorme! E se eu me fizesse amar? A vingança seria completa. Estes pastores e a nossa raça!... *(pensativa)* Ah! Recorrerei ao filtro com que Geméia me presenteou. Estas bruxas são admiráveis!

(Sai e ouve-se o canto: Glória in excelsis Deo. O demônio entra e logo aparece a estrela.)

DEMÔNIO — Glória? Glória Por quê? Só por causa de uma estrela que as trevas do meu poder não puderam apagá-la? Só porque pelo espaço em fora uma pedra de fogo rompe o equilíbrio das esferas e sai, a correr rutilando o azul? Só porque ainda não me pertence? Só porque os pobres pastores acreditam na lenda das escrituras? Tudo é o efeito da sugestão dos símbolos. O homem tem medo de contemplar a verdade. Engana-se a si próprio, consolando a sua ignorância, na esperança abstrata dos seres que inventa. Apaga-te, luz. Por que insistes em ferir-me os olhos, roubando-me a alegria das trevas em que vivo? Não vês que este clarão é falso como todos os elementos que a combustão devora? Apaga-te, luz! O teu esplendor é que te queima! Eu também já fui luminoso e ce-

leste, mas tive a coragem de trocar o esplendor de um cativeiro luminoso pela glória de ser livre, ainda que mesmo nas trevas! A liberdade é sempre valiosa, ainda que sem brilho e sem fulgor! O comodismo é o cárcere do pensamento. A tua luz é o preço e não o prêmio. Roubam-te a liberdade, dando-te em troca este manto luminoso. Mas este teu brilho é o castigo da tua servidão porque tens que te queimar, eternamente! Apaga-te, estrela, e rola pelo espaço à fora na alegria da tua liberdade infinita! Oh, liberdade! Oh, luz! Eu me sinto livre e poderoso mas, como um abismo que me separa de ti. Esqueci-me um instante que, para saber manter, é preciso saber obedecer e hoje minha liberdade é rebeldia e meu fastígio são trevas! Nem sei mesmo o que sou! Se sombra do que fui, ruína de um anjo, espectro de uma virtude ou o esplendor do pecado! Para o homem há hoje o consolo de uma esperança nova e eu não perdão e não peço perdão. Continuo a sentir dentro de mim o ódio do que sou e o desespero do que deixei de ser. Mas hei de ser obedecido e hei de triunfar. Apaga-te, luz! Desfaça-te em liberdade e deixa que o mal da vida se eternize, esquecendo o mistério do Natal!

ANJO — Nunca, Lusbel! (Coloca-se ao lado do pastor.)

DEMÔNIO — Estava tardando muito a tua interferência. Orgulhoso de conservares o teu título de emissário do Bem, hás de travar para sempre as vitórias que te prometem. As tuas vitórias são alheias. As minhas são próprias e verdadeiras pela espontaneidade do Mal e pelo veneno do pecado!

ANJO — Lusbel, a cada palavra tua a natureza responde com festas de luz e de cores. Mas a existência de Deus canta no mistério da criação! Deus é o supremo desejo, a glória do Bem e do Amor.

DEMÔNIO — Deus? Quem precisa dessa hipótese para viver? Eu procuro fins e não palavras. A verdade é eterna, qualquer que seja o Mal. Se Deus fosse o Amor, não existiria o ódio.

ANJO — Negas o Bem e negas o Amor para o consolo do teu desespero. Deus é a glória dos justos.

DEMÔNIO — Mas eu terei a glória de reduzir o teu reino e deixá-lo sem corte e sem vassallos. Procuo extender as inclinações naturais dos corações humanos, e, sabendo fazê-lo, terei o reinado das orgias pagãs, das guerras sangrentas, para as almas livres e soltas.

ANJO — E Deus conduzirá a humanidade para a glória final. Segue a estrela e encontrarás consolo.

DEMÔNIO — Seguirei para apagá-la, destruí-la e as trevas vencerão a luz. O homem, só vendo escuridão, só a mim servirá. (*Dá uma gargalhada e sai*).

ANJO — Segue então teu destino, anjo rebelde, e eu irei levar à humanidade o consolo feliz da grande nova. (*Sai, e ouve-se o cântico dos anjos*)

MITARRA — (*Entrando*) Ainda dorme? (*Olha de perto*) É jovem e belo. (*Bate com o pandeiro na cabeça do pastor e este desperta*). Estava a dormir, meu pastor? Olha como a natureza está alegre. Até parece um dia de festas! Desperta! Vamos conversar um pouco!

ELIAZAR — Estarei sonhando? Parece-me que ainda ouço um cântico divino. Quem és e de onde vens?

MITARRA — Sou Mitarra, a cigana que a todos traz felicidade. Aos corações, ao sorriso, aos lábios. De onde venho? Nem mesmo posso dizer-te. Há muito que procuro a felicidade e só agora a encontrei... E tu?

ELIAZAR — Ouviste há pouco o hino, anunciando a chegada do Messias?

MITARRA — Ora, deixa-te disto! Foi apenas um sonho que tiveste. Os sonhos nunca se realizam. São nossas almas espiritualizadas que correm em busca do invisível. Gostarias de ser feliz?

ELIAZAR — A felicidade nós mesmos a fazemos. A felicidade é tudo aquilo que Deus pôs na terra, para que o homem pudesse ver e sentir tudo conforme seu estado dalma. As flores, os pássaros, a brisa, enfim toda a natureza junta às boas ações, e pureza de corações nos trazem felicidade. (*Pausa*) E o meu sonho?

MITARRA — Ainda não sei quem és, porém julgo que andas preocupado com uma dúvida que atormenta tua existência. Se quiseres, poderei dissipá-la, clareando assim tua vida, para poderes ver e sentir a felicidade que ainda **não** conheces.

ELIAZAR — Não, obrigado. Hoje, mais do que nunca, eu me sinto plenamente feliz. Preciso, o quanto antes, partir e avisar os meus companheiros, principalmente à Lia, a encantadora pastora destes prados, que tive um sonho. (*Sai correndo e Mitarra o impede de prosseguir*)

MITARRA — Ainda não me disseste o teu nome.

ELIAZAR — Eliazar, humilde pastor!

MITARRA — Eliazar! Que lindo nome! (*Mostra-lhe um frasco*) Toma este frasco. Se algum dia te sentires infeliz, já sabes, foi Mitarra, a cigana, que na vida encontrou alguns minutos de felicidade e está fugindo para nunca mais voltar.

ELIAZAR — Agradeço-te, Mitarra. Vou em busca d'Aquele que é o único que pode conceder nossas inspirações. E depois só em ver e ouvir Lia... é uma grande ventura! (*Sai correndo*)

MITARRA — Lia... sempre Lia... como poderei me vingar? (*Pausa*) E se eu matasse Lia? Talvez ele me procurasse para que eu lhe desse o que há pouco rejeitou, pensando encontrar neste precioso líquido um consolo à sua dor. Avante, Mitarra! Coragem! Audácia! (*Sai e se esconde ao ouvir Lia, que se aproxima cantando*)

LIA

Sigo por estas campinas
Para ver Jesus que nasceu
Irei com alguns companheiros
Que gostam de ir como eu.

(*Entrando*) Apesar de um pouco tarde, não posso deixar de arrumar minhas flores, que acabo de colher lá no alto da colina. (Lia se senta e Mitarra aparece)

MITARRA — Pela tua voz e pela tua beleza, reconheço em ti, Lia, a pastora predileta destes prados. Vais ser a vítima inocente da mulher ultrajada. (*Apita e as ciganas aparecem e seguram Lia.*)

LIA — Socorro! Socorro! (*A cigana amarra a boca de Lia*)

MITARRA — Antes, bela pastora, irás assistir a dança ritual dos nossos antepassados, para que os deuses aplaquem a sua ira e se compadeçam da pobre Mitarra. (pausa) Paciência, minha pequena. Enquanto danço, preparem a fogueira, e tu, Micas, traz-me o fogo sagrado. (Recebe o fogo sagrado, dança e depois diz) Como me sinto cansada. Coragem, Mitarra! (Dirige-se à Lia) Que o espírito da floresta guie tua nova vida. (prestes a matar Lia, o Anjo aparece)

LIA — Anjo! Maior que o teu poder é a onipotência divina! Dá liberdade à pequena Lia, que, pela vontade de Deus volta à vida (Lia, que deve estar ajoelhada, levanta-se) O teu gesto, Mitarra, será perdoado, pois, pela ignorância das leis divinas, não sabes o que fazes, procura corrigir as fraquezas e praticar a virtude, e serás salva.

MITARRA — (Ajoelhando-se diante de Lia) poderás perdoar a monstruosidade do crime que eu ia cometer? Lia faz gestos que sim e se abraçam) Como é sublime a lei divina, a lei do perdão, desconhecida por mim. Estou sentindo paz... paz... Querida Lia, volta com sua bondade para aqueles que te sabem compreender. Quanto a mim, continuarei minha vida errante, até encontrar a felicidade que almejo.

LIA — Mitarra, infelizes daqueles que não crêem. Vem conosco e em Belém encontrarás felicidade verdadeira. Encontrarás o Bem, o Amor, o verdadeiro perdão, enfim, tudo o que há de grande e sublime no pequenino Jesus...

MITARRA — Não. Talvez um dia poderei ver e sentir tudo isso que me dizes. Preciso agora, pedir perdão a Eliazar pelo grande mal que ia lhe causando. (Dirigindo-se às ciganas) Nada mais temos a fazer por aqui. Volte à tenda e tu, Micas, irás à procura desse pastor do qual acabamos de falar e diz-lhe que venha aqui imediatamente (nervosamente, dirige-se à Lia e pergunta) Estás muito magoada comigo?

LIA — Não, apesar do grande susto que tive. Nada sinto, pelo contrário, estou imensamente satisfeita por ter merecido esta enorme graça. Vamos, alegra-te. Fora a tristeza. Gostarias de me ouvir cantar?

MITARRA — Há muito que desejava, mas não ousei pedir-te...

LIA — Irás ouvir uma canção muito bela, embora triste
(*Canta: Tu me surgiste na vida*)

ELIAZAR — (*Entrando*) Bravíssimo, pequenino rouxinol! Pobre Mitarra!

MITARRA — (*Ajoelhada*) Pelo teu Deus, perdoa a pobre Mitarra, que quis destruir a tua felicidade.

ELIAZAR — (*Levantando-a*) Micas tudo me contou. Esquece o passado e alegremo-nos com o presente. Vamos festejar este grande dia. (Volta-se para Lia e os três cantam.
(*Canção da Flor*) Que felicidade termo-nos encontrado!
(*Saem. Lia e Eliazar de braços dados*)

MITARRA — (*Só*) Sinto que este perdão de que me fazem os crentes ainda não penetrou em minha alma. Eles me disseram: vai a Belém e, lá, encontrarás o que desejas. E se eu fosse? Não! Devo ficar. Devo lembrar-me de que sou cigana e procurarei no canto o esquecimento. (*Canta: Canto das Ciganas*)

IIº ATO

Ao levantar o pano aparece Eliazar que procura a ária que Lia canta ao longe.

ELIAZAR — Ora, Lia pensa como os pássaros que tendo frutos e flores nunca morrem de fome, e canta, canta para expandir sua felicidade! Ela é a vida destes bosques, o rouxinol que nos encanta!

LIA — (*Entrando*) Olá, que lindo dia!. Tenho hoje uma surpresa do outro mundo.

ELIAZAR — Sua cabecinha de vento! Só pensa em surpresas e mais surpresas!

LIA — Vais ver que presente lindo vou trazer. Afia bem a tua faca, enquanto vou à procura das companheiras que me ajudaram a trazer.

ELIAZAR (*Com ar irônico*) Será algum boi? Essa história de amolar facas!...

LIA — Nada de bois, vacas ou carneiros. Basta dizer-te que levei tempo a organizar a festa. Adeus. Até já. (*Sai*)

ELIAZAR — Que irá ela fazer? Mas, se não fossem suas surpresas e partidas, o que seria de nossa vida? (*Ouvem-se gritos: leva, puxa! Lia entra com os pastores puxando uma grande abóbora*)

LIA — Vocês parecem sem forças. Eis aqui a surpresa. Confessa, Eliazar, que em tua existência nunca viste coisa mais bela. Como é muito grande e pode nos fazer mal, corte uma talhada para cada um dos companheiros que me ajudaram a trazê-la (*Eliazar corta uma talhada e uma galeguinha sai de dentro, causando-lhe grande susto. Todos batem palmas.*)

GALEGUINHA — (*Dando um salto*) Ufa! Qui caloire! Se eu soubesse que aquele estopoiere fosse tão quente, não havia promessa de festa nem de dinheiro que me fizesse lá entrar. E meu Manuele? Onde está meu Manuele (*Todos riem*) Ah! Estão rindo? Espero ali qui faço isto viraire uma-bagunça. (*Corre e agarra um pau*)

LIA — (*Procurando acalmá-la*) Não te aflijas. Já mandamos chamar teu Manuele.

GALEGUINHA — Não quero sabeire mais de nada. Por qual dos lados me trouxeram? (*Pausa*) Ah! Não quiere me dizere? (*Aflita*) Manuele! Manuele! Onde está meu Manuele?

ELIAZAR — O teu Manuele ficou lá atrás com os pastores, contando as suas façanhas.

GALEGUINHA — Ah! Vocês estão pensando que ele num é curajoso? Pois, pois, olhe, vou mostrare como ele é verdadeiramente curajoso. Uma vez nós vínhamos numa estrada, cumprida, cumprida, cumprida!

RUTE — Encurta esta estrada.

GALEGUINHA — Num mim interrompas. Cumprida...

LIA — Ainda...

GALEGUINHA — Cumprida, cumprida!

ELIAZAR — Ipa! Ainda?...

GALEGUINHA — Quando lá no finzinho Manuele avistore uma raposa. Sabem o qui ele fez? Armou-se duma curagem, deu uma carreira, trepou-se numa árvore e começou a gritaire: Maria! Maria! Maria! Curre também qui eu cá estore!... Biram?

GALEGO — (*Entrando*) Estoire murto! Estoire murto! Mas, olha, Maria, eu ainda num estoire murto ainda!

GALEGUINHA — Manuele, Manuele! Quem te mandou matare? Quando, Manuele, dize logo.

GALEGO — Quando Deus e Nosso Sinhoire quisere. Eu hoje estou murto mais é de cansado...

GALEGUINHA — Raios te partam estopoire, pois, eu já estava pensando onde encontraire outro galeguito para marido! (Dá as costas e o Galego apronta-se para bater-lhe. Lia evita a pancada, segurando-lhe o braço)

LIA — Vamos acabar com isto que o dia está se passando e é preciso aproveitá-lo. Tudo passou. Vamos rapaziada, formem os cordões e vamos ouvir os galegos cantarem.

TODOS — Lia. Queremos Lia. Lia é quem deve cantar.

LIA — Calma, calma. Farei suas vontades, porém com uma condição que logo depois declararei. Serve? Aceitam?

TODOS — Aceitamos

ELIAZAR — Um momento. Vou buscar aquela guirlanda. Quero ver-te cercada de flores. (*Sai*)

LIA — Vamos castigá-lo pela sua ausência? Não quero que apareça um só. Trepem como macacos, escondam-se por detrás das árvores, depois entrem. Já sabem?

TODOS — Concordamos.

ELIAZAR — (*Entrando*) Nem um só. Esta pequena me põe de cabelos brancos! (*Estende a guirlanda*) Que estará ela fazendo? (*Lia entra com os companheiros de vez*)

LIA — Senhor dos madrigais!

ELIAZAR — Que susto!

LIA — Querias então que ficássemos caladinhas. Precisamos nos distrair.

SARA — Vamos à canção prometida.

ELIAZAR — (Pra Lia) Vingativa!

TODOS — A canção! A canção!

(*Lia senta-se no balanço e canta*)

ELIAZAR — Bravíssimo! (*Todos batem palmas*)

GALEGUINHA — Repita! Repita!

SARA — Viva a querida Lia, o rouxinol destes prados!

TODOS — Viva!

LIA — Agora cumpram com a promessa. Todos têm que se comportar bem e acompanhar o nosso casal de galegos. (*Para os galegos*) Já cantei. Chegou a hora de vocês tomarem parte na nossa festa, antes da partida. Peço para dançarem e cantarem alguma coisa lá da terrinha.

GALEGUINHA — Ora, para mim é um grande prazer. Eu pago para dançaire um sarapico, porém eu vou avisaire: os dois cantarão e eu e o Manuele dançaremos. Serve?

GALEGO — Olhe lá, Aninhas, tu não te requebres muito que ainda estou zonzo.

GALEGUINHA — Eta goseire duma figa! (*Cantam: O Amore é uma Fogueira*) — Estou tão comobida qui o curaçon está aqui nem um motoire em disparada.

TODOS — Viva os galegos! Viva os galegos! (*Palmas*)

GALEGUINHA — Mas olha, Manuele, agradece por mim os aplausos

GALEGO — (*Tempera a garganta, ajeita-se bem e diz*): Meus sinhoires e minhas senhoras! (*Pigarreia*). (*Os negros entram*)

NEGRO — Cala tua boca, Galega espevitada!

NEGRA — Ah! Vocêis iam simbora sem isperá pru nós, hein?

ELIAZAR — Não, meus bons pretos, pois temos ainda que esperar por Mitarra, que ficou de vir.

NEGRO — Há pouco tempo a vi passar apressada. Ah, cigana bonita!

LIA — Aí vem ela.

MITARRA — (*Entrando*) Bom dia, pastores. Não esperava encontrá-lo mais aqui.

ELIAZAR — Agora mesmo estávamos a perguntar aos bons pretos se não a tinham visto por aí.

MITARRA — É que eu estava à procura de minhas companheiras para levá-las.

LIA — Ótima idéia! Conheces a ladeira dos jacintos?

MITARRA — Muito. De lá temos tristes recordações.

LIA — Pois bem, como a estrela se movimenta e não podemos perdê-la de vista, iremos andando e faremos nossa segunda jornada neste lugar.

MITARRA — Combinado. (*Cantam: Já Nasceu o Salvador. Saem cantando e Mitarra ouve uma voz chamando: Mitarra! Mitarra!*) Quem me chama?

MENSAGEIRO — É o mensageiro de Herodes, que vem te oferecer ouro para executares um belo plano

MITARRA — Fala e veremos

MENSAGEIRO — Conheces esse Messias de quem tanto se fala?

MITARRA — Não, mas espero em breve conhecê-lo

MENSAGEIRO — Não te deixes levar pela lábia dessa gente. É um povo fanático. Aceita o ouro que te trará felicidade.

MITARRA — O ouro nunca me trouxe felicidade. Enfim, que queres?

MENSAGEIRO — Herodes te oferece uma boa fortuna para exterminares esse impostor.

MITARRA — Matar um inocente? Nunca! Pensará ele talvez que à custa de ouro comprará uma cigana? Nossos punhais só se tingem de sangue na defesa da honra, da verdade e do amor.

MENSAGEIRO — Pois bem. Ele não te pede. Ordena. Segue os Magos pelos caminhos ocultos e, descobrindo o Messias, leva-o morto pelo teu punhal. Se o plano fracassar mandará matar todas as crianças até dois anos e tua cabeça passará pelo gume afiado da espada.

MITARRA — Vai, Mensageiro, e dize ao teu Rei que decidirei depois de consultar as cartas.

MENSAGEIRO — Adeus. Não te esqueças da princesca recompensa. (*Sai*).

MITARRA — Que farei? O ouro fascina-me! E o Messias? As palavras daquele Anjo ainda ressoam em meus ouvidos. Verei agora o que dirão as minhas cartas. (*Senta-se no chão, espalhando as cartas*). Se um outro rei estrangeiro e feroz tentar subjugar o meu povo, teria a honra de libertar-me mas, destruir uma criança porque promete um reino de piedade e amor? Nunca! (*Olhando as cartas*). Eis aqui dois reis. Ao lado do primeiro há sinais de crueldade, triunfo, riquezas, morte, desgraça. Ao lado do segundo há sinais de humildade, pobreza, morte, triunfo. Como se difere o destino dos dois soberanos! Um tão preso às glórias da terra, para terminar nas trevas da dor. Outro, pobre, tão simples, morrendo pela humanidade, para terminar em triunfo! Verei o que mais dirão as minhas cartas. Eis a dama de ouros! Sob sua guarda está um rei. Este ás de copas indica ausência. É mulher ausente. Mãe! Sob sua guarda estão muitos soldados. Agora, verei só a minha sorte! (*Espalha as cartas, ajoelha-se, levanta o punhal, com expressão de coragem e com os olhos fitos nele, diz:*) De ti, lâmina de aço, que simbolizas a nossa coragem, depende a minha sorte! A minha vida ou a vida de um inocente! A virtude ou o crime! A bênção da felicidade ou o castigo da maldição. (*Solta o punhal*) A sorte da cigana está lançada. Que haverá? O punhal não feriu nem uma das cartas. A mais próxima é a dama de espadas. Eu encontro um desconhecido... Verei as cartas do outro lado. Eis: riqueza, ouro, desengano, coragem, paz, felicidade. Este ás de paus indica que continuarei a ser sempre o que sou: cigana, tocando pandeiro e correndo terras. (*Apita. As outras ciganas entram*) Vamos, queridas companheiras, acabo de consultar as cartas e elas me protegem.

MICAS — A tranqüillidade volta aos nossos corações, querida Mitarra. O semblante torna-se mais alegre. Nossos pandeiros continuarão a vibrar em honra de tua coragem e do teu canto. Em nossa tenda haverá sempre a alegria do teu conselho e do nosso canto.

MITARRA — Cantemos então. (*Cantam: Vamos Alegres e Pressurosas. Ao terminar o canto fecha-se a cortina.*)

III° ATO

(*Os pastores, galegos e negros, a caminho de Belém, entram cantando: Vamos Assim a Caminho de Belém.*)

LIA — Vejo que o canto te agrada e a solidão te aborrece. Devemos reunir mais alguns companheiros para nossa peregrinação e deixar que apanhem mais flores. A harmonia da cor e do perfume dá à nossa alma a ilusão da felicidade.

ELIAZAR — A ilusão é o perfume da realidade e a realidade é a própria vida e eu quero, Lia que sejas feliz.

LIA — Ainda não sei se existe a felicidade, que me falas. Espero ouvir uma cigana para que me abra os olhos para a vida. Sinto uma dúvida dentro de mim, mas espero que a cigana desvende este segredo.

ELIAZAR — Vamos, Lia, é tarde. O teu segredo é a inquietação de todas as mulheres. Procura entender-te a ti mesma e compreenderás melhor a voz do coração. Já se faz tarde e nós devemos nos por em marcha.

NORA — Um momento ainda. Podemos ouvir os nossos bons negros.

LIA — Perfeitamente. É o tempo talvez que Mitarra chegue. Vamos, cantem alguma coisa que possamos acompanhá-los. (*Cantam: Quando eu Tava Drumindo*)

MITARRA — (*Entrando com as outras ciganas*) Que a aurora vos traga bênçãos, ó pastores! Sei que me fiz esperar demais. Vim por caminhos ocultos, consultando o segredo das flores, a ternura dos regatos e a luz das últimas estrelas. Lia pediu-me que mostrasse seu segredo e por isso vim peia estrada.

LIA — E que tem a minha vida com a vida das coisas encantadoras que encontraste?

MITARRA — Tenho a impressão que o destino da mulher é feito, às vezes, pelo brilho das estrelas, que têm medo do fulgor do sol ou da ternura dos regatos que vão, perdidos, se lançarem ao mar.

LIA — Não tenho medo do destino, cigana formosa. Tenho ânsia de felicidade. Não sei qual caminho seguir. Lê minha mão e vê se meu destino é igual ao sonho que tive ontem.

MITARRA — Este é o teu mal, Lia. Os sonhos de moça variam com o estado da alma em desejos ocultos no coração. No entanto, a felicidade vive dentro de nós mesmos e não na fantasia.

ELIAZAR — Eu bem que te disse, Lia, que a flor que vive em um só canteiro ou em uma só mão não morre, nunca envelhece, sorrindo, eternizando-se na beleza o perfume e da côr.

MITARRA — (*Lendo a mão de Lia*) Tens uma linda curva que denota saúde e beleza. Para ela convergem-se muitos traços pequeninos.

LIA — Mitarra, tuas palavras me espantam e ainda não me falaste da linha do coração.

MITARRA — Lia, tua linha do coração ainda não se definiu. É vacilante e incerta, no entanto, a cruzinha ao lado indica que já achaste aquele que te quer. A linha se afasta em ziguezague como se mostrasse a tua inquietação em querer e não querer, como se estivesse à procura de um meio maior.

LIA — Mas eu não procuro ninguém, minha boa cigana.

MITARRA — Por enquanto és apenas vacilante e nisto está teu receio e tua inquietação. Agradece a Deus tua beleza e lembra-te que a beleza da alma é a única que não morre.

LIA — Parece-me que ainda não acordei para a vida. Se a minha beleza for a causa da minha inquietação, não quero ser bela. Em Belém, minha cigana, poderei encontrar a verdadeira beleza da vida.

ELIAZAR — Medita um pouco nas palavras da cigana e descansa teu coração. Partamos para Belém em busca das bênçãos do Céu.

(Cantam: Partamos Todos Para Belém.)

IVº ATO

Cenário: O presépio. Todos ajoelhados em adoração cantam: Hosanas. Levantam-se depois e cantam Noite Feliz em forma de bailado pastoril.

ELIAZAR — As nossas adorações já fizemos. Antes que voltemos às campinas, em danças pastorís, graciosas meninas, vamos dar os presentes que trouxemos *(Cantam: No Campo Nós Colhemos Flores, e o canto final: Ó Que Saudades Que Temos.)*

Letras das músicas cantadas na OPERETA PASTORIL:

CANÇÃO DA FLOR

1)

ELIAZAR

Que felicidade
Ter nos encontrado
Entre as flores deste prado
Iremos juntinhos
Cantando sozinhos
A Canção da Flor
Que simboliza o amor

LIA

A vida é um sonho
Tecida de ilusão
Que nos embriaga o coração
E vamos neste sonho feliz
Relembrando o tempo de petiz.

MITARRA

A pobre desta cigana
Vos deseja boa sorte
Uma suprema ventura
Pois para ela resta uma boa morte
Uma vida de amargura

LIA

Esquece todo o passado
Vem conosco alegremente
A cantar por este prado
Pois a vida é toda cheia de encanto
E devemos abafar o nosso canto.

ELIAZAR

A Canção da Flor
Nos traz felicidade
E nos embriaga de saudade

LIA

Tu não te recordas
Daquele lindo dia
Que uma vida nova
Para mim sorria.

ELIAZAR

e

LIA

A vida é um sonho
Tecida de ilusão
Que nos embriaga o coração
E vamos neste sonho assim
Relembrando o tempo tão feliz.

CANTO DOS GALEGOS

2)

O amor é uma fogueira
Braseiro pra vida toida
Os moços ardem nas brasas
As moças bailam nas rodas

Menina, tira o chinelo
Menina, descalce a meia
E vem acender o braseiro
Panquecas prá minha ceia.

3)

JÁ NASCEU O BOM MENINO

Já nasceu o Salvador
Que o céu nos enviou
Enviou raios de luz
De brilhante esplendor
Glória, glória a Jesus
Já nasceu o Deus Menino
O nosso Salvador
O Redentor Divino.

4)

CANTO DOS NEGROS

ELE

Quando eu tava drumindo
Coitadinho, lá no chão
Eu tive um sonho lindo
Tá-li-quá uma visão

Assombrado com o que vi
Me deu um tá tremô
Ele dizia prá eu ouvi:
Já nasceu o Salvadô

Estrilho

tocado pelos pastores

Vamos, meus negros animar nossa jornada
Com vossos cantos alegrar a batucada
Que já é tarde e o dia foi embora
A noite está chegando e não pode haver demora.

NEGRA

Ele doido de contente
Com a sua assombração
Vai dizendo alegremente
Vem fazê tua oração

De rezá veio a corrê
Preta véia já cansada
Num pensa mais em morrê
Vai seguir sua jornada

5)

TODOS A BELÉM

Partamos todos prá Belém
Todos com muita alegria
Para ver um Deus Menino
Jesus, filho de Maria

Alegres são os campos
Quando vêm o sol nascendo
E o gorgoeio saudoso
Do pequeno rouxinol

6)

HOSANAS

Hosanas! Hosanas!
Já nasceu Jesus.
Um DEUS pequenino
Hoje veio à luz
Vinde ver na lapa
Um Deus Menino
Hoje veio à luz
Hosana! Hosana!

7)

NOITE FELIZ

Noite feliz! Noite feliz!
Ó senhor, Deus de amor
Pobrezinho nasceu em Belém
Eis na lapa, Jesus nosso bem
Dorme em paz, ó Jesus (*bis*)

Noite feliz! Noite feliz!
Eis que no ar vem cantar
Comos pastores os anjos do céu
Anunciando a chegada de Deus
De Jesus, Salvador. (*bis*)

8)

NO CAMPO NÓS COLHEMOS FLORES

No campo nós colhemos flores prá Jesus
Alegres vamos ofertar, eis a luz
De brilhantes fulgores nos conduz
À lapinha, a adorar, a Jesus Deus Menino
A beleza destas flores nos seduz
Para viver e sonhar
Vamos alegres bailar
Levando flores singelas
Para a Lapinha enfeitar

Temos bugarís e tulipas
Cravos e rosas e flores mil
Todas são belas, perfumadas,
De cores vivas, delicadas,
Todos por nós foram apanhadas.

9)

O CANTO DAS CIGANAS

Vamos alegres e pressurosas
Nessas estradas cheias de rosas
Sempre cantando com alegria
Neste gorgueio assim termina o dia

Estrilho

Vibrantes são os pandeiros
Tocados por todas nós
Eles falam às nossas almas
Extinguem a dor mais atrás

Eis-nos aqui com alegria
Cantando enfim com harmonia
A nossa vida tem mais encanto
Com a beleza deste nosso canto

Vamos mostrar como ciganas
Que temos bom coração
E que também somos capazes
De uma ardente oração

10)

A CAMINHO DE BELÉM

Vamos assim à caminho de Belém
Para ver se é nascido a Jesus o nosso bem

Estrilho

Vamos todos jubilosos, todos com fé e alegria
Adorar o Deus Menino, o filho de Maria.

Somos pastores e queremos Jesus
Ele é o nosso Bem e deve ser nossa luz

Cheios de fé, caminhamos a cantar
Assim vamos a Belém para Jesus adorar.

11)

CANTO FINAL

Ó que saudades que temos
De deixar a gente amada
Mas por força partiremos
Vamos ver nossa morada.

Adeus, José, adeus Maria!
Jesus de paz, nosso Bem
Já cumpriu-se a profecia
E o mundo seu Deus já tem

DE DITADOS E EXPRESSÕES POPULARES

Há uma infinidade de ditados e expressões populares, os mais diversos e interessantes, cheios de espírito, com grande dosagem filosófica. Às vezes, um ditado nasce de uma pilhéria, de um encontro original, de uma coincidência. Outras vezes, nasce de um acontecimento social, político ou esportivo, contanto que, dentro da piada, exista a sabedoria nata da alma popular. Contudo, é necessário que seja do agrado do povo.

Tomemos, por exemplo, o ditado muito usado no Vale do Açu:

É de lascar o caíco.

Caíco é o nome de um peixe do mar. Ele possui a originalidade de ser escamado e tratado através do lombo, e não pela barriga, como geralmente são tratados todos os peixes, causando tal fato muita hilaridade entre os pescadores. É de pouco valor comercial. Daí, o motivo, quando alguém comete algum ato não muito recomendável: *É de lascar o caíco.*

Observemos a sabedoria nos ditados:

Ruim que só casa de pobre em fins de semana.
Doido que só pedra de funda.
Escondido que só orelha de freira
Sofre mais que suvaco de aleijado
Bom que só caldo de galinha em cama de hospital.
Ruim que só a moléstia. (*Mal*)
Ruim que só a peste
Sofre que só Bidora

Esta expressão surgiu pelo fato de Bidora, um cidadão comum, que viveu no Vale do Açu, ter matado um delegado. Pagou caro o seu crime, sendo muito maltratado na prisão.

Continuando:

Está mais melado que pincel de pintor
Folgado que só colarinho de palhaço
Vá bater carteira na Luísa! (*roubar*)
É o cão! (*levado da breca*)
Vá para a baixa da égua
Não pode não? (*resposta malcriada*)
Não deixa não? (*ameaça*)
Quem é que se importa com isso?
Nem vem que não tem!
Não quero nem saber!
Com o rabinho entre as pernas (*desconfiado*)
Dorme como gato em bica (*tranquilo*)
Foi como água em fervura
Cautela e caldo de galinha nunca fizeram mal a ninguém
Parece um abade (*próspero*)
Está comendo um galo (*raiva*)
Quem tem rabo de palha não toca fogo em palheiro
Com um olho fechado e outro aberto (*na expectativa*)
Dois dedos de prosa (*conversa*)
Uns gatos pingados (*pouca gente*)
Aí é que a porca torce o rabo (*dificuldade*)
Não tem vivalma
Fulano é ruim, o cabelo ajuda e os pés empurram
Magro como espeto de virar tripa
Pode tirar o cavalinho da chuva (*desilusão*)
Eu disse, ela chorou
Eu tenho um desgosto disso:
Nem te ligo, bicho:
Depois que nós vai, depois que nós vorta.
Nem peleje que é pior
Ai, como não quero assim!
Boniteotó!
Vou levando
Ai, meu papagaio!
Me leva de azul!
Como vai a obrigação? (*família*)
Diga sua graça (*nome*)
Não vale um cruzado
Joguei cobra deu veado, faz que olha de encarnado
Joguei cobra deu peru, faz que olha de azul (*paquerás*)
Ai, quem me dera!
Continue querendo
Só sabe cheirando

Nem doeu! (*macriação de menino quando apanha*)

Não quero nem saber quem botou pé na bananeira,
quem deu polimento em barata, nem quem desafiou Macha-
do de Assis

Vai furtar . . .

Quem quer leite, nenê?

Não quero nem saber quem pintou a girafa

Num adianta piscá qui num vorto (*paqueras*)

Não quero saber o que o jacaré põe. Eu quero é a
[*ninhada*].

Nem pensa não, que é pior

Eu sou eu, Jacaré é um bicho

Não sei se caso ou se compro uma bicicleta

Sai do meu pelo;

Sai da frente, atrás vem gente!

Trupica, nega;

Malandro é o gato que come peixe sem ir à praia

Sapato de pobre é tamanco

Bambolê de pobre é pneu de FNM

Pobre vive de teimoso

Correu com a sela (*fugiu*)

Sofre que só pé de cego

Não dá um prego em barra de sabão

Lugar de sapo é na lagoa

Sai de mim, abacaxi, que eu tomei leite

Quem serve de escora é portal

Quero ver quando ficar taludo (*quando crescer*)

De pequenino é que se torce o pepino

Espinho quando tem de picar, de pequeno traz a ponta

Gaitada (*risada*)

Está roliço (*gordo*)

Espelho sem luz (*pessoa desastrada*)

Vi com esses olhos que a terra há de comer
(*veracidade*)

Pela luz que nos alumia

Defunto não espirra

Se quiser me engolir eu abro os braços

Bunda de Mochila

É feio como as três noites de escuro

É feio como doença do mundo

E a vaca foi pro Brejo (*o inevitável*)
Fulano é um chato
Fulano dá azia em Sonrizal
Só quer ser as pregas de Quelé
Só quer ser 31 de fevereiro
Só quer ser o boné da gata
Virou boné (*anarquisou-se*)
Dá dor de barriga em cavalo de pau.
Está como cobra que perdeu o veneno (*aperriado*)
Está cuspiendo bala (*enraivecido*)
Está com a gota (*ira*)
Fervendo de raiva
Amarelo de medo
Verde de inveja
Roxo de raiva
Ponto de bala
Deixa estar, jacaré! (*Você me paga!*)
Quando o sol se cravou no céu (*escondeu-se*)
Água de pote (*coisa sem graça*)
Nem é carne nem é peixe
Tomou água de chocalho (*fala muito*)
Cochilou, o cachimbo cai
Cabra cabreiro (*desconfiado*)
Cabra macho
Arranca toco (*valentão*)
É um ferrabrás
É um frangote
Cheirando a leite (*muito jovem*)
Não tirou ainda a catinga do mijo (*precocidade*)
Enfronhado (*bem vestido*)
Tem quengo (*inteligente*)
Coisa das Índias (*dificuldade*)
Na boca das esperas (*espectativa*)
É um cavalo ferrado (*bruto*)
É um cavalo batizado (")
Boca de siri (*boca fechada*)
Pegar o sol com a mão (*acordar cedo*)
Estou me esquentando (*ficando com raiva*)
É uma quente (*moça namorada*)
É um purgante de sena
Conversa mole pra boi dormir
Conversa fiada

Vender o peixe (*negociar*)
Matreiro (*trapaceiro*)
Moça donzela não come cebolas
Canário de uma só muda (*aquela que veste uma só roupa*)
Só quer ser a gata do Lindolfo (*muito querido*)
Entra no ouvido e sai no franzido
Parece que tem um espigão (*irritado*)
Cara de lua cheia
A barra vem quebrando (*amanhecer do dia*)
É um maná (*coisa boa*)
Quem não tem cão caça com gato

Em tudo a sabedoria popular se faz presente. O ditado acima referido comprova.

Na Ponta Grande há um menino que caça com gato. Leva o seu bichano para o mato, na caçada de preás. Quando o Chanino pressente o roedor, seus olhos de lince o atingem e, num pulo espetacular, aprisiona o bichinho. Se este é de tamanho regular, ele o sustém com miados, avisando assim ao amigo caçador. Se, ao contrário, o preá é novinho, pequenino, “dentes pra que te quero?” Devora-o, feliz, como saboroso repasto.

Em se tratando ainda de preás, recebi a visita de uma antiga mestra americana, do Instituto Gammon de Lavras, Minas Gerais. Viera diretamente dos Estados Unidos para o Brasil. Quis proporcionar-lhe alegres momentos, mostrando-lhe nossos costumes etc. Leve-a à feira. Logicamente, tudo a admirava e a encantava, pela originalidade regional. Viu, em uma barraca, uma ruma de preás empilhados. Seguiu-se o diálogo com o vendedor:

- Que é istoóó?...
- É preá
- É ratas
- É preá

- É ave?
- É preá
- É pintas?
- É preá
- É coelha?
- É preá...
- É pataa?
- É preá...

Vim em socorro dos interessados. Expliquei que era uma caça das mais apreciadas do nosso sertão.

No Vale do Açú usa-se muito a expressão — basta!

Há uma infinidade de usos, os mais interessantes:

- Que me diz do nosso candidato a prefeito?
- Basta:... (*Não vale nada*)

A força de expressão deste vocábulo está na entonação da voz. É um longo baaaasta. Vejamos

- Maria vai se casar com o Miguel...
- Baaaasta!... (*não se casará jamais*)
- Sabe que o José vai comprar um carro?
- Baaaasta: (*nunca*)

Em se tratando de morte, existem as expressões:

Bateu o loro
 Abotoou a casaca
 Vestiu roupa nova
 Foi para o arisco
 Quebrou o relho
 Deu o pira
 Esticou as canelas
 Esticou o cambito
 Virou a capela do olho
 Foi para o Gabinete Eterno

Queimou o fusil
Envelopou
Empacotou
Embarcou
Cufou
Pifou

E ainda os ditados:

É mais fácil levar um bruto ao mourão do que um ignorante á razão

Vontade dá e passa
É besta que só chapéu de sol de galego
Está animado que só pinto novo em merda
Está folgado que só palito em boca de banguela
Bom que só chinelo velho em pé inchado

DE COMPARAÇÕES ESPIRITUOSAS

Cara de cachimbo cru
Olho de vaca laçada
Sobrancelha de caboré
Cara de mamão macho
Queixo de graviola
Pescoço de garrafão
Olho de pitomba
Venta de telha emborcada
Espinhaço de olaria
Pé de promessa
Bigode de arame
Cabeça de bater sola
Boca de bisquara
Perna santa
Bunda de tanajura
Boca de ninho
Boca de chupar ovo
Cara de milagre
Chapéu de sol enrolado
Arroz doce de pagode

Carrapeta doida
Vaqueta de espingarda
Caneco amassado
Cururu de goteira
Cururu inchado
Cabelo de espiga de milho
Prego dourado
Maracujá de gaveta
Fecha comércio
Desertor de cemitério
Papangu de quaresma
Cara de areia mijada
Ovo de guiné
Ovo de capote
Pé de rebolo
Pé de lancha
Carranca de portão
Boca de moela
Barriga de soro azedo
Papada de tejo
Cabelo de espeta caju
Cambito de sabiá
Beijo de gamela
Pestana de porco ruivo
Pau de enrolar tripa
Cabelo de areia com mel
Unha de peba
Olho de cabra morta
Dente de preá
Orelha de abano
Venta de tucano
Saca de lã
Calunga de botica
Testa de carneiro mocho
Cara de lua cheia
Venta de bezerro novo
Cabelo de pimenta do reino.

DE FATOS PITORESCOS, SENTIMENTAIS E DRAMÁTICOS

Camilo Bezerra foi um grande patriarca do Baixo Açu. Residia na Fazenda Alemão. Ali, na paz bucólica dos verdes campos e carnaubais distantes, conseguiu alicerçar uma família à base da honra e do dever. Admirável o sentimento de fraternidade desta família. Os primos são como irmãos, os tios são pais, os pais são avós, num entrelaçado de primos, netos e bisnetos do velho patriarca.

Camilo dizia sempre aos filhos que, ao morrer, não queria ser enterrado no Rosário, um lugarejo perto da fazenda, profetizando que aquilo ali seria cama de baleia, pelas constantes enchentes do rio Açu.

Aos 92 anos o velhinho falece e, por um motivo superior, teve que ser enterrado naquele lugar.

Sebastião, um dos filhos, ficou muito impressionado e pediu à Nossa Senhora que lhe mostrasse em sonhos o pai, para saber se ele estava satisfeito no além.

Nas tertúlias familiares da Casa Grande, Camilo Bezerra deleitava os descendentes, tocando rebeca, seu instrumento preferido, o qual tocava com maestria.

Certo dia, Sebastião sonha com o velho pai cantando e acompanhando na rebeca a canção:

**“Eu vi minha terra sumir-se ao longe
por trás da mangueira veloz se ocultar.
E com um lenço de longe eu ia acenando
e o barco velando nas ondas do mar.**

.. .. .
.. .. .
.. .. .
.. .. .

**Deixei minha terra, meu prado, meu monte,
deixei o horizonte, me pus a cantar
e com um lenço de longe eu ia acenando
e o barco velando nas ondas do mar”**

Pouco tempo depois houve uma grande enchente e acabou com o povoado, inclusive o cemitério, levando tudo nas águas revoltas do velho rio Açú.

Completando o drama, Marina Bezerra, uma neta do velho Camilo, escreveu à sua amiga: "Veja, Corina, é duro. A enchente levou os ossos de Mamãe e do Vovô Camilo".

* * *

Certo cidadão do Açú, folheando uma revista, viu um anúncio da "*A Saúde da Mulher*". Nele apareciam três lindas meninas, com trancinhas, que anunciavam: "Mamãe mandou dizer que ficou boa com "*A Saúde da Mulher*". O Fulano de Tal recortou o anúncio e o enviou ao laboratório com os seguintes dizeres: "Então diga à sua mãe que eu vou lá de noite".

* * *

Luís Tavares conversava com João André. Cada qual queria contar mais valentias e lorotas. Luís Tavares dizia: "Olha, João, se eu desse um tapa em tua cabeça, ela saía matando gente no meio da rua." Ao que respondeu João: "Pois eu, Luís, te dava uma peixeirada tão grande, que passava pelo buraco de teu fato".

* * *

João de Papai, o famoso vate do Vale do Açú, certa vez, já bem alto das muitas "chamadas" de "Pitu", deu com os costados em uma barbearia, e não vendo ali ninguém, sentou-se na cadeira do barbeiro e deu um cochilo. Acordou, sobressaltado, e viu-se num espelho como se fora um Cristo. E o diálogo começou:

— É Jesus Cristo?

— Sim — respondia balançando a cabeça, sério e carancudo.

— Conhece João de Papai

— Sim — afirmava o pseudo Mestre

— Perdoa João de Papai?

— Não — respondia o imaginário Jesus Cristo

— E não perdoaste Madalena, a pecadora? — Perguntava com uma ponta de revolta na voz.

— Sim — respondia o Cristo

— E não perdoaste também o Bom Ladrão e os seus algozes?

— Sim — sério, respondia Jesus Cristo

— Perdoa, agora, João de Papai?

— Não.

— Pois então, bufas para você! Tome! Tome e tome. E quebrou, o espelho.

Como se sabe, tempo de eleição é também tempo de exploração. Aparece de tudo, inclusive uma *epidemia eleitoral*, isto é, a doença que ataca o eleitor às vésperas da eleição. É um Deus nos acuda para atender a humanidade. Se o candidato pode com o tombo da jogada, a vitória será garantida. Ao contrário, quando seu pedido é negado, o eleitor se vingará votando no adversário. Fato consumado e verídico.

Os pedidos são os mais extravagantes. Há quem peça:

Um vidro de conforto (*fortificante*)

Remédio para comida que ofende (*que fez mal*)

Um tubo de pimbacilina (*penicilina*)

Remédio para as amigas inflamadas (*amígdalas*)

Uma nota para *distrair* um dente (*extrair*)

Dinheiro para pagar a promessa que fez para o seu candidato ganhar.

Certa vez, às vésperas da eleição, chegou um eleitor à casa de um candidato, pedindo uma chapa. O candidato, pressuroso, foi ao seu gabinete e voltou com uma chapa, mostrando como ele deveria votar, onde colocar o *xis* da vitória. O eleitor, sabido e desinibido, explicou: "O senhor está enganado. Eu vim buscar é a chapa dos dentes".

DE AVES E CIA. LTDA.

O sertanejo adora todo bicho de penas, a começar pelas penosas de pescoço pelado, galos de briga, patos, marrecos, perus e paturis.

Se estas aves proporcionam apetitosos e deliciosos pratos nas festas de aniversários, casamentos e batizados, ao sertanejo sempre liberal e comunicativo em suas festas, também demonstra o seu gosto e alegria pelas aves canoras, de grande variedade no Vale do Açu.

Talvez, a ave que mais lembre o sertão seja a graúna, pela perfeita integração ao seu "habitat". É a prima.dona dos verdes carnaubais. Do alto das "copernícia cerifera" comanda o espetáculo, com seu canto selvagem e harmonioso. É um pássaro muito apreciado. É conhecido em outras regiões como o pássaro-preto, arranca.milho, talvez devido aos seus ataques à lavoura. Adora escavar a terra e retirar dela o milho, o trigo, o arroz plantado. Os pastores de vazantes, geralmente crianças, declaram-lhe guerra, nas arapucas armadas, nos alçapões de talos de trigo, com espantalhos de mulambos e latas velhas, e nas primitivas fundas. Quando as aprisionam, coitadinhas! Furam.lhe os olhos e as soltam ao léu, com palavras maldosas e irônicas, num gesto infantil de inconseqüência e maldade.

De graúnas há estórias a contar. Quando a ave é retirada do ninho, torna.se domesticável, mansinha, e une.se à família com um filhinho de penas, pretinho, muito querido. Faz as refeições à mesa, gosta de cafunés, tornando.se, desta forma, muito querida.

É bem comovente a estória de Terezinha, uma santa mulher, que por muito amar, muito sofreu. Sempre havia lágrimas em suas pálidas faces. Terezinha possuía uma graúna de muita estima. Pousava.lhe nos ombros, dava.lhe gostosos cafunés com seu biquinho curioso do caminho dos cabelos. Quando percebia lágrimas nas faces da bondosa ama e senhora, curiosa as bebia, uma a uma, silente e solidária, no estranho afeto que as unia. Certamente, o pássaro apreciava o sabor amargo da dor.

A graúna é uma ave muito inteligente. Aprende a falar, imita outros pássaros e vozes humanas. Havia uma que chamava pelo *Feróis*, açulando-o com latidos e pela Novata, uma vaca, imitando a toada da voz do vaqueiro nordestino.

Não apenas as graúnas imitam vozes humanas. O corrupião ou corrupio, concris ou sofrê, é outra ave linda do sertão. É a mais melodiosa voz das caatingas. Sua cor vai do amarelo ao alaranjado, com estrias pretas. Seu gorgoejo é uma cascata de sons. É um pássaro manso e simpático, alegre e comunicativo, quando é retirado também do ninho. Temos em casa um que se chama Pipiu. Abaixo, junto a crônica que me inspirou. Ao seu lado, no viveiro, vive um canção, belo pássaro selvagem. Gosta de dar risadas, balançando-se, todo, imita outros pássaros e é sentinela do terraço. Quando há estranhos por perto, dá sinais.

No Vale são comuns: os galo-de-campina ou cabecinhas-de-fogo, muito queridos das crianças. O papa-arroz é preto com o peito vermelho. O pintassilgo dá "shows" musicais em qualquer lugar. Os canarinhos da terra voam em bandos, amarelinhos e lindos. Quando aprisionados, são expostos em praças e jardins, como canários de briga, havendo grandes apostas de seus donos. Há ainda os mimosos golinhas, de trinados sonoros, os bentivis, papa-sebos, casacas-de-couro, sabiás brancos e gonguês, sibites, anuns, carões, bacurau. Estes dois pássaros já entraram no folclore, nas previsões de chuvas. O bacurau, que é também conhecido como curiango, ibijaú, mede-léguas e noitibó, é objeto de muitas crendices. Sua pena serve para curar dor de dentes e, quando colocadas entre a manta e a sela, aprumam o cavaleiro, a ponto de não deixá-lo cair. Quando o carão canta é o telegrama das chuvas. O tetéu é muito falado nas conversas sertanejas. Assunto de cantadores. Dorme muito pouco, por apoiar-se, apenas, num pé. Quando dá um cochilo, lógico que cai. Leva o susto e dá o grito de alarme. Quando alguém tem insônias, diz-se que é um tetéu.

Na família dos granívoros há uma infinidade de pombos, os mais variados: pomba-rola, pomba-roxa, rola-cabocla, rola-sangue-de-boi, rolinha, cascavelinha, fogo-pagou ou fogo-apagou, rolinha carijó, asa branca ou pomba trocal ou trocaz ou jacaçu. Há quem as confunda com a rola-pedrês.

Os pombos são o símbolo da paz e inspiram poetas e pintores. São lindos e mansinhos. Há ainda as juritis, hamburguesas, que têm um canto triste e lúgubre. Eu possuía duas, lindas e mansinhas. Quando abria a porta do viveiro, elas vinham cantar em meus ombros. Um amigo, ao vê-las assim, me disse: "Você está em estado de graça!" Sorri e disse: "Amém".

Há ainda os pombos-de-leque, de origem francesa, os pombos-correios, raros na região. São pombos mensageiros, de origem antiquíssima. Já eram domesticados antes de Cristo. Eles possuem o sentido do estereognóstico, de rumo, incompreensível para nós.

Como "coveiros do céu", os urubus comuns, carcarás, gaviões de serra, de aruá, de rapina. Apesar dos pesares, os urubus são aves que gostam de seus banhos de sol e de rio. As corujas são comuns no Vale. Adquirem nomes: coruja-peba, coruja de igreja, caboré de orelha, que é uma coruja pequena. Seus pescoços podem mover-se à vontade, e seus olhos são enormes. No Brasil há mais de trinta variedades de corujas. Há os rasga-mortalha, mocho ou corujão. O sertanejo teme o seu canto e mata-as, sempre que pode. Considera-a ave aziaga, prenunciadora de desgraças e mortes. São usadas em magias negras e feitiços, e diz-se que, quem come carne de coruja, advinha o futuro. Seus grasnados apavoram o sertanejo. No entanto é o símbolo da sabedoria desde a antiguidade grega. Também se diz dos pais que não veem defeitos ou feiura nos filhos.

Margeando as lagoas e rios temos as aves pernaltas, garças pardas e brancas, colereiros com a sua plumagem rósea, as garças cinzentas, patos selvagens, marrecos, paturis, cavaleiros-de-ovelha, galinhas d'água, lavadeiras, mergulhões, socós-boi e socós-mirim, putriões, jaçanãs, maçaricos, carões, etc.

Temos ainda os simpáticos João-de-barros, catapirras, pica-paus, arapongas, beija-flores e rouxinóis. Felizmente, os pardais não se lembraram ainda do nosso Vale. Aonde vão arrasam tudo. Os azulões de côr marinho e penas brilhantes

são também o terror dos vazanteiros. Não poderíamos encerrar este capítulo, sem falar nos alegres e comunicativos papagaios, da família dos psitacídeos, havendo no Brasil mais de 76 espécies. No Vale há uma grande variedade. São comuns as alegres maracanãs, baitacas ou maitacas, vulgarmente conhecidas por maritacas, cujos bandos provocam uma algazarra medonha. Há os encantadores periquitos e verdilins ou papa-us. As doninhas-do-mato são as mesmas maitacas. Há as curicas e catirras ou periquito-santo e os famosos periquitos australianos que se adaptaram bem no Vale. Estas aves, de plumagens as mais variadas, já entraram no anedotário popular. Há uma infinidade de anedotas, às vezes, impróprias.

Certa vez, um matuto foi à casa de um compadre e lá viu uma linda criação de periquitos australianos. Perguntou: "Compadre, qual é o nome deles?" Respondeu: "O nome deles, Compadre Augusto, é periquito australiano." O velho matuto, olhando para os lados, pôs a mão na boca, e disse com cuidados: "Compadre, fale baixinho, pode ter menino por perto."

* * *

PIPIU

Os seus ancestrais, de asas e plumas, de agigantadas árvores ornitológicas, deveriam ter sido os mesmos do famoso Janjão, o mais patriota dos pássaros do Brasil. Ele saúda a Pátria Amada, logo ao amanhecer do dia, quando a aurora, surgindo do leito colorido do Cosmo, sorri à eterna luz.

Janjão, alegre como o sol, põe a funcionar a massa cinzenta de sua cuca de pássaro, entoando, eufórico e feliz, o mais belo e melodioso Hino Nacional que se possa ouvir.

Pois bem, o Pipiu deve ser primo do Janjão. Se um nasceu em São Paulo do Potengi e bebeu das águas do lendário rio o outro, viu a luz primeira do alto dos verdes carnaubais do Vale do Açu. Logo ao nascer, foi retirado do ninho e mãos carinhosas deram-lhe papinha pelo bico e o criavam soltinho dentro de casa. Nessas condições, Pipiu se transformava em pássaro-gente. Ficou sendo o filhinho colorido de penas, a alegria de quem o adotou. Senta-se à mesa à hora das refeições, pinota entre pratos e talheres e mete o bico curioso à procura do “que é isso?”, bebe água, refrescos e se alimenta de frutas, leite e mel. Percebe sorrisos ao redor e olhos de infância encantados com o irmãozinho-pássaro. Sabe quando o chamam: Pipiu! Pipiu! E o bichinho sabido, ouvindo tudo, integra-se à família. Seus gorgeios dizem de sua alegria de ser amado. Já sabe o seu nome e o repete todo instante, para a euforia da petizada. O mais interessante é que é muito popular. A criançada do Açu o conhece, pelas fugas espetaculares e “shows” de melodia que dá na praça pública, lá no alto das mogumbeiras da Praça Getúlio Vargas.

É um Deus nos acuda, quando o Pipiu foge de casa. Menino aparece como em desenho animado, e se ouve por toda parte: Pipiu! O Pipiu fugiu! Uns sobem árvores, outros gritam: “lá está ele!”, os vizinhos chegam às portas e janelas, os transeuntes param, e todos perguntam “o que foi, o que não foi”. Nada. Apenas o Pipiu que está lá em cima da árvore e não quer descer. Os pais adotivos juntam-se à meninada, apreensivos com os bichanos, estalando os dedos, tornando-se meninos também. “Pipiu, desce! Desce, Pipiu!” Dizem: “Quem pegar o Pipiu ganhará uma nota. “Aí a praça se transforma numa pista esportiva das mais originais. Quando surge o herói, com o pássaro na mão, há os que se regozijam e os que não sabem perder: “daquele jeito eu também pegava.”

Afinal. Pipiu agora está em casa, e como um castigozinho irá para o viveiro. Sua volta à prisão é sempre motivos de alegres cantatas. Graúnas, azulões, canários e cabecinhas-de-fogo o cumprimentam, num festival de vozes. A princípio,

Pipiu se espanta, depois, ciente de suas travessuras, se põe a beliscar a quem dele se aproxima e, não resistindo aos muitos agrados e sorrisos ao redor, começa novamente a chamar: Pipiuuuu! Pipiuuuu! Pipi!...

DE CARNAÚBA

A carnaúba tem no Vale do Açu o seu legítimo “habitat”. Tem ainda sua história a contar no folclore regional.

Centenas de milhares de “copernicia cerifera”, também cognominada *Carandá e Árvore da Vida*, tingem de verde os horizontes cor de fogo do Vale.

A carnaúba é uma palmeira de porte médio, frequentemente encontrada nos solos de aluvião. Suas folhas são em forma de leques, cujas bainhas formam panículas longas. O fruto é adocicado. De suas folhas é extraída a cera, principal produto do Vale.

Não tanto no presente, mas no passado, quando os processos da extração da cera eram muito rudimentares, o folclore estava presente nos cortes da palha.

Nos cortes dos carnaubais, sempre há um *arrendeiro* com suas turmas de *cortadores* (os que cortam as palhas) de *tangerinos* (os que ajuntam a palha), de *burreiros* (os donos dos burros que transportam a palha), de *despinhadores* (os que retiram os espinhos dos talos), de *molheiros* (ajuntadores de molhos), para cada molho, 25 palhas. Há ainda os *cozinheiros* (os que cozinham o pó), os *rancheiros* (os que preparam a comida para a turma) e os *aguadores* (os que levam a água), e os *estendedores* (os que estendem a palha no chão para secar). É um trabalho insano o corte dos carnaubais. A chuva é o terror dos arrendeiros e proprietários, pois, se a palha for molhada, o prejuízo é certo.

Há um caso interessante a contar.

Juca Siqueira, morador da Fazenda Itu, estava cortando um carnaubal. As palhas já estavam estendidas nos estaleiros para secarem. Armou-se uma chuva, e esta não espera por ninguém, nem pede licença para chegar. Caiu violenta em cima do estaleiro do Juca. Este, enfurecido, pegou no rifle e pôs-se a atirar nas nuvens. Disse: “Pode cair, danada, mas você leva tiro”.

A parte mais atrativa do corte da carnaúba estava no batimento do pó. As palhas, depois de secas ao sol, eram levadas para as *empanadas*, que constavam de barracas cobertas de lona por todos os lados, do teto ao chão. Ali dentro eram colocadas as *trinchas*. São garfos para desfiarem as palhas secas. Os garfos ficavam presos a um banco e os batedores batiam a palha entre os seus dentes, e o pé caía todo no chão. O batimento era sempre feito na calada da noite, quando o vento dormia. Das empanadas, o pó era levado para os armazéns a fim de ser cozinhado.

Enquanto o vento soprava, as noites eram animadas com cantorias, danças e conversas ao luar. Sob os olhares e setas de Cupido, tornavam-se as empanadas festas muito queridas do povo.

É muito complicado o cozinhamento do pó. Este é colocado com água, em imensas tachas de zinco ou cobre, sobre um fogo intenso. Ao passo que vai fervendo, a cera derretida sobe e vai escorrendo por uma biqueira, caindo em depósitos de barro, de zinco ou madeira. Ali fica a cera até esfriar, de onde é ensacada. A borra que fica no fundo da tacha, ainda passa por uma prensa, e dali, para os buracos. Desse restolho de borra há muitas histórias interessantes, muitas pilhérias. Apareciam os compradores. Os negócios sempre são feitos no terraço da Casa Grande, ao balanço de redes e muitas xícaras de café: “Doutor, eu quero comprar o seu buraco”. Outros diziam: “O buraco do Doutor é muito caro”, não vale o preço. E o Doutor bem humorista, respondia, entre sério e sorrindo: “Amigo, se quiser é assim. Só vendo o meu buraco por um bom preço”.

Hoje são outros os processos. A carnaubeira perdeu o seu reinado. As máquinas substituíram as empanadas, dando fim às serestas. O tempo é quem manda no tempo. Tudo mudou. Agora, só as máquinas, que às vezes impiedosas, devoram mãos calosas, suadas.

Se a carnaúba — a Árvore da Vida — se dá em vida, morta, dá-se muito mais. Da raiz à palha. Dela tudo se apro-

veita. Ótima para construções. Sua madeira ao ar livre é muito resistente. A raiz é medicinal, os frutos bem apreciáveis. Dos talos se faz *çaçóas* e são também aproveitados para os cavalinhos de pau das crianças. Da palha nasce uma indústria. São esteiras, cestos, espanadores, vassouras e chapéus. São expostos nas feiras, em obras de artesanatos, que mãos operosas trabalharam.

Os chapéus falam alto, no alto da cabeça. Dizia um compadre a outro, no mercado, retirando o chapéu e apontando o céu: "Compadre, com Aquele lá de cima num quero conversa. Eu boto os meus juêio no chão e me curvo to-dinho".

* * *

A CARNAUBEIRA

De J. Natanael de Macedo

Neste sertão de hercúleos habitantes,
Nesta nesga de terra hospitaleira,
Ergue as trêmulas palmas vardejantes
A rica e majestosa carnaubeira.

Mesmo aos raios de sol mais causticantes,
Ela, virente, mostra-se altaneira,
Secular como sempre e como dantes,
Dando a aparência esbelta da palmeira.

Seus leques dão um pó igual ao de ouro;
Seus frutos são de um gosto adocicado,
E tudo é bom no vegetal tesouro.

Ó homem, conserve esta árvore tão nobre,
Que, morta, vive ainda no sobrado,
E na choupana rústica do pobre.

Hoje, a carnaubeira está fadada a desaparecer.

Com a desapropriação do Vale do Açu, o Governo Federal está implantando uma nova estrutura política e social nesta região.

Morrerá a Árvore da Vida para dar vida a outras vidas. Será extinta do Vale do Açu.

O presente chora a sua morte.
O futuro dirá do seu sacrificio.

DE DANÇAS E DE FOLGUEDOS

Nas danças populares temos:

O xote, o côco, o baião, o xaxado, a quadrilha.

Essas danças são tocadas em festas de casamento, aniversários, batizados, vaquejadas etc.

O povo chama a essas danças de *valsas*. Todas do gosto popular, sendo o xote uma das mais preferidas, nos alegres forrós ou fobós. Essas festas são, geralmente, acompanhadas de muita cachaça e jogos de cartas, em rifas de perus gordos e cevados. Não é raro “apagaro o candiêro e derramaro o gaiz”, quando há ciumadas ou desentendimento entre cavaleiros, ao receberem um *fora* das damas ou uma *canelada*.

As quadrilhas só são dançadas nas festas juninas, generalizada de norte a sul do país.

O côco e o xaxado são muito apreciados pelo arrastado gostoso dos pés, e o baião, muito querido, lembra a alma sertaneja cantando. É o preferido dos forrós.

Forró é uma corruptela de forrobodó. É uma festança, um arrasta-pé animado, com bebidas e comilanças. Pitu e galinha torrada, carne assada com farofa etc. Podemos dizer que os forrós são os bailes do povo. São muito apreciados, como complemento das festas políticas e sociais, em comícios, casamentos, aniversários, batizados, principalmente na zona rural, onde têm o seu reinado.

São muito organizados, principalmente em se tratando de complementar uma rifa de um carneiro gordo ou cevado. O jogo é o chamarisco da festa. Há uma sala especial, onde o freguês compra as fichas e vai arriscar na sorte a perna de um carneiro ou uma costela gorda de porco. O bacará é, geralmente, o jogo mais usado. Jogam dez, doze de cada vez. Os que vão perdendo dão margem a outros que vão chegando. Dificilmente o animal rifado sai para uma só pessoa.

Na sala principal ou no terraço, ao ar livre, o forró vai animado, como um saboroso aperitivo musical. A alegria reina absoluta. Cavaleiros e damas enlaçam-se em atitudes românticas e sensuais, nos arrasta-pés de côcos e xaxados, de sambas e baiões. Dança-se também a popular marcha, porém o xote é o rei do salão. Há pares que dançam tão bem, quê, muitas vezes, ficam sozinhos na sala, no rebolado prá lá e prá cá, marcando firmes, o estilo e o compasso, com passos elegantes, encantando a todos os foliões.

É ali, nas horas de folguedo, que o sertanejo põe em prática a sua filosofia: “Nóis sofre, mais nóis goza”.

A orquestra é composta de muitos instrumentos: cavaquinho, banjo, sanfona, violão, tarol, pandeiro, triângulo, cuíca, tamborim.

Seus componentes são famosos pela vocação musical. Dentre eles, das centenas que existem por todo o Vale, com suas características pessoais, temos:

Tusé. É um aleijadinho, feio que só a moléstia. É o dono do cavaquinho; Zé Rato, que Deus o tenha na glória! Tinha uma voz fanhosa, de taquara rachada, era alegre e comunicativo; Neco de Leocádio — gordo e barrigudo, alvo, olhos azuis é o arranhador da sanfona; Vital é um negrinho que de branco só tem os olhos. Toca pandeiro; Nico, irmão de Vital, da família do negro Julião que, no dizer do cantor Alípio Tavares, empestou a Ponta Grande de africanos; Neco de Izidoro é o “limão de cheiro” das meninas, o tuxáua, o play boy, dono do violão. Tundinha é o Menino de Ouro da orquestra, um prodígio de menino, de voz e ritmo admiráveis. Apesar de criança, já é adulto em vivências.

Certo dia resolvi sentir de perto o *mel* desses forrós. Convidei várias amigas e lá nos fomos, ao lado dos nossos *santinhos*, a um batizado na Serra da Capivara, que se limita com a nossa Ponta Grande. A turma de Ipanguaçu se fazia presente, um pouco desconfiada das imprevistas companhias. O xote começa a gemer na sanfona. O meu velho, sem ao menos pedir licença, vai tirar a moça mais bonita do salão e, todo sorridente, se esbalda nos rebolados. Relanceei os olhos

e vi o Buca, o neto do velho Julião. Aproximei-me: “Rapaiz, vamos dançar esse xote?” Ele, encabulado, (ora, a dona da Casa Grande) respondeu, achando graça: “Embora, Dona.” No meio do salão nos encontramos. Disse-me o velho: “Logo esse negro, muié? Tanto cabra bunito no salão! “Respondi: “Não faz mal. ninguém dança melhor do que o Compadre Buca”.

Nem sempre os forrós terminam em paz. Quando o cavaleiro leva uma *canelada* (fora), é motivo para uma confusão. Não raro, aparece a peixeira, acompanhada de gritos histéricos de mocinhas assustadas, correrias com o fecha-fecha dos cabras-machos. A essas alturas, as meladinhas e chamadas de Pitu puseram muito sangue a ferver.

Luiz Gonzaga retrata, muito bem, um forró, na música:

“Apagaro o candiero, derramaro o gaiz,
eu nesse côco num vadeio mais...”

Não é só o povo da zona rural que aprecia os forrós. Os granfinos da cidade, também. Meu marido tem um repertório inesgotável.

Certa vez, convidou seu amigo, Epifânio Barbosa, para um forró na Serra do Cuo, aqui no Vale. Ali chegando, tomaram “umas e outras”, da famosa Pitu, para esquentar as orelhas, no próprio linguajar do Epifânio, cuja vida é um verdadeiro dicionário do folclore regional. Disse-lhe: “Epifânio, vou arranjar uma moça para você dançar. Garanto que vai ficar satisfeito”. Não se demorou muito e trouxe-lhe uma cabocla alta, gorda, muito simpática e risonha. Ao vê-la, Epifânio, dando-lhe o braço, foi dizendo com sua voz aberta e pausada. “Esta é de peito e anca! Parece as éguas manga-larga da Picada!”

Em outro forró levou seu amigo Carvalho, sem que a esposa o soubesse. O forró era na Cajazeira, em nossa propriedade. Ali chegando, trataram de tomar uma *cipoadá* de Pitu. O baile animado, com muita moça bonita. Carvalho, já bem

alegre, pediu a Nelson, que lhe trouxesse uma *cavaleira*. Este, muito familiarizado com o ambiente, chamou de lado uma senhorita e lhe disse: "Olhe, eu vou comprar ali fora, no boteco, uns vidrinhos de cheiro e vou lhe entregar a um *cavaleiro*. Quando ele estiver muito animado, você despeje o perfume todo na cabeça dele". Tudo certo, Carvalho solto na dança, abraçava, feliz, a companheira, quando então, despejou três vidros de "Dirce" em sua cabeça. Carvalho percebendo o cheiro e sentindo-se impregnado do maldito perfume, exclamou: "Matou-me! Como vou dizer à Berta?"

* * *

Arapuá é um lugarejo de Ipanguaçu. Naquele dia haveria um grande forró em casa de um amigo. Nelson convidou Osório Fonseca para acompanhá-lo (eram um par de colchetes). Osório, sonso e solto, já bem *alto*, dançava enlevado um baião, quando percebeu, espantado, que a cavaleira havia desmaiado em seus braços. Nelson, bem perto, ouviu o chamado aflito do amigo: "Rapaiz, me ajuda, que a moça desmaiou". Nisto vem chegando o pai da moça, cara fechada, em atitude de defesa: "Que é isto? O que foi que aconteceu com mia fia? "Nelson disse: "Desmaiou, Compadre". E Osório, amarelo e aperriado, desculpando-se: Eu tava dançando até frouxo! . . ." O velho esfregou um pedaço de fumo do Brejo no nariz da filha e ela, voltando a si, foi dizendo: "Pai, foi um tontura que me deu".

* * *

Certa noite de espera de gado, quando os vaqueiros se reúnem para pegá-lo, lá na Ponta da Salina, havia um forró.

Lá estavam os pares de colchete: Nelson e Osório Fonseca, Segundo Mestre, um velho amigo e divertido, de fala vagarosa, pronunciando em aberto as vogais, e o alegre e extrovertido Giovani Xavier, naquele tempo, Juiz de Ipanguaçu e outros. Quando ali chegaram, o fole já roncava sua voz fanhosa e a moçada dançava satisfeita da vida.

Os *cavaleiros* animaram-se com o baião, cada um escolhendo a mais bonita. Encostado na parede, a olhar a festa, só Segundo Mestre não dançava. Nelson, sempre fazendo das suas, pediu a moça com quem dançava que tirasse o velho Segundo e lhe fizesse uma expressiva declaração de amor. Tudo certo, convite feito, lá se vai Segundo Mestre, feliz a dançar nos braços da moça, cheio de sorrisos e cuidados. A certa altura a moça se declara, como boa aluna de um bom mestre. Segundo, espantado com a súbita declaração, responde cheio de brios: “Não moça. Esse negócio de amor é com João, meu fio.”

* * *

Antônio Tavares era um proprietário do Cuó, grande vaqueiro, muito popular, figura imprescindível nas grandes festas e vaquejadas do sertão.

Organizava, sempre, forrós em sua casa, ao pé da serra que dá nome à região. . . Nelson e sua turma da pesada — os melões-de-cheiro das populares festas — eram os primeiros convidados a chegar. Rui Soares era outro *pé de ouro* que acompanhava a turma. Geralmente, era o Rui o encarregado de servir as bebidas. O quinado para as velhas e guaranás para as jovens. Quando se aproximava a meia-noite Rui, com um copo na mão e a garrafa na outra, olhava para Nelson e perguntava: “Amigo velho, está na hora de *enxaropar*?” (*Enxaropar* é um termo usado por vaqueiros para se dar xarope ao gado, que consta de uma mistura de benzocreol, água, alho e limão. Esses ingredientes são colocados em garrafas. À hora de ser aplicado, o vaqueiro coloca a boca da garrafa na boca da rês, despejando o conteúdo.) Nelson, sempre o *tuxáua* dos forrós, confirma com a cabeça e Rui, ao passo que ia colocando a bebida no copo, alegre e risonho, oferecia, “Um golezinho, minha velha, um guaranazinho, senhori-ta”? A essas alturas, o baile se animava, e as velhas, gostando do *xafurdo*, ficavam até o fim da noite com suas lindas fi-linhas. Desta forma, os cavaleiros conseguiam as suas intenções de ir a festa até alta madrugada. Rui deu uma *chamada* tão forte a uma velha, que ela se engasgou. Deu uma tossida tão forte, que a dentadura voou no meio do salão. Foi a nota cômica a velha e os foliões a procurarem a dentadura pelo chão.

Outro forró em Caiçarinha, sítio perto do Itajá, do Município de Ipanguaçu. Lá estava, firme, a turma da pesada e, dentre eles, Pedro Lino, o vice-prefeito e Manoel Argimiro, um valoroso amigo da região da pedra. Este digno cidadão é a imagem viva do sertanejo: alto, forte, voz grossa, moreno, corajoso e grande humorista. Contava que ainda não havia encontrado alguém que o derrotasse na queda de braço, um esporte machista, muito usado no sertão. Gosta de contar ao meu filho que muito o admira, suas proezas hercúleas em mesas de bar.

Naquele dia, ele estava no tal forró e lá pelas tantas houve um sururu a espalhar gente por todos os lados. Nelson perguntou-lhe: "O que é que há, Argemiro?" E Argemiro respondeu: "Aqui não há nada não, Doutor. Não se preocupe. Eu nunca dei um bofete no pé do ouvido dum cabra, para não ver a sola do sapato."

DE CRENÇAS E REZAS POPULARES

O povo crê. Crê em tudo, no inferno, no purgatório, no paraíso. Crê em Deus e nos castigos eternos, no cão (Satanás) com seus malefícios e poderes, o que levou, certa vez, um cidadão do Açu, muito espirituoso, a dizer: "Tirem o cão da Igreja que ninguém mais vai ali rezar. O povo só vai à Igreja, porque tem medo do Diabo.

Aos domingos, o povo passa, fervoroso, rumo à Matriz. Os santos falam alto na crença popular. Há romarias organizadas ao Joazeiro do Norte, ao Canindé. Vai, ali, pagar promessas ao milagroso santo de Assis, vai à cidade do Padrim Cícero levar a sua oferta para o santo milagroso. Os fiéis vão a pé, de carro, em caminhões apinhados de adultos e crianças. Há outros santos reverenciados. São Cosme e Damião, São Jorge, São Benedito, — o santo do meu marido. Diz ele que por ser um santo desocupado, qualquer pedido é um tiro na testa. Atende logo. Santa Luzia é muito respeitada por ser a padroeira dos cegos. Ninguém trabalha no seu dia, com receios de perder a visão, no dia 13 de dezembro. Ainda de um dia 13 é o milagroso Santo Antônio, o santo casador. Há muitas crenças populares, justamente às vésperas do seu dia — 12 de julho, durante as festividades juninas: facas fincadas nas bananeiras, à meia-noite, mostram a letra da pessoa com quem se vai casar. Da mesma forma enrolam-se papeizinhos com as letras do alfabeto e são colocados num copo d'água. A letra que se desenrolar mostrará a inicial do futuro esposo ou esposa. Nesse dia, e no dia do padroeiro da cidade do Açu — São João Batista, — fogueiras são armadas em frente às casas, em todas as ruas, dando um aspecto místico e telúrico à cidade. Há quem chame o padroeiro de São João do Carneirinho. O dia 29 de junho é muito festejado também, por ser o dia de São Pedro — o Porteiro do Céu — Fogueiras são acesas também e, ao calor do fogo, os fiéis dão a maior demonstração de fé. Pessoas se reúnem para ver alguém pisar sobre brasas e não se queimar. Sinal de fé inabalável. Tive a oportunidade de ver Cícero, o nosso vaqueiro, fazer essa demonstração, e, sob risadas e apupos, sair, aos gritos, com os pés sangrando. Segundo os entendidos, explica-se o *milagre*, no abanar das brasas. Estas devem estar bem acesas, sem as cinzas que provocam a queimadura. Nesse dia,

há a cerimônia das compadricas. O afilhado aparece e, afilhado e padrinho, dão três voltas em torno da fogueira recitando os versos:

“São Pedro disse
São João confirmou
Que vou ser seu padrinho (*ou afilhado*)
Que Jesus Cristo mandou.”

É uma cerimônia séria. Bênçãos e abraços selam o ato.

Se há uma percentagem muito expressiva de católicos apostólicos romanos que conservam as tradições, o povo, contudo, não pode fugir às suas origens do amálgama da “flor de três raças tristes”, que lhe foi inculcado no medo das superstições, no uso de patuás e bentinhos, no exorcismo dos candomblés, em terreiros de macumba, no uso de incenso, perfumaria e ervas que se afastam as forças poderosas do *malino*.

Para se livrar de tão terrível companhia, o povo crê nas rezas fortes. Há uma infinidade delas. Vejamos algumas:

ORAÇÃO FORTE

“Quinta-feira Pilatos prendeu Jesus.
Sexta-feira cravou-o na cruz.
Tremeu a terra, tremeu a cruz,
Só não tremeu Jesus.
Assim não tremo ao ver meus inimigos.
Olhos terão, não me verão.
Boca terão, não me acusarão.
Mãos terão, não me ofenderão.
Pés terão, não me seguirão,
Ando com Jesus Nazareno
Dentro do meu coração.”

ORAÇÃO A SÃO ROMÃO

“Deus te salve Santa Cruz
E a São Romão coroadado
Assim como é certo
Que vós deixastes vosso corpo em Roma
E a cabeça em São Romão
De cães danados,
E por danado de homem vivo, e o perigo
São Romão sejais comigo”.

ORAÇÃO PARA AS NECESSIDADES

“Quando Deus andou no mundo,
O Pai Eterno lhe deu poder.
A Virgem lhe deu fala
Para o que quisesse fazer.”

Em seguida se reza o Pai Nosso.

ROSÁRIO DE JESUS, MARIA E JOSÉ

Reza-se 15 Pai Nosso e 150 Ave-Marias.

No intercalamento dos mistérios, ao chegar no Pai Nosso faz-se a seguinte invocação:

Que é a minha luz? — É Jesus
Quem é minha guia? — É Maria
Quem é o padroeiro maior? — É o Senhor São José.
Pois assim verdade é.
Por vós chamo, rogo e grito:
Valei-me neste conflito
Jesus, Maria e José.

DE ALIMENTAÇÃO E SEUS DERIVADOS

Se, no dizer de Euclides da Cunha, “o sertanejo é antes de tudo um forte”, a que atribuir tal afirmativa? A resistência física e moral do sertanejo, diante das condições climáticas e sociais que o envolvem, ou à sua alimentação e origem?

Considero a alimentação uma condição muito forte na sua formação.

Apesar de o homem ocupar um lugar à parte na natureza, suas características anatômicas e psicológicas o colocam entre os mamíferos superiores.

Se os animais irracionais tornam-se feras, alimentando-se de carne, a carne também atinge o homem na sua formação psíquica e anatômica. Sua condição de ceifar vidas para alimentar-se, ser um veículo entre o corpo que precisa ser alimentado e a vida que precisa ser sacrificada, enrijece-lhe o espírito e o torna embrutecido. De sua condição de ser carnívoro provém, certamente, uma das fontes de sua fortaleza de espírito e rigidez de caráter.

O sertanejo alimenta-se de carne bovina, suína, caprina e ovina. Da caça, aprecia as carnes de tatus, preás, veados, camaleões, patos selvagens, marrecos, avoantes e paturis.

Geralmente, o sertanejo possui o seu chiqueiro de porcos, cabras e galinhas. Cuida dos seus bichinhos de estimação. É com voz animada e sorrisos de satisfação que, nas feiras, oferece os seus perus e capões engordados pelo bico com milho-trigo (*sorgo*) e o milho amarelo (*milho comum*). Nas festas de batizados, casamentos, os perus, pernas cruzadas e papos recheados, saciam a gulodice dos convidados. É muito comum rifa para fins comerciais, ao som de viola e cantadores, sorteando, no baralho, capões, perus, carneiros e porcos.

Numa festa de batizado, cantou o Alípio Tavares, um dos maiores cantadores do Vale:

A este divertimento
Minha vida se origina
É ver entre sogro e genro
União santa e divina,
Fazer parte também
Do tal capão de Belina

A carne assada é um dos alimentos mais apreciados dos sertanejos. Ela pode ser preparada de várias formas: assada no espeto, na brasa, no forno, em cozidos, picados e paçocas. Adquire sabor especial em cada preparo. Assada, é servida com farofa de manteiga ou de leite. Cozida, com pirão de farinha. As paçocas são saborosíssimas, pisadas nos primitivos pilões, com muita cebola, farinha e tempero verde. Seu complemento é a banana.

A feijoada é também muito apreciada, com feijão da terra, preto ou enxofre. Leva um mundo de ingredientes: jerimu, toucinho, carne seca, maxixe, macaxeira e temperos verdes.

O feijão verde é outro tipo de alimentação regional. Seu caldo, de grande valor alimentício, é rico em ferro e proteínas e é servido com manteiga de garrafa.

Com a carestia, a carne é hoje alimento de luxo, sendo o seu consumo quase privilégio da classe alta.

O sertanejo contenta-se em ver as mantas nas pedras dos mercados, comprando apenas uma pontinha para temperar o feijão.

Portanto, a alimentação básica do sertanejo consta de farinha, rapadura e feijão. Com estes três alimentos ele atravessa o tempo. Ainda usa, em abundância, a batata doce, alimento rico em proteínas, carboidratos e vitamina A. É usada com leite, para fazer bolos e doces. Substitui o pão na mesa do pobre. Há três variedades de batata doce no Vale: a de polpa branca, também chamada de Angola ou Terra Nova. A de polpa amarela, muito doce, e a parda, com veios roxos avermelhados. É conhecida no nordeste como: vermelha ou coração magoado. Há ainda a de polpa roxa, muito apreciada para doces com leite de coco.

Seria bom que o povo adquirisse o costume de comer as nutritivas folhas, não só da batata doce, como também de outros vegetais, como folhas de cenouras, quiabo, beterraba, rabanete, uva, jerimu, urtiga e bambu. São comprovadamente de bom paladar e possuem considerável valor vitamínico e mineral.

O feijão e a batata doce são geralmente plantados em vazantes, em solos de aluvião, ricos em humus e várias matérias fertilizantes. Adaptam-se muito às várzeas.

O trigo ou sorgo é outro alimento admirável do nosso Vale. De crescimento rápido é geralmente plantado no solo dos rios e lagoas ou em terrenos irrigados e, após noventa dias, é certa a produção. O vigor de suas folhas e cachos é impressionante. Tanto as folhas do trigo como as da batata doce são forrageiras de alto valor.

Caso curioso é como o trigo ou sorgo veio a ser cultivado no Vale: d. Marola Caldas, da linha dos nossos antepassados, moradora em nossa atual fazenda, recebera de Portugal um caixote de louças. No fundo do mesmo, encontrou algumas sementinhas, e, curiosa, resolveu plantá-las. O trigo é, pois, oriundo da curiosidade da veneranda senhora nordestina.

Ele é muito usado para alimentação de aves e animais. É muito apreciado pelas donas de casa no preparo de saborosos cuscus com leite e nata. Pilado e cozido, é milagroso num regime de engorda para homens e animais. Nas vazantes, os meninos pastoreadores do trigo se alimentam do mesmo, ainda zarolho, (*verdoso*) de grande valor nutritivo torrado, em alguidares de barro.

O milho amarelo é outra fonte de alimentação. Nas invernadas, o homem do campo olha com orgulho e carinho os seus cercados verdejantes e promissores. Quando começa a embonecar, é com impaciência que espera o dia de saborear o gostoso grão, assado ou cozido. Assado na casca, torna-se ainda mais saboroso. Com milho muito maduro, prepara-se o cuscus, ralando-o e cozinhando-o. O milho verde está intimamente ligado à alegria do sertanejo, porque, quando se

fala em milho verde, pamonha “é sinal que a chuva chega no sertão.” As mesas são fartas de mugunzás, cangicas, que muito agradam o paladar do sertanejo.

Há verduras em abundância. A safra do tomate é contínua, nunca faltando nos palanques armados, em canteiros suspensos, os temperos verdes e plantas medicinais.

Há uma variedade enorme de frutas, frutos sadios e gostosos: laranjas, limões, mangas, cajus, mamões, melões e melancias, doces como mel. Ainda temos deliciosas pinhas, graviolas e cajás e seus primos perto: cajarana, cajá-imbu, cajá-manga e umbus. São gostosas e ótimas para refresco.

DAS FESTAS DO PADROEIRO E DAS VAQUEJADAS

O Padroeiro da cidade do Açu é São João Batista — o Precursor de Cristo.

A Igreja promove, em sua homenagem, as festividades folclóricas, que se realizam nos nove dias que antecedem a data oficial: 24 de junho.

Cada dia do novenário é dedicado a uma classe social. Antecedendo a festa, reuniões na Casa Paroquial fazem a pauta que consta dos nomes de pessoas responsáveis pelas festividades com a programação de cada dia.

A Igreja é um belo bloco todo branco, de sóbrias linhas, centro de toda movimentação religiosa. Um palanque é armado na Praça da Matriz, em frente à Casa de Deus.

O povo se agrega em torno do templo.

Depois da novena, que é oficiada ao ar livre, diante de uma multidão, há os fogos de artifício, balões que sobem ao som de foguetões e banda de música. Em seguida, no palanque oficial, ao som das fanfarras, a comissão da noite entrega o “ramo”, que consta de um ramo de flores, como abertura da cerimônia, a comissão do dia seguinte. A essa entrega sucedem-se discursos alusivos ao ínclito Padroeiro e à Igreja.

As classes sociais escolhidas para cada dia são, respectivamente, as seguintes:

- Primeira noite — dos estudantes
- Segunda noite — das crianças
- Terceira noite — dos casados
- Quarta noite — dos funcionários públicos
- Quinta noite — dos pobres
- Sexta noite — dos comerciantes
- Sétima noite — dos motoristas
- Oitava noite — dos bancários
- Nona noite — dos vaqueiros

Cada classe deseja sobrepujar a outra. A classe que apresentar maior rendimento à Igreja terá o Padroeiro como hóspede, com a maior honraria, em casa de um dos componentes da comissão vencedora.

Há retretas, às cinco da manhã e ao meio-dia, com bombas e foguetões.

As vaquejadas são o ponto alto da festa. Vaqueiros estilosos amanhecem na cidade, desfilando coragem e elegância nos melados, baios, alações, que espelham o cuidado e o amor de seus donos para com o seu inseparável amigo. O vaqueiro ama o seu cavalo. Este soneto de Firmino Leite retrata muito bem este sentimento:

Numa atitude humilde e rogativa
O vaqueiro se inclina ante o mourão,
Dizendo em comovente narrativa
A dor que lhe crucia o coração.

Na fazenda o senhor não quer que eu viva.
É sua, pertence-lhe, tem razão.
E nisso uma lágrima furtiva
Lhe desce pela aba do gibão.

Mas eu lhe peço que me faça um gosto,
Pelo bem de seus filhos, pela dona,
Por todo o amor que eu sei que tem a ela:

Me diga o que quiser, cuspa no rosto,
Mas não deixe vaqueiro desta zona,
No cavalo cardão botar a sela.

Os vaqueiros reúnem-se em determinado lugar da praça. Dali, em cavalgada, tendo à frente a Rainha da Vaquejada, rumam-se para o campo, no alto da cidade, onde o esporte pitoresco é praticado, à semelhança das famosas touzadas.

Há o palanque oficial, com alto falante. Os membros da comissão, muito bem organizada, revezam-se nos horários e nas ordens. Ao lado, o curral, o mourão e os corre-

dores. Dois a dois de cada vez, cavalos e vaqueiros estão prontos para a corrida vertiginosa. Da porta do curral, uma rês sai em disparada, sob os aplausos da multidão. Os dois cavaleiros imprensam a rês na corrida e um deles segura o rabo do animal e o enrola na mão. O cavalo, sentindo a rês segura, "abre" a carreira e o touro ou novilho cai ao impulso da carreira. Geralmente, cada queda é seguida de aplausos, banda de música e de tambores. Laços de fita colorida são troféus nos braços dos cavaleiros que, sorrindo, acenam adeuses e mostram, orgulhosos, a ferida nas costas das mãos, que o rabo da rês cortou no atrito.

As taças e os prêmios são as emoções do vaqueiro, porém o prêmio maior, a cicatriz, é a sua melhor lembrança da grande festa.

No grande pátio, os barracões, os fobós, onde a cachaça é a rainha soberana dos xotes e baiões. A esses forrós o povo apelidou de rela-bucho.

DE ÁRVORES ARBUSTOS E DE SUAS UTILIDADES

A flora de nossa região é muito rica e resiste, heroicamente, às condições climáticas que, periodicamente, assolam o nosso sertão.

Quem não conhece o "habitat" das nossas árvores duvida que cumarus, marmeleiros, juremas, mulungus e variedades mil dos arbustos e capins, desnudados no período das secas, possam novamente reverdecer num toque de mágica da natureza, quando caem as primeiras chuvas das estações invernosas.

Durante o ano, temos, apenas, duas estações distintas: o inverno, que abrange os meses de janeiro a junho, e o verão, denominado o período das secas, que vai de julho a dezembro. Nesta época, a paisagem é desoladora. O verde se mostra, apenas, nas altivas carnaubeiras e nos decantados juazeiros, famosos, através da música popular. É uma árvore muito simpática, apesar dos espinhos. Dá um frutinho amarelo e adocicado. Quando chega o Natal, ele se reverdece todo, motivo pelo qual o sertanejo diz que o juazeiro está se vestindo para receber o Menino Deus. Suas folhas são medicinais, servindo para males do estômago e, da raspa do seu tronco, misturada à água, resulta um bom sabão para uso doméstico e queda dos cabelos.

Outras árvores que não se deixam abater pelos raios inclementes da estrela do dia:

OITICICA

É a mais imponente das árvores do sertão. Árvore secular, nasce geralmente nas várzeas e terras de aluvião. Sua sombra agradabilíssima é lenitivo constante para os animais e viajantes cansados. Seu fruto é de grande valor comercial, pela grande percentagem de óleo finíssimo que produz, comparável ao de tungue. O povo usa o fruto como vela. Daí, o apelido de *vela do pobre*, pois basta acendê-lo que sustenta a chama até se findar.

QUIXABEIRA

Esta árvore lembra a jaboticabeira, pelo tamanho, formato das folhas e frutos, que também são pretos. Dá ótima sombra. O chá de sua casca é usado para quebrasuras em geral.

CANAFÍSTULA

Da família das leguminosas, de grande porte, muito ornamental, de folhas penadas, de quatro a oito pares de folíolos. As flores são grandes, amarelo ouro. Sua vargem tem cerca de 60 cm de comprimento. A polpa é usada em medicina popular e a rama serve como forragem para o gado. Há muitas variedades de canafístula.

AROEIRA

É muito conhecida e estimada pela madeira, a mais procurada pela sua resistência à deterioração. É utilizada em obras externas, postes, moirões, estacarias, dormentes etc. É muito conhecida pelas reações alérgicas que suas folhas provocam. Flores, frutos e cascas são medicinais.

TAMARINDEIRO

É também da família das leguminosas-cesalpináceas, originária da Ásia. Atinge até vinte metros de altura. Os frutos, muito saborosos, são empregados em refrescos e marmeladas. Ótimo para prisão de ventre. Sua sombra é copada e sua madeira usada em carpintaria.

ALGAROBA

Árvore redentora do nordeste. De crescimento rápido, sua sombra é muito amena. Os frutos adocicados servem de ração aos animais, além de servirem para bebidas alcóolicas. Sua casca é empregada no curtimento de couro e a madeira é usada em marcenaria.

PAU-DARCO OU IPÊ

É a mais bela árvore do sertão, em seu período de floração. É considerada a flor-símbolo do Brasil. A mais comum é a lilás, embora tenhamos, também, amarela e branca. É uma árvore romântica, decantada na prosa e na poesia. Inspirou os versos à trovadora Nieta Maceira:

Ipê roxo, alvo amarelo,
que foi por meu pai plantado,
seu destino é ser tão belo
e, pelos outros, cantado

Olhos na mais doce prece,
o passante, com certeza,
a Deus do céu agradece
jóia de tanta beleza.

É também medicinal. Teve o seu ciclo de ouro, como possível preventivo contra o câncer a infusão de sua casca.

JUREMA

Há duas qualidades: a branca e a preta, ambas medicinais. Sua decocção produz uma tinta amarela muito apreciada nos cortumes. É espinhosa, eterna inimiga dos intrépidos vaqueiros. Dá boas estacas. Sua flor é branca.

CUMARU

É da família das leguminosas, de madeira muito dura, apreciada pelos marceneiros. É usada para cortumes. Sua flor é muito cheirosa e a semente serve para infusões perfumadas.

CAJUEIRO

É uma árvore frutífera do nosso sertão e do agreste. O seu fruto é de grande valor nutritivo, como fonte de vitamina C. É usado no preparo de refrescos, marmeladas, sorvetes

e doces, os mais variados. Sua castanha oleaginosa é de grande aceitação comercial. O Governo, hoje, vê no cajueiro uma das fontes de riqueza do nordeste e seus planos de plantação em alta escala é uma das metas do desenvolvimento nacional. É uma árvore copada, de caule, ora reto, ora tortuoso, pendente, folhas largas, alternadas, pecioladas. A castanha, de elevado valor energético, com 650 calorias por 100 gr. É muito apreciada no estrangeiro. Das folhas à raiz, o cajueiro é usado na medicina popular. A casca é adstringente e sua resina serve para substituir a goma-arábica. Sua frutificação, presente magnífico da natureza, marcam uma época feliz para o sertanejo.

UMBURANA

É árvore muito conhecida no nosso sertão. A madeira é fraca. Oferece, por incisão, um bálsamo sucedâneo de terebentina. A madeira é usada para gamela, colheres de pau, cochos etc.

INGAZEIRA

De pequeno porte, sua polpa é comestível e a madeira é própria para lenha.

Outras árvores de nossas matas:

Tira-fogo, feijão bravo, jamirim, espinheiro, jaramataia, manguba, sabonete, ubaia, (frutífera) cabelo-de-negro, pageú, coeté, guaxumba, imbiratanha, maniçoba, cipó, sabiá, aroeira, unha-de-gato, calumbi, cravo de urubu, comer de veado, rompe-gibão, mata-calada, jambroão, caraibeira, catingueira, (usada para carvão, lenha e cerca) jucá, Juparama, pau-de-leite, barriguda, umarizeiro, (seu fruto é muito procurado durante a seca, assemelha-se ao amendoim), sensitiva, de flor amarela muito linda, "flamboyants", (adaptada ao nosso meio e de grande beleza decorativa), mulungu (usada para balsas etc.).

De arbustos temos:

Mororó — muito abundante nas caatingas. Magnífico alimento para vacas leiteiras. A madeira flexível, fortíssima, serve de bengalas e varas famosas. Ainda: Mofumbo, marmeleiro, pereiro, de flores perfumadas são a alegria dos campos em maio. Canela-do-mato, camará ou chumbinho, guaxumbo, maria-preta, pimenta brava, velame. Este arbusto é muito usado nas limpezas domésticas e tem agradável aroma. Lembra a Semana Santa e Senhor Morto, pelas folhas que são espalhadas nas igrejas. Há ainda: favela, joá-mirim, pinhão. Este arbusto produz um leite para marcar roupa. É antídoto contra mordeduras de cobra. Os tejos, quando picados por cobras, mordem o arbusto para tirar o seu leite e voltam a atacar as serpentes. Jorge Fernandes, poeta potiguar, inspirando-se nesse fenômeno, escreveu:

BRIGA DO TEJO E A COBRA

Nas pontas dos dedos arfando como um fole
O lagarto pedrês desafia a cobra
Que enrodilhada espera o golpe
Trabalha o sol à toda a força-hora do meio-dia
zinem nos troncos secos os insetos!...
Teju vibra a cauda: — Léxo... recua...
A cobra enrolada arma outro bote...
Lexo! Lexo!... Lexo!...
Lexo!... — luta demorada
Lexo! Lexo!...
Silêncio... luz... movimento de sombras!
Lexo! Lexo!
Num bote certo fere o dente venenoso
Tejo corre à raiz do pinhão e volta imune...
Golpeia de novo-lexo outra volta-lexo!
Lotes... coleios... esses... oitos reluzentes escamosos
Recebe a última chicotada
Extenuada se estira... brilha ensanguentada ao sol
Sob as vistas upadas do tejo arfante e vitorioso.

Da família dos cactus temos: mandacaru, xiquexique, cabeça-de-frade, cabeça-de-negro, cardeiro, macambira, avelós. Talvez seja o avelós, o mais caracteristicamente sertanejo, pelo seu aproveitamento em cercas vivas e infindáveis e resistentes a todas as intempéries. É uma planta oriunda da África. Seu leite é cáustico. Há estudos científicos sobre a possibilidade de ser usado contra o câncer.

De flores do campo, as mais conhecidas são: chanana, malissa, gitirana, massapê, urtiga, fedegoso, salsa e outras.

“Lembranças e Tradições do Açu” não termina com estas páginas. Continuará sempre, enquanto houver povo com suas tradições e costumes.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	05
CANTADORES DO AÇU	09
DE CAVALOS E VAQUEJADAS	21
DE FEIRAS E DE MERCADOS	28
DE ESTÓRIAS DE VAQUEIROS	31
DE RENATO CALDAS — O POETA BOÊMIO	36
DE ANÚNCIOS PITORESCOS	39
DE JOGOS, SONHOS E PALPITES	43
DA SEMANA SANTA, DO SÁBADO DA ALELUIA E DO JUDAS	50
DAS EXCELENCIAS	52
DE SECAS, DE ENCHENTES E DE PROFETAS E PROFECIAS	55
O AÇU NA VOZ DOS SEUS POETAS	61
DE JOÃO LINS CALDAS. SEUS POEMAS E FRASES CELÉBRES	73
DE SUPERSTIÇÕES	78
DE NOMES E APELIDOS DE HOMENS E ANIMAIS	80
DAS COISAS LINDAS QUE O AÇU JÁ TEVE	86
DE CERÂMICA E DE ARTE POPULAR	91
DE ARRIBAÇÃO	94
DE CASAMENTOS E ESTÓRIAS DRAMÁTICAS	97
DE GLOSAS	100
DE TRADIÇÕES POPULARES	109
DE CALUNGAS E MAMULENGOS	113
OPERETA PASTORIL	120
DE DITADOS E EXPRESSÕES POPULARES	144
DE FATOS PITORESCOS, SENTIMENTAIS E DRAMÁTICOS	152
DE AVES E CIA. LTDA.	155
DE CARNAÚBA	161
DE DANÇAS E DE FOLGUEDOS	165
DE CRENÇAS E REZAS POPULARES	171
DE ALIMENTAÇÃO E SEUS DERIVADOS	174
DAS FESTAS DO PADROEIRO E DAS VAQUEJADAS	178
DE ÁRVORES ARBUSTOS E DE SUAS UTILIDADES	181

Composto e impresso
na Gráfica Manlmbu
Rua Açú, 666 — Tirol
NATAL — 1978

O que há de admirável em todas essas páginas é o sabor que soube captar de certos episódios. A alegria com que soube ver e apreciar os acontecimentos locais e seus personagens.

Ex-Prefeita de Ipanguaçu, município vizinho ao Açu, Maria Eugênia conhece a fundo o povo com o qual vive desde a mocidade, sendo muito estimada pela compreensão e solidariedade que sempre demonstrou, na sua luta de administradora e nas campanhas beneficentes que tem enfrentado em favor do trabalhador do campo e suas famílias.

Alma de artista, de fina educação, ela conquistou facilmente a amizade de todos com os quais tem convivido, desfrutando porisso das simpatias gerais do povo açuense.

Seu livro é mais um novo testemunho da fraternidade àquela gente do que um estudo alentado sobre o caráter do homem açuense. É mais u'a homenagem ao povo ao qual se irmanou e cujas virtudes não se cansa de exaltar e propalar em letra de forma.

Reß